

Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas

[www.pos.ufsc.br/poscal](http://www.pos.ufsc.br/poscal)

Campus Universitário Itacorubi

Florianópolis- SC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Departamento do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Hardt Schneider

Florianópolis, 2011

**CONCEITO DE FORMAÇÃO EM ADORNO: INTERFACES COM A MODALIDADE EAD**  
Aléssio da Rosa

**CONCEITO DE FORMAÇÃO EM ADORNO: INTERFACES COM A MODALIDADE EAD**

Aléssio da Rosa

O Conceito de Formação em Adorno é uma importante ferramenta para aprofundar nossa reflexão sobre a EAD. O presente trabalho quer ser uma ferramenta que venha contribuir para aprimorarmos nossa reflexão sobre a Educação e de maneira especial, a EAD.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED**

Aléssio da Rosa

**CONCEITO DE FORMAÇÃO EM ADORNO: INTERFACES  
COM A MODALIDADE EAD)**

Dissertação submetido ao Programa de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação  
Orientador: Prof. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Hardt Schneider

Florianópolis  
2011

[B1] Comentário: Fonte Times (todo o trabalho), Tamanho 10,5 pt. negrito caixa alta, espaçamento simples (todo o trabalho).

[B2] Comentário: Tamanho 10,5 negrito caixa alta

[B3] Comentário: Fonte 9,5, recuo esquerdo 5,5 cm.

[B4] Comentário: Caixa baixa sem negrito



Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da  
Universidade Federal de Santa Catarina

R788c Rosa, Aléssio da

Conceito de formação em adorno [dissertação] :  
interfaces com a modalidade EAD / Aléssio da Rosa ;  
orientadora, Lúcia Hardt Schneider. - Florianópolis, SC,  
2011.

139 p. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa  
de Pós- Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Ensino a distância - Filosofia. 3.  
Conceitos. I. Schneider, Lúcia Hardt. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37



Aléssio da Rosa

**CONCEITO DE FORMAÇÃO EM ADORNO: INTERFACES  
COM A MODALIDADE EAD**

Esta Dissertação foi julgada adequada para o título de Mestre, e aprovada em sua forma final de Programa de Pós-Graduação em Educação.

Florianópolis, 18 de agosto de 2011.

---

Prof. Dr. João Josué da Silva Filho  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Rosana Silva de Moura  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

---

Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

---

Prof. Dr. Selvino Assmann  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Rosely Zen Cerny (Suplente)  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC



## AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido até este momento é marcado pela participação e colaboração de muitas pessoas que foram educadores em minha vida.

Agradeço a Deus pelo dom da vida, saúde, perseverança, e por ter posto tantas pessoas especiais na minha vida que me proporcionaram profundos momentos formativos.

Dedico este trabalho aos meus pais, Aloisio e Eugênia, *in memoriam*, porque na sua singeleza e simplicidade, foram verdadeiros educadores para minha existência.

Aos meus irmãos Evaristo, Betildes, Cristina e Benildes que me possibilitaram o acesso aos primeiros anos de minha formação.

Agradeço imensamente à professora Dra. Lúcia Hardt Schneider, pois suas precisas e preciosas orientações contribuíram efetivamente para que eu pudesse chegar ao término deste trabalho.

A professora Dra. Marlene de Souza Dozol, por ter me incentivado a aprofundar o estudo em Adorno, sob a ótica do seu conceito de formação.

Minha gratidão aos professores Alexandre Fernandez Vaz, Nelita Bortoloto, Maria Hermínia, Marco Franciotti, Selvino Assmann, Roseli Zen Cerny, porque em algum momento deste estudo eu os procurei para alguma orientação e fui muito bem acolhido e orientado.

Aos colegas de turma Marcelo, Rodrigo, Silvério, Mônica, Denise, Geane, José, agradeço as ricas discussões em sala de aula e significativas partilhas de vida em tantos momentos formativos ao longo destes dois anos.

Aos amigos/irmãos Paulo Becher Júnior e Michele Martim, Charlene e Luis Antônio de Joinville, pelo incentivo e sincera amizade de todas as horas.

Aos professores, funcionários e Assessores Pedagógicos (Fabricio Bado e Eliane Kormann Tomazoni) do Colégio São Luiz de Brusque, pelo apoio e incentivo, apesar das minhas ausências do Colégio.

Aos padres da Paróquia São Luiz Gonzaga de Brusque, na pessoa do Pároco Pe. Ari João Erthal, pela amizade fraterna e salutar convivência.

[B5] Comentário: Mesmo padrão da seção primária, porém sem indicativo numérico. Assim como: Dedicatória, Resumo, Abstract, Sumário, Listas, Referências, Apêndices e Anexos.



À Sra. Tereza Viterite, pela acolhida em seu apartamento e carinhosa atenção nos momentos ao longo da pesquisa.

Aos Alunos, Professores e Tutores que participam do curso de Filosofia a Distância da cidade de Videira, pela acolhida e disponibilidade em participar da pesquisa realizada para este estudo.

Enfim, agradeço a todos aqueles e aquelas que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento e conclusão desta importante etapa da minha formação humana.

[B6] Comentário: Corpo do texto, fonte 10,5, justificado, recuo especial da primeira linha de 1 cm, espaçamento simples.



*(....) Concebo como sendo educação (....) não a assim chamada moldagem de seres humanos, porque não temos direito algum de moldar pessoas a partir do exterior; mas também não a mera transmissão do saber, cuja característica de coisa morta, reificada, já foi suficientemente explicitada; e sim a produção de uma consciência verdadeira.*

**Theodor W. Adorno**

[B7] Comentário: Mesmo que anterior, alinhado a direita.



## **RESUMO**

O presente trabalho é um estudo sobre o conceito de formação em Adorno e suas implicações com a modalidade de Educação a Distância, denominada EAD. Apresenta como principal objetivo evidenciar as possíveis contribuições do pensamento de Adorno, em se tratando de conceitos como Formação, Autonomia e Semiformação, e como tais conceitos podem ser analisados considerando a prática investigada e observada, de maneira peculiar no curso de Licenciatura de Filosofia desenvolvido pela UFSC na modalidade EAD, na cidade de Videira – SC. Para tal objetivo desenvolvemos nossa pesquisa sob diferentes aspectos: bibliográfica, revisão de literatura sobre o tema, coleta e análise de dados, a partir do referido curso, aplicando questionários junto aos alunos, tutores e professores, buscando aprofundar a ideia de formação sob as diferentes óticas: professores, tutores e alunos. Confrontamos os resultados e percebemos, sob as perspectivas dos entrevistados, qual a visão de formação que o curso está proporcionando. Ao longo do nosso estudo evidenciou-se que o conceito de formação em Adorno se torna uma ferramenta provocante para pensar a EAD e seus processos pedagógicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação a Distância; Conceito de Formação; Semiformação, Curso de Filosofia em EAD.



## **ABSTRACT**

The current work is a study on the training concept in Adorno and its implications to the mode of Distance Education, called EAD. It presents as its main objective to denote the possible contribution of Adorno's thought, when it comes to concepts such as training, autonomy and semi-formation, and how such concepts can be analyzed take into account the practice being investigated and observed, in a particular way in the course of Bachelor of Philosophy, developed by UFSC in the Distance Education mode, in the city of Videira, SC. For this purpose we have developed our research in different aspects: bibliographic, review of literature on the topic, data collection and analysis from that course, applying questionnaires to the students, tutors and teachers, seeking to deepen the idea of training under different optical: teachers, tutors and students. We examined the results and perceived under the different perspectives of the interviewees, what view the training course is offering. Throughout our study it was shown that the concept of formation of Adorno has become a provocative tool for thinking about Distance Education and its teaching processes.

**KEY WORDS:** Distance Education; Concept Formation; semi-formation, Course of Philosophy in EAD.





## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	27
<b>I CAPÍTULO</b> .....	<b>30</b>
1.1. Educação a Distância – novo modelo de Ensino-aprendizagem? .....	30
1.2. Delimitando a Temática da EAD .....	32
1.3. As Novas Tecnologias de Informação voltadas para a Educação .....	34
1.4. As Políticas Educacionais e os cursos de EAD no Brasil .....	37
1.5. Análise e tentativa de sistematização do debate nacional sobre a EAD .....	42
1.6. A EAD na UFSC.....	47
1.7. O Consórcio Redisul.....	48
1.8. O Curso de filosofia na modalidade EAD da UFSC .....	49
1.9. Os Polos onde o curso de filosofia será desenvolvido .....	50
1.10. A Organização do Curso .....	50
1.11. Duração do curso .....	51
1.12. A Organização do Polo Regional .....	51
1.13. Sobre a Estrutura Curricular .....	52
<b>II CAPÍTULO</b> .....	<b>55</b>
2.1. Alguns dados biográficos de Adorno.....	55
2.2. Algumas Obras e Ensaios de Adorno.....	56
2.3. Adorno e a Formação .....	57
2.4. A Indústria Cultural e sua influência no processo formativo .....	62
2.5. A Educação como resistência à Semiformação.....	67
2.6. A Teoria Crítica e o seu potencial educativo .....	68
2.7. O Esclarecimento como ferramenta à Emancipação.....	70
2.8. Uma perspectiva de Formação em Adorno .....	72
2.9. Formação, cultura e novas Tecnologias .....	74
<b>III CAPÍTULO</b> .....	<b>78</b>
3.1. A Interface do Conceito de Formação de Adorno e os desafios da EAD .....	78
3.2. A EAD e o Ensino Superior gratuito no Brasil .....	79
3.3. A Educação a Distância ou a Distante Educação .....	83
3.4. Os desafios da pesquisa: objetivos e a problematização do questionário.....	88

3.5. Sistematização da coleta dos dados da pesquisa .....	90
3.6. Apresentação da pesquisa realizada e a docência na EAD.....	92
3.7. A formação de professores para atuar na EAD .....	94
3.8. As novas tecnologias, a autoridade do professor e sua práxis....	100
3.9. O desafio dos Tutores e Professores da EAD.....	101
3.10. Discutindo os resultados da pesquisa .....	103
3.11. EAD: uma nova dimensão de interação .....	110
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS. ....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS ..</b> .....	<b>133</b>
<b>ANEXOS / ENTREVISTAS .....</b>	<b>139</b>



## INTRODUÇÃO

Refletir sobre a Educação no Brasil é ter a humildade para trilhar um caminho já percorrido por muitos, compartilhando das experiências já vivenciadas e, ao mesmo tempo, ter a audácia para alçar novos voos. Desta forma, queremos fundamentar nossa pesquisa em Theodor Adorno (1903-1969), a partir do seu estudo sobre a sociedade de sua época e os reflexos para o campo educacional em nossos dias.

Ainda que Adorno, ao longo da sua vida, não tenha se declarado como um teórico da educação, no entanto, para além de docente, músico, filósofo e sociólogo, traz importantes reflexões para o campo educacional.

Ao examinar o conceito de formação em Adorno, o presente trabalho objetiva provocar uma discussão com a modalidade de Educação a Distância (EAD). Essa forma de Educação busca integrar as novas tecnologias de informação e comunicação aos processos educacionais. Se partirmos do pressuposto que a educação tem como missão conduzir o indivíduo à emancipação e que, mediante os vários fatores que interferem neste processo, este objetivo não é alcançado, a EAD poderá ser uma estratégia de grande valia que possibilitará ao Brasil galgar melhores índices educacionais, tão propagados ao longo das campanhas políticas; mas, ao mesmo tempo, tão distantes do dia a dia da escola.

A EAD não é nova no cenário educacional brasileiro, mas cresceu vertiginosamente nos últimos anos devido ao surgimento da sociedade baseada na informação e no desenvolvimento tecnológico. Na sociedade capitalista atual, “sem tempo”, em que a pressa impera no dia a dia, a EAD poderá ser uma alternativa que virá a contribuir significativamente para a democratização do ensino e de outra forma, para atender às demandas educacionais urgentes, tais como a formação de docentes para a educação básica, a formação continuada, em especial no interior do país, onde as dificuldades para o acesso ao ensino também crescem dia a dia. Também quando não observadas as prerrogativas visando proporcionar uma educação de qualidade, a EAD poderá não passar de mera semiformação.

Diante de questões tão difíceis de serem respondidas, desejamos com o presente trabalho, apresentar algumas ponderações a partir do

conceito de formação em Adorno e sua possível interface com as questões que nos são apresentadas a partir do estudo da EAD.

Sabemos que Adorno traça, ao longo dos seus escritos, uma análise muito profunda da sociedade de seu tempo. Alguns desses pontos estudados ressoam no campo da educação e este aspecto de sua obra nos motivou a enfrentarmos este trabalho, tentando partir de seu conceito de formação para traçar alguns pontos comuns com a preocupação que envolve este “boom” da Educação a Distância em nossos dias. Ao longo da elaboração do projeto de pesquisa surgiram algumas dúvidas para a continuidade do mesmo. Por exemplo, nos questionávamos se de fato era viável tal projeto, ou melhor, se haveria ousadia suficiente do pesquisador para encarar tal projeto, visto a grandiosidade da obra de Adorno, e sua fama de autor de difícil acesso, cruzando com as enormes possibilidades desta modalidade que se apresenta com todo vigor no cenário educacional nacional.

Superadas as primeiras dificuldades para a definição do tema e buscando auxílio junto à orientadora e outros professores da UFSC que trabalham há mais tempo com Adorno e outros que atuam na EAD, preparamos uma primeira versão do texto, ainda incompleto, para o exame da qualificação. Essa primeira etapa de nossa pesquisa nos apontou mais caminhos e possibilidades, inclusive confirmou a ideia de se fazer uma pesquisa de campo com alunos de filosofia em algum polo da UFSC, que tivesse o referido curso sendo realizado na modalidade a distância. Em seguida definimos, junto com a orientadora e o coordenador do Curso de Filosofia, que a pesquisa seria realizada, ao longo dos meses de abril e maio do presente ano, no polo de Videira, junto aos alunos, tutores e professores.

A pesquisa aconteceu mediante uma visita do pesquisador ao polo e posteriormente os questionários foram enviados para os alunos, tutores e professores. À medida que as respostas dos questionários foram chegando ao pesquisador, a análise dos mesmos aconteceu de forma a contribuir ainda mais com a elaboração do texto da dissertação.

Após ter percorrido esses caminhos, o texto foi ganhando corpo e veio a ser coroado com a pesquisa realizada no polo de Videira com alunos, tutores e professores, a quem agradecemos a importante contribuição dos entrevistados que foi de suma importância para o direcionamento do trabalho.

No primeiro capítulo trazemos um pouco do histórico da EAD no Brasil, também o seu início na UFSC, dando especial atenção ao surgimento e implantação e como hoje está organizado o Curso de Filosofia a Distância desenvolvido pela Universidade Federal nas cidades polos de Videira (SC), Ibaiti (PR) e Pato Branco (PR).

No segundo capítulo, procuramos desenvolver o conceito de formação em Adorno e suas implicações para o campo da educação. Partindo do pressuposto que, para ele, a educação para a emancipação possui tanto uma dimensão de adaptação quanto uma dimensão de distanciamento da realidade. Quando Adorno fala que a educação torna-se impotente, caso ignore o objetivo da adaptação, está fazendo uma alusão ao necessário processo de estranhamento do espírito, presente na construção do conceito de formação. “De igual forma, a absolutização da subjetividade nega a história humana responsável pela sua produção.” (ZUIN, 1999, p. 123).

No terceiro capítulo, desenvolvemos uma possível interface do conceito de formação de Adorno e os desafios da Educação a Distância, procurando salientar os possíveis reflexos entre a EAD e a concepção adorniana de educação.

Neste mesmo capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa de campo realizada na cidade de Videira-SC, abordando alguns aspectos dos questionários, sendo que os textos com os demais resultados estão disponibilizados nos anexos do trabalho. Ao pontuarmos os resultados da pesquisa, realizamos a apreciação crítica de um curso vivenciado na EAD (Curso de Filosofia), e percebemos como acontece o processo de formação nesta modalidade: ganhos e perdas nesta modalidade, possíveis fragilidades, bem como, as possibilidades.

Para tanto, coletamos estes dados por meio de uma pesquisa de campo realizada com professores, tutores e alunos e com os resultados obtidos nos questionários da pesquisa, fizemos uma interface com o conceito de formação de Adorno, buscando responder a questão que norteia todo nosso trabalho: o conceito de formação de Adorno, de algum modo, pode contribuir para uma melhor aprendizagem ou visão crítica da educação, de modo específico, na modalidade EAD?

## I CAPÍTULO

Neste primeiro capítulo apontaremos, ainda que de maneira muito breve, um pouco da história da EAD. Também farão parte desta trajetória histórica as primeiras iniciativas da EAD em âmbito nacional; as leis que a regulamentam, bem como a chegada desta nova modalidade de ensino na Universidade de Santa Catarina (UFSC). O capítulo culminará na exposição de um esboço da programação do curso de Filosofia na modalidade EAD da UFSC.

### 1.1. Educação a Distância – novo modelo de ensino-aprendizagem?

O tema da Educação a Distância (EAD) é muito abrangente na origem do seu conceito, na expressão legal que norteou suas experiências diversas, bem como na concretização de suas múltiplas possibilidades na era das tecnologias digitais. Quando se fala em EAD não se imagina uma revolução educacional, até então nunca imaginada, em se tratando do tema educação. Ao longo da história da educação a EAD já viveu diferentes fases, sempre ligada às potencialidades dos suportes técnicos que o progresso da ciência foi acrescentando ao desenvolvimento humano ao longo da história da humanidade. Por isso, a história da EAD passa pela fase dos materiais impressos, distribuídos via correio, para ligar e interligar os agentes do processo formativo: mestres e discípulos. Desde a segunda metade do século XIX até 1960, podemos demarcar historicamente a primeira geração da EAD. Durante este período, diversos cursos aconteceram em países como Estados Unidos, Canadá, França, como cursos a distância em nível superior (universitário). Na Inglaterra e na Suécia, destaca-se a atuação e o pioneirismo do instituto Hermod. Já nos EUA, eram 39 universidades que ministravam estudos por correspondência em 1930 (cf. GOUVEIA E OLIVEIRA, 2006, p. 34-42).

O desenvolvimento histórico da EAD está profundamente ligado ao desenvolvimento do sistema capitalista, que proporcionou o avanço tecnológico e científico refletido nas experiências educacionais. Desta forma, Marconi, o criador do rádio, em 1901, criou também um instrumento da qual a EAD fez uso a partir de 1935. Em 1947, por meio da Rádio Sorbonne, quase todas as matérias literárias da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris eram transmitidas aos interessados. Em 1951 nasce a universidade de *Sudafrica*, atualmente a única universidade naquele continente, que se dedica exclusivamente à EAD.

No Brasil, o Movimento de Educação de Base – MEB, nos anos de 1960, conduzido pela CNBB, desenvolveu o processo de alfabetização nas regiões Norte e Nordeste do País, por meio da utilização do rádio. Infelizmente, este programa foi extinto pela ditadura militar de 1964.

Uma vez que a televisão surge em 1935 em nível mundial, e a partir de 1956 se faz presente também em nosso país, ela passa a ser importante instrumento para educação. Após esse momento, passam a surgir as várias TVs Educativas, bem como surgiu, por iniciativa do MEC, o Programa Nacional de Telecomunicação, em 1972. A intensificação do uso dos recursos multimídia (rádio, televisão, vídeos e material impresso), na década de 1980, muito contribuiu para o crescimento da EAD, sendo, sem sombra de dúvida, o seu principal alicerce até hoje.

Os anos de 1990 apontaram para a grande transformação da EAD como modalidade de ensino. Com o progressivo acesso aos computadores e com a conexão com as redes de satélites, do correio eletrônico, das redes sociais, do uso da internet e de um gigantesco compartilhar de diferentes tipos de mídia, alguns obstáculos até aqui tão pertinentes à interação pedagógica entre professores e alunos, são superados com uma velocidade vertiginosa. Com o rápido desenvolvimento da tecnologia, o que no passado era obstáculo devido a extensão do tempo e da distância geográfica, agora com a rapidez da rede mundial de computadores, passa-se a um novo ciclo da educação, agora por meio da utilização da tecnologia digital. (GIUSTA, 2003).

Nosso estudo se desenvolve a partir do decreto presidencial 5.622/05:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (O decreto 5.622/2005 regulamenta o art. 80 da Lei número 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação brasileira. O art. 80 legitima a EAD, em termos legais, em alguns níveis de ensino).



De outra forma, os níveis e modalidades nos quais poderão ser ofertadas as EAD são muito diversificados. O mesmo decreto 5.622, em seu Art. 2º, apresenta um grande leque de possibilidades: na educação básica (para complementação de aprendizagem ou em situações emergenciais, como por exemplo, na educação de jovens e adultos), na educação especial, na educação profissional (cursos/programas técnicos, de nível médio e tecnológico, de nível superior), na educação superior (abrangendo os seguintes cursos e programas: sequenciais, de graduação, de especialização, de mestrado e doutorado). Ainda podemos acrescentar os cursos de extensão, pós-graduação *lato sensu* e os cursos de formação permanente e continuada.

## **1.2. Delimitando a Temática da EAD**

As transformações tecnológicas aconteceram nos mais diferentes setores sociais do país e do mundo. A cada instante, e de maneira muito veloz, atingem diretamente os setores de ponta da sociedade; seja no setor político, econômico, financeiro, bem como no setor educacional. Sem pedir licença, as novas tecnologias entraram em nossas casas e salas de aula. Para o setor industrial, não há outra saída senão a imersão no campo tecnológico, como questão de sobrevivência. Para a escola, exige-se uma atitude rápida e responsável para adaptação neste novo conceito de comunicação e por que não dizer, de educação. Os trabalhadores dos mais variados setores são chamados a ingressar no campo tecnológico como condição *sine qua non* para salvaguardar seus postos de trabalho.

As grandes revoluções tecnológicas, avalancadas e atreladas ao capital, foram direcionadas para o campo econômico ao longo da história da humanidade pensando em desenvolver o ser humano, mas na verdade o conduziram, em muitos casos, ao fracasso tanto individual, quanto coletivo. As consequências deste processo foram, entre tantas outras, a “coisificação” do indivíduo e sua submissão à máquina, o fortalecimento de um modo de ser prereflexivo, não racional e não espiritual; intensificação absurda do processo produtivo; concentração de renda e o desemprego estrutural. O que significa, pois, para o homem e para a sociedade atual, o fato de as revoluções tecnológicas estarem atreladas ao capital global?

Ao mesmo tempo, as novas tecnologias invadem cada vez mais as escolas, as salas de aula, as relações de ensino e aprendizagem, as atividades dos docentes e dos discentes e, com elas, a ideologia

neoliberal se torna programa também nos cursos de formação de professores e na educação escolar. A educação, progressivamente, deixa de ser um direito do cidadão e se torna um serviço a ser exigido, desenvolvido hegemonicamente por instituições particulares, de cunho nacional ou internacional, e estas mesmas passam a exercer a grande concorrência com a escola, mas com um agravante: elas estão na frente, em nível de superioridade, como instância responsável pela formação e qualificação de novos trabalhadores para o mercado cada vez mais exigente e competitivo. E a informação, mercadoria essencial do capitalismo global, passa a fazer frente à formação (*Bildung*<sup>1</sup>) no interior da escola.

É neste contexto tão contraditório que a EAD ganha destaque especial, apesar de não ser uma modalidade nova em educação, pois um dos primeiros cursos por correspondência, foi criado em 1892, na universidade de Chicago, EUA. Em âmbito nacional, temos a utilização do rádio em 1936 por Roquette Pinto, no Rio de Janeiro e pelo Movimento de Educação de Base, MEB, na década de 1960, para fins educacionais. Também se faz lembrar o uso da TV pelas Fundações Roberto Marinho e Padre Anchieta, na década de 1970, para a educação supletiva de 1º e 2º graus. A partir de 1980, sobretudo com a incorporação da rede de satélite e da internet em 1990, a EAD passa a ser cortejada como modalidade ímpar na contribuição para a solução das várias lacunas educacionais acumuladas ao longo da história nacional. No entanto, surgem questionamentos: as novas tecnologias conseguem resolver as lacunas deixadas, ao longo da história da educação brasileira, quando diferentes modelos educacionais ora foram adotados e ora abandonados?

Parece haver uma ambiguidade em torno da utilização das novas tecnologias a serviço da educação. Parece que, enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte de atividade e do pensamento humano, a autonomia do homem enquanto indivíduo diminui. A sua capacidade de opor resistência ao crescente mecanismo de manipulação de massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofreram, aparentemente, uma redução. O avanço de recursos técnicos de informação é acompanhado por um processo de desumanização. Assim, o progresso ameaça anular o que se supõe ser seu próprio objetivo: a ideia de homem. (HORKHEIMER, 1973). Apesar de a tecnologia se caracterizar como ambígua, com a sucessão e a intensificação das transformações tecnológicas, a dimensão sombria e

---

<sup>1</sup> O termo "*Bildung*" será tratado em seguida, no segundo Capítulo.

dominadora da técnica se desenvolveu de modo tão assustador que seus malefícios prevalecem sobre os benefícios trazidos à humanidade. Ao mesmo tempo, não podemos aplicar mecanicamente as categorias adornianas dos anos 40 a 70, que veremos no segundo capítulo, na análise dos impactos das novas tecnologias na vida dos homens do terceiro milênio. No entanto, o diagnóstico radical dos frankfurtianos, sobre a técnica e a razão instrumental do século passado, se faz ainda mais sombrio e preocupante, em nossos dias, com a aceleração da revolução tecnológica e a articulação do desenvolvimento tecnocientífico com capital global. Nesta luta desigual, entre formação e informação na era digital, o elemento mais frágil ainda é o ponto de apoio para uma possível emancipação do indivíduo e da sociedade, a saber, em seu potencial crítico, a EAD, com o uso dos recursos das novas tecnologias, poderá fazer prevalecer a autonomia do indivíduo assegurando a sua formação?

### **1.3. As Novas Tecnologias de Informação voltadas para a Educação**

O discurso sobre a formação de professores na modalidade a distância implica um domínio sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na Educação. São apontados aqui os conceitos e informações sobre a inserção das TICs na Educação que fundamentam esta discussão. Nesta perspectiva há um “ir além” da reflexão das novas tecnologias aplicadas à EAD e se procura avançar na visão sobre a sua utilização na escola, argumentando que a formação realizada na modalidade à distancia pode contribuir para uma reflexão crítica e criativa do professor no exercício da docência.

É inegável que as TICs evoluíram muito nas últimas décadas em todos os campos, em especial no mundo do trabalho e no campo da prestação de serviços, no entanto, é necessário evitar certo deslumbamento em relação às TICs, principalmente em se tratando do campo pedagógico. Ainda que pareça plausível que o uso das novas tecnologias pode auxiliar no desenvolvimento de uma educação transformadora. Para tanto, se requer que este estilo de educar esteja fundamentado no conhecimento crítico, no domínio das técnicas e no contexto sociocultural dos indivíduos em questão. O seu uso poderá proporcionar o desenvolvimento de propostas pedagógicas criativas e críticas que poderão auxiliar o desenvolvimento no processo de formação na EAD.

Para o uso eficaz das novas tecnologias, como importantes ferramentas no processo de ensino-aprendizagem na modalidade EAD, importa o conhecimento de suas reais potencialidades e limitações em relação à maneira correta e eficaz de sua utilização para a construção de significados relevantes à educação escolar a distância.

(...) um conjunto de circunstâncias relevantes que propiciam ao aluno (re) construir o conhecimento dos quais os elementos inerentes o conteúdo, o professor, sua ação e os objetos histórico-culturais que o constituem. O contexto é considerado em toda sua complexidade e multidimensionalidade, englobando as dimensões histórico-social, cultural, cognitiva e afetiva dos sujeitos que o habitam, bem como as tecnologias que dele fazem parte, cujas características devem ser compreendidas, para que se possa incorporá-las numa perspectiva crítica (ALMEIDA, 2008, p. 6).

Para que as novas tecnologias possam, efetivamente, proporcionar uma maior qualidade à educação é necessário que quem as utilize possa ampliar seu horizonte de significado, que tenha uma autonomia interpretativa, a partir de sua utilização. Assim, os sujeitos inseridos no seu ambiente educacional aprendem a utilizar os recursos, ao tomar conhecimento das implicações do seu uso, para atender às necessidades dos envolvidos no processo escolar.

Para além do mero domínio instrumental das tecnologias, requer-se da docência a criação das condições necessárias para que as tecnologias possam ser compreendidas para além da tentação de adotá-las como fetiches, dotadas do poder de autoproduzir-se e auto gerir-se.

O desenvolvimento das TICs está profundamente relacionado ao desenvolvimento capitalista, portanto a sua comercialização está atrelada à lógica do capital, pois as tecnologias atualmente em discussão não são ou não foram criadas para a utilização no campo educacional. A educação se apropria de instrumentos que, via de regra, foram criados para a dinamização do mundo capitalista.

Sendo assim, quando as TICs são utilizadas em visões parciais, dualistas e fragmentadas da realidade, em favor da compreensão do mundo como uma rede integrada de relações torna-se necessário assegurar as condições para que estudantes e professores participem do processo educativo na condição de protagonistas ativos, e não apenas como passivos consumidores e reprodutores.

Para os educadores, um novo desafio se apresenta a partir da necessidade de atuar em dois segmentos diferentes, mas que nas TICs, se complementam: educação e comunicação. Para que haja a compreensão da relação entres esses dois campos, faz-se necessário uma postura crítica deste novo processo que se desenvolve a passos largos. A sociedade hodierna, dita pós-moderna, é edificada sob a égide do uso da técnica, não mais como uma segunda natureza, mas talvez uma terceira ou até quarta, que impõe grandes desafios aos educadores no sentido de repensar a sua atuação no campo pedagógico. Com o desenvolvimento das novas tecnologias houve também o surgimento de novos papéis, em virtude do aparecimento de redes telemáticas, o que gera novos métodos e modalidades de formação, como aquelas ditas educação a distância.

Segundo Belloni (2002), a constituição de um novo campo de conhecimento se faz necessário, agora denominado “mídia-educação”, caracterizado como aquele que melhor traduziria a integração entre duas áreas. Segundo a autora, mídia-educação tem “objetivos amplos relacionados à formação do usuário criativo e ao mesmo tempo crítico de todas as tecnologias de informação e comunicação”. Ela propõe:

a formação de educadores capazes de realizar satisfatoriamente a integração aos processos educativos das novas e velhas tecnologias de informação e comunicação, uma formação integradora para que educadores e comunicadores possam desenvolver as novas funções derivadas da combinação dos dois campos. A formação de educadores sintonizados com as novas linguagens presentes nas mídias e a formação de comunicadores sintonizados com o papel das mídias na educação e sua responsabilidade social podem ser o caminho mais indicado (BELLONI, 2002, p. 38).

Uma nova proposta para a formação de professores na modalidade a distância deve estar alicerçada em conceitos de mídia e educação e, portanto, desta forma, possibilitarão uma atuação mais participativa entre todos os segmentos desta nova modalidade de educação. Por isso, as novas formações deverão contemplar como fundamento principal a integração das novas tecnologias ao ensino como importantes ferramentas pedagógicas no que diz respeito ao objeto de estudo e reflexão, de forma a incentivar os professores e alunos o uso ativo, interativo e crítico das novas tecnologias. (BELLONI, 2002).

Assim, as novas ferramentas não são apenas meros instrumentos que possibilitam a emissão-recepção deste ou daquele conteúdo, mas também visam contribuir para a criação de um espaço que possibilite a discussão sobre a utilização crítica das novas tecnologias de informação e de comunicação nos processos de ensino nos diversos ambientes educativos. Espera-se, desta forma, estimular a utilização dos meios tecnológicos voltados para a educação contribuindo para uma formação de melhor qualidade dos novos professores da EAD.

#### **1.4. As Políticas Educacionais e os Cursos de EAD no Brasil**

Queremos a partir deste ponto, fazer um pequeno resgate histórico das políticas de formação de professores que fundamentam a EAD, desde 1996, em nosso país.

A partir do site da UNESCO-Brasil Tecnologia, podemos perceber que os documentos emitidos pela UNESCO nos anos que antecedem 1996, bem como os anos subsequentes, possuem um visível interesse para desenvolver políticas educacionais para a América Latina e Caribe, de modo preferencial para a modalidade da EAD. Destaca-se sob o título *Tecnologias para a Educação*:

A UNESCO confere alta prioridade ao uso das tecnologias de Informação e Comunicação para o desenvolvimento mais equitativo e pluralista da educação... A UNESCO coopera com o Ministério da Educação nos projetos Informática na Educação, com o objetivo de aplicar tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino aprendizagem.<sup>2</sup>

Na conferência Mundial sobre ensino superior, realizada em Paris de 5 a 9 de outubro de 1998; por iniciativa da UNESCO, reitores e representantes de governos assumiram compromissos claros com a democratização e a universalização do Ensino Superior. Uma das alternativas apontadas para a concretização desse compromisso foi justamente a modalidade da EAD. Nos documentos derivados dessa conferência assinalou-se que o extraordinário desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da informação, com suas oportunidades

---

<sup>2</sup> UNESCO-BRASIL. A UNESCO E A Educação na América Latina e Caribe, 1987-1997. [HTTP://WWW.UNESCO.ORG.BR/](http://www.unesco.org.br/).

de interação e de comunicação imediata, viabilizou a possibilidade de uma educação de qualidade para todos.

O relatório da UNESCO, elaborado em 1998 pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, que recebeu o nome de relatório DELORS, acentua a importância da educação no contexto de uma sociedade globalizada. O relatório destaca os quatro pilares tidos como essenciais para um novo conceito de educação: aprender a conhecer, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a ser. E ainda coloca a modalidade EAD, em decorrência das transformações digitais, como uma das alternativas fundamentais na democratização e universalização do ensino.

No campo das políticas públicas de educação no Brasil, a partir de 1996, temos:

Lei de Diretrizes e Bases, Lei número 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e as bases da educação nacional e legaliza, em seu artigo 80, a educação a distância. Diz a Lei:

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º. A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º. A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diplomas relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º. As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

§ 4º. A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I – custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

II – concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III – reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais. (LDB, 9.394/1996).

A EAD era, até neste momento, uma modalidade já adotada; porém não detinha, ainda, a maioria jurídica. A partir da Lei 9.394/1996, ela começa a apresentar condições necessárias para obter certificação.

O parágrafo 1º, do artigo 80 da LDB de 1996, reza que a “Educação a distância é uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação” (art. 80 da LDB/1996).

A Lei 10.172/2001 cria o “Plano Nacional de Educação”, ampliando as possibilidades da EAD no que diz respeito à universalização e democratização do ensino. No item 06 deste mesmo documento, intitulado “Educação a Distância e Tecnologias Educacionais”, destaca-se o papel que os programas educativos da EAD podem desempenhar no processo de universalização e democratização do ensino, dada a situação de déficits educativos e desigualdades regionais tão elevados. E ao apresentar as diretrizes para a EAD, estabelece que o poder público incentivará o desenvolvimento de Programas de Educação a Distância em todos os níveis e modalidades de ensino.

É preciso ampliar o conceito de educação a distância para poder incorporar todas as possibilidades que as tecnologias de comunicação possam propiciar a todos os níveis e modalidades de educação, seja por meio de correspondência, transmissão radiofônica e televisiva, programas de computador, internet, seja por meio dos mais recentes processos de utilização conjugada de meios como a telemática e a multimídia. (PNE, 2001, p. 54).

Nos itens Objetivos e Metas o PNE estabelece:

Promover, com a colaboração da União e dos Estados e em parceria com instituições de ensino superior, a produção de programas de educação a distância de nível médio; 11. Iniciar, logo após a aprovação do Plano, a oferta de cursos a distância, em nível superior, especialmente na área de formação de professores para a educação básica; 12. Ampliar, gradualmente, a oferta de formação a



distância em nível superior para todas as áreas, incentivando a participação das universidades e das demais instituições de educação superior credenciadas; 13. Incentivar, especialmente nas universidades, a formação de recursos humanos para a educação a distância; 14. Apoiar financeira e institucionalmente a pesquisa na área de educação a distância (PNE, 2001. p. 56).

Documentos referentes à Universidade Aberta do Brasil, UAB, criada em 2005 pelo ministério da Educação, tem como prioridade a formação de educadores, por meio do estímulo à articulação e integração de um sistema nacional de educação superior, formado por instituições públicas de ensino superior, em parceria com estados e municípios brasileiros, utilizando a educação a distância para a veiculação dos conteúdos dos diversos cursos. O sistema UAB visa expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior e, para isso, tem como base fortes parcerias entre as esferas federais, estaduais e municipais do governo. O UAB não propõe a criação de uma nova instituição de ensino, mas a articulação das já existentes, possibilitando levar o ensino superior público aos municípios brasileiros que não possuem cursos de formação superior ou cujos cursos ofertados não são suficientes para atender a todas as pessoas. E para ofertar cursos a distância, cada município deve montar um polo presencial, com laboratórios de informática, biologia, química e física, além da biblioteca. Essa infraestrutura, que inclui ainda o apoio de tutores, fica à disposição dos alunos. As instituições públicas de ensino superior ficarão com a responsabilidade de desenvolver material didático e pedagógico.

A partir de 2007, o Ministério da Educação criou convênios com aproximadamente 291 polos educacionais, possibilitando a abertura de 46 mil vagas de ensino superior a distância e acreditava-se que para o ano de 2010 cerca de mil polos estarão em funcionamento e podem alcançar um total de 300 mil novas vagas no sistema de educação superior. (cf. <http://uab.capes.gov.br/>)

Um novo decreto, 5.622/2006, editado para regulamentar, pela segunda vez, o art. 80 da LDB/1996 pretende revogar o Decreto 2.494/98, gerando uma tensão entre os que já vinham desenvolvendo programas e cursos de EAD. O novo dispositivo legal apresenta uma nova concepção de educação a distância:

Art. 1. Para fins deste decreto, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares e tempos diversos.

No decreto de 1998, a EAD era caracterizada como uma forma de ensino que possibilitava a autoaprendizagem por intermédio de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação. Em 2005, com o novo decreto, essa modalidade educacional deveria acontecer nas atividades entre estudantes e professores tendo como suporte técnico as tecnologias de informação e comunicação. Destaca-se, pois, a intermediação professor-aluno e as tecnologias que são caracterizadas como meios para a mediação didático-pedagógica. Há também uma mudança significativa nos processos avaliativos. Os dois decretos estabelecem, de maneira diferente, as condições de organização dos cursos oferecidos nesta modalidade. No decreto de 1998, os cursos podiam ser organizados em regime especial, com flexibilidade de requisitos para a admissão, horários e duração, sem prejuízo, quando fosse o caso, dos objetivos e das diretrizes curriculares fixadas nacionalmente. No decreto de 2005, as questões do regime especial, da flexibilização e da avaliação são modificadas e expressas nos seguintes termos:

A educação a distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para: avaliação de estudantes; estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente; defesa de trabalho e conclusão de cursos, quando previstos na legislação pertinente; e, atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso (Art. 1. par. 1.).

No decreto de 1998, o processo de avaliação apresenta-se mais aberto e flexível. Diz o decreto no seu Art. 7: “A avaliação realizar-se-á por meio de exames presenciais, de responsabilidade da instituição credenciada para ministrar o curso, segundo procedimentos e critérios definidos no projeto autorizado”. ( Decreto 2.494/98).

E então, o Decreto 5.622/2005 se mostra regressivo em alguns aspectos em relação com o decreto 2.494/98, pois segundo algumas opiniões, o de 2005 se apresenta como conservador e, de outra forma, é visto como prudente para outros.

### **1.5. Análise e tentativa de sistematização do debate nacional sobre a EAD**

A EAD, desde o seu início, se apresentou como um assunto controverso, polêmico por ser, ao longo do seu surgimento, uma possibilidade de ensino alternativo, adotado principalmente por aqueles que, por falta de oportunidades, condições sociais ou mesmo tempo, não tiveram a oportunidade de frequentar um curso regular e presencial. Tornou-se mais controverso ainda, com o intenso desenvolvimento e utilização de novas tecnologias de informação e comunicação a serviço dos ambiciosos projetos governamentais nessa modalidade, no início do novo século.

Há, não obstante, uma grande caminhada, um debate nacional ainda fragmentado, informal, desorganizado e que necessariamente terá de ser sistematizado, dada a fundamental importância que esta discussão ganha com a criação da Secretaria de Educação a Distância, junto ao MEC (1994), com a conquista da maioria desta modalidade (Art. 80, da LDB/1996) e com a criação, em 2005, da Universidade Aberta do Brasil.

Ao longo da caminhada da EAD, houve alguns teóricos que elaboraram alguns comentários e esboçaram algumas críticas sobre esta nova modalidade de ensino aprendizagem.

Antônio Zuin, com o seu artigo intitulado “*Educação a distância ou Educação Distante? O programa Universidade Aberta*” (2006), assim define: “o termo educação a distância parece conter uma contradição imanente que não pode passar despercebida e que suscita de imediato o aparecimento da seguinte questão: pode um processo educacional/formativo ser desenvolvido a distância”? - Segundo Zuin (2006), a partir das bases epistemológicas e dos diversos métodos empregados nas salas de aulas, o escopo central de tal processo é o de proporcionar condições favoráveis para a aproximação e não para o distanciamento entre professores e alunos. Enquanto nos contatos a distância, os agentes educacionais, separados espacialmente, se relacionam entre si, pela mediação dos aparatos tecnológicos. A

comunicação secundária torna-se hegemônica em relação à comunicação primária. A proximidade humana, que só pode ser gradativamente construída ao longo do convívio mútuo e da troca de experiências, é substituída pela proximidade artificial das máquinas. Pergunta-se: que tipo de relação pedagógica pode ser instruída entre os agentes da EAD? Qual a linguagem se estabelece nesta relação? (cf. ZUIN, 2006, 935-954).

De outro lado, GIUSTA (2003), em seu artigo “*Educação a distância: contexto histórico e situação atual*”, tenta apresentar o tema como algo polêmico, mas para além disto é educação, que se define como formação humana, cujas finalidades podem ser sintetizadas na formação do aluno para o exercício da cidadania. Para ela a EAD é de grande importância, pois parte do princípio que atende o direito à educação como direito básico de todo cidadão. Essa importância advém do fato de a EAD ser uma modalidade flexível de educação, pelas quais professores e alunos são chamados a se envolverem no processo de ensino-aprendizagem, em espaços e tempos separados fisicamente, utilizando-se da mediação propiciada por diferentes tecnologias, principalmente pelas tecnologias digitais. “Os avanços das novas tecnologias da comunicação e da informação propiciaram o desenvolvimento de propostas de EAD assentadas na interação entre seus usuários, o que antes constituía entraves a essas propostas” (GIUSTA, 2003, p. 22-27).

Para outros, a partir da EAD, o papel do professor cada vez mais se torna esvaziado. Ao lado do professor surgem outros aspectos da docência, até então desconhecidos no campo da educação, que poderíamos chamar de novas categorias. Tais categorias pedagógicas classificam o professor como o facilitador (animador, tutor, monitor) do processo de aprendizagem. A categoria trabalho está cada vez mais sendo substituída por prática reflexiva, tarefas e atividades docentes. Com isto, o professor desenvolve um novo papel: colabora, pela utilização das novas tecnologias, para que o aspecto técnico se sobreponha a dimensão pedagógica, e o resultado desta equação, se manifesta na pulverização da figura do professor como autoridade pedagógica. Para Zuin (2006), um dos grandes desafios do ensino a distância é o de fornecer condições para que os professores “ausentes” se tornem presentes junto aos alunos na construção do conhecimento.

A “presentificação” do professor se faz, paradoxalmente, por meio de sua “virtualização”, ou seja, pela possibilidade de se espicaçar o

desenvolvimento de um número cada vez maior de representações que estimulem os alunos a questionar os conteúdos transmitidos, os quais, ao invés de serem absorvidos, podem ser elaborados criticamente (ZUIN, 2006, p. 935-954).

Para alguns teóricos, uma palavra que pudesse traduzir o momento atual da educação em se tratando de EAD é “autonomia”. Mediante o uso das TICs, o processo pedagógico de vertente construtivista acontece mediante a facilitação do processo de aprendizagem autônoma do aluno via TICs.

Para Magnavita (2003), no artigo “*Educação a distância: novas perspectivas para a formação dos professores*”, a tarefa do processo educacional precisa ter como eixo a concepção de um sujeito que, nas mais diversas redes; estabeleça novas formas de contato e expressão no mundo, não mais como consumidor das produções, mas como autor, produtor. Diz ela: “Reiteram-se e assumem-se posições teóricas de autores como Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, entre muitos outros que defendem a formação de um sujeito ativo, crítico, reflexivo, deliberativo, ético e autônomo”. (MAGNAVITA, 2003, p. 340).

Segundo Arelaro (2007), ao analisar o relatório “*Escassez de Professores no Ensino Médio: Soluções Estruturais e Emergenciais*”, elaborado pelo Conselho Nacional de Educação, a não ser em casos excepcionais, é um equívoco imaginar que o ensino a distância vai fazer com que todos tenham uma chance.

Uma coisa é participar de um chat com os alunos que me encontram. Outra coisa é um curso de graduação. Pode-se usar a tecnologia a favor do grupo, mas acho que as experiências de ensino a distância feitas por aí não apresentam tanta eficácia assim. Entendo que o tête-à-tête promove uma “amorosidade” nas relações. No ensino a distância, você tem um animador cultural, em geral um pedagogo, que discute todas as questões. Eu tive 11, 12 professores que pensavam diferentemente entre si e dessa divergência de opção teórica construí a minha, e não de um monitor. (ARELARO, L. “O apagão anunciado de professores” na “rede pública”. *Jornal O Estado de São Paulo*, Seção Aliás J3, 08/07/2007).

Para Zuin (2006), a EAD exige dos professores uma formação pautada na criatividade e na reflexão como fundamento para a sua autonomia. Mas isto está resguardado no ambiente da EAD? “Não são poucas as pesquisas que alertam a respeito da predominância da aprendizagem passiva entre os alunos de tais programas, os quais absorvem, ao invés de elaborar, os conteúdos aprendidos e se sentem desestimulados a continuar os estudos” (ZUIN, 2006, p. 946).

Mais ou menos por este caminho Pucci (2004) no artigo “*A escola e a semiformação mediada pelas novas tecnologias*”, ressalta a dificuldade de os alunos, em suas relações pedagógicas com os docentes, adquirirem a autonomia; pois a autoridade do professor, na sala de aula, se mostra cada vez mais frágil e desacreditada. As reformas escolares, necessárias para adequar a educação aos novos tempos, descartam a tradicional autoridade do mestre e, ao mesmo tempo, enfraquecem sua relação com as coisas do espírito. E, com a introdução da escola nova e das novas metodologias importadas dos Estados Unidos da América (EUA), permeadas do pragmatismo americano, a atenção se volta ao aluno, a sua iniciativa, ao seu redor, aos acontecimentos que lhe dizem respeito naquele momento.

Pucci (2004) nos fala da identificação do discípulo com o seu mestre. O aluno que se identificava com o mestre, no processo formativo, e ao mesmo tempo era desafiado a superá-lo, agora não tem espaço e tempo para se dedicar a generalidades e a especulações. “É uma formação funcionalista que o devora” (PUCCI, 2004, p. 3). E, ainda, se isso acontece na educação formal, onde o contato com o professor é contínuo e direto, há mais razões para acontecer na EAD.

Para Ferreira (2003), a EAD se apresenta no contexto pedagógico como mais uma opção metodológica, que traz consigo uma série de características que impõem a necessidade de novas adaptações às novas aprendizagens por parte de todos aqueles que farão, ou fazem, parte desta nova modalidade educacional.

Do ponto de vista pedagógico a EAD deve ser encarada como um instrumento de qualificação que traz uma fundamental contribuição ao processo pedagógico e ao serviço educacional. Para confirmar esta afirmação, deve-se analisar seu potencial de utilização na capacitação e atualização dos profissionais da educação e na formação e especialização em novas ocupações e profissões. Nestes dois campos educacionais a EAD teve um crescimento significativo nos níveis

médio e superior. Além disso, a EAD, por suas próprias características, se constitui em canal privilegiado de interação com as manifestações do desenvolvimento científico e tecnológico no campo das comunicações (FERREIRA, 2003, p. 09).

Ferreira (2003) nos alerta sobre a visão errônea que pode pairar sobre a EAD, no sentido de ser vista como a grande alternativa para a democratização do ensino no país.

É preciso ter muita clareza sobre as condições de ter a EAD como alternativa de democratização do ensino. As questões educacionais não se resolvem pela simples aplicação técnica burocrática de um sofisticado sistema de comunicação, num processo de “modernização cosmética”. Isso a ninguém serve, exceto aos “empreendedores espertalhões com suas escolas caça-níqueis” ou governos mal intencionados. Sob o ponto de vista social, a Educação a distância, como qualquer modalidade de educação, precisa realizar-se como uma prática social significativa e consequente em relação aos princípios filosóficos de qualquer projeto pedagógico: a busca da autonomia, o respeito à liberdade e à razão (FERREIRA, 2003, p. 09).

Parte-se do princípio que os dilemas educacionais não podem ser resolvidos por um emaranhado de técnicas, de um sofisticado sistema de comunicação, num substancial processo em vias de modernização. Para que a EAD seja realmente um elemento significativo na transformação do modelo educacional deve objetivar a melhoria da sociedade, constituindo-se como uma prática social pautada em princípios filosóficos que visem à construção do conhecimento, da autonomia e da consciência crítica do educando.

## 1.6. A EAD na UFSC

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) iniciou a educação na modalidade a distância em 1995, estabelecendo como prioridade a pesquisa e a formação de pessoas através de projetos de extensão.<sup>3</sup> Desde o ano de 1995 o Laboratório de Ensino a Distância, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, desenvolveu uma série de cursos em nível de Pós-graduação, especializações e mestrados. No entanto, a experiência com os cursos de graduação à distância é inédita e teve início com os cursos de Física e Matemática.

Após quase dez anos de intenso trabalho nesta modalidade, a UFSC implementou o ensino de graduação à distância com a oferta de cursos de graduação nesta modalidade. Numa primeira etapa foram ofertados os cursos apenas de Matemática e Licenciatura em Física. Com o passar do tempo foram surgindo novas demandas. Surgem então os novos polos, localizados, na maioria, no interior do Estado, que ofereceram o suporte necessário para a abertura dos novos cursos. Os municípios oferecem a infraestrutura e os equipamentos necessários para a realização do curso. Salas equipadas com computadores, impressoras, laboratórios experimentais, miateca, sala de tutoria, sala de estudos e auditório para a realização das videoconferências; além das avaliações presenciais e dos seminários de integração.

Desde o início do processo de educação à distância, a Universidade Federal de Santa Catarina, além de gerenciar novos processos de educação e comunicação, atuou na produção de conhecimento nas áreas de cursos que eram oferecidos. De tal forma, ao longo destes anos de desenvolvimento da EAD na UFSC, houve uma contínua ampliação dos cursos oferecidos, e, de igual, forma um desenvolvimento da aplicação das novas tecnologias a serviço da educação, na modalidade a distância.

Em maio de 2004 a UFSC criou a Secretaria de Educação a Distância (SEAD)<sup>4</sup>. A missão da secretaria é garantir a qualidade de ensino em todas as etapas de planejamento, bem como implantação e promoção dos cursos oferecidos pela universidade.

---

<sup>3</sup> <http://EAD.ufsc.br/> Acessado em 12/09/2010.

<sup>4</sup> A Secretaria de Educação a Distância foi oficialmente criada pelo Decreto 1.917, de 27 de maio de 1996. Entre as suas primeiras ações, neste mesmo ano, estão a estreia do Canal TV Escola e a apresentação do documento-base do “programa Informática na Educação”, na III Reunião Extraordinária do Conselho Nacional de Educação (CONSED).



Ainda em maio de 2004, o Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação a Distância, lançou a Chamada Pública MEC/SEED nº 01/2004, convidando as universidades públicas a oferecerem cursos na modalidade a distância nas áreas de Física, Química, Matemática, Biologia e Pedagogia, no âmbito do Programa Pró-Licenciatura. Este programa do Ministério da Educação é iniciativa da SEED, em seus primeiro e segundo editais, articulando propostas por meio de duas Secretarias: a Secretaria de Educação a Distância e a Secretaria de Educação Básica. O Programa tem como objetivo “a oferta de vagas para cursos de licenciatura, na modalidade a distância, nas áreas de maior carência de professores para a Educação Básica por meio de assistência financeira a instituições de ensino superior públicas, comunitárias e confessionais” (BRASIL, 2008b, sem paginação).

O Pró-licenciatura tornou-se um programa de grande valia para a UFSC, pois possibilitou os primeiros movimentos da Universidade Federal para atuar na licenciatura a distância, sendo que sua experiência anterior nesta modalidade é restrita a um curso de complementação para a licenciatura.

## 1.7. O Consórcio Redisul

O primeiro grande desafio a ser superado para que a UFSC se candidatasse ao Edital 01 (Pró-licenciatura) e iniciasse a oferta das licenciaturas a distância foi a criação de um consórcio, conforme exigência do referido edital. No Sul do Brasil foi formado o Redisul.

O Redisul foi criado em julho de 2004, com o objetivo de implementar uma rede de ensino a distância que possibilitasse a oferta de cursos de formação de professores para os sistemas de ensino dos Estados da Região Sul do Brasil. Este consórcio foi composto por instituições Públicas de ensino, unindo Universidades e Centros Federais de Educação Tecnológica. O consórcio Redisul era composto por 14 Universidades e 02 Centros Federais de Educação Tecnológica.<sup>5</sup>

O trabalho e o desenvolvimento da secretaria da EAD possibilitaram parcerias com as mais diversas instituições educacionais do Estado nestes últimos anos. De tal modo que, em apenas alguns anos, foram ofertados mais de 25.000 vagas para a capacitação de

---

<sup>5</sup> Tese de doutorado de Roseli Zen Cerny – *Gestão Pedagógica na Educação a Distância*, p. 130. Acessado no ambiente comum. Data: 13/10/2010.

profissionais, em cursos gratuitos, nos mais diversos setores da sociedade em todo o território nacional.

Fazer a EAD é, antes de tudo, fazer Educação; uma educação que é mediada pelas TICs e também requer um planejamento eficaz para que todas as etapas do projeto ocorram da melhor maneira possível.

Os desafios encontrados na EAD surgem, muitas vezes, dos preconceitos em relação às inovações, tanto tecnológicas, bem como inovações no campo educacional. Um dos grandes questionamentos dos educadores reside na dúvida se a EAD substituirá ou não, o ensino presencial. Entretanto, até o presente momento, o desenvolvimento da modalidade EAD vem demonstrando que não se parte do princípio da substituição do ensino presencial por um ensino feito a distância, mas no sentido da complementaridade. Assim, não se substitui um em detrimento de outro segmento, mas um vem somar e potencializar melhor qualidade para o outro segmento.

Desta forma seria no mínimo imprudente perceber a EAD como a possível solução para os problemas educacionais emergenciais, nem tampouco considerá-la como uma alternativa para substituir a educação presencial. No entanto, há de se reconhecer o grande potencial desta modalidade, ainda nova, para o ensino superior no que se refere à integração das novas tecnologias na Educação, no sentido de otimizar o ensino, flexibilizar e democratizar as oportunidades de acesso à Educação num país tão diversificado como o nosso.

### **1.8. O Curso de Filosofia na modalidade EAD da UFSC**

O curso de Licenciatura em Filosofia na modalidade a distância faz parte da iniciativa federal que instituiu o Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é uma das instituições participantes deste projeto em parceria com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), e demais instituições de ensino superior do país, busca oferecer cursos na modalidade a distância com a finalidade de expandir e interiorizar cursos e programas de educação superior no país.

Conforme “O Manual Guia do aluno” o curso é operacionalizado pelo departamento de Filosofia que trabalha em parceria com a equipe multidisciplinar de coordenação pedagógica e de produção de material do Centro de Ciências da Educação (CED).<sup>6</sup>

<sup>6</sup> <http://EAD.ufsc.br/> Acessado em 05/10/2010.

A UFSC, tendo uma experiência de caminhada em EAD desde 1995, a partir de 2007 se integra ao sistema UAB com o objetivo de promover a democratização da formação superior que oferece através do curso de Filosofia na modalidade presencial.

O projeto que define a estrutura pedagógica do Curso de Licenciatura em Filosofia está ancorado em três princípios fundamentais para a formação de professores, a saber:

1- Interação; 2- Cooperação; 3) Autonomia.

Destaca-se que estes três conceitos têm a finalidade de orientar o design teórico metodológico do curso, proporcionando a possibilidade de promover as interfaces com as mais diversas áreas de trabalho.

O curso de Filosofia na modalidade a distância oferece uma perspectiva pedagógica inovadora, enriquecida pelos recursos técnicos on line; tais como conteúdos audiovisuais – documentários, entrevistas com especialistas nas áreas da filosofia e exposição de temas filosóficos diversos -, e ainda os links disponíveis na rede com textos acadêmicos da área, fóruns e chats sobre os temas trabalhados com os alunos.<sup>7</sup>

### **1.9. Os Polos onde o curso de Filosofia será desenvolvido**

A grande missão do curso de Licenciatura em Filosofia no sistema EAD, da UFSC, é formar professores da rede pública de ensino dos Estados de Santa Catarina e Paraná, oferecendo 300 vagas para tal propósito, distribuídas em três diferentes cidades, duas no Paraná – nas cidades de Ibaiti e Pato Branco - e uma em Santa Catarina - na cidade de Videira.

### **1.10. A Organização do Curso**

Tendo por objetivo formar professores para atuar no Ensino Básico deseja-se, por meio do curso, que os licenciados adquiram o conteúdo teórico necessário para promover um maior diálogo com as diversas áreas do conhecimento, bem como, garantir uma constante interação com as diferentes exigências da sociedade contemporânea.

Por isso o curso procura desenvolver<sup>8</sup>:

- A reflexão analítica de conceitos, áreas e autores filósofos;

<sup>7</sup> <http://EAD.ufsc.br/GUIA DO Aluno> – Acessado em 10/10/2010.

<sup>8</sup> <http://EAD.ufsc.br/GUIA DO Aluno> – Acessado em 10/10/2010.

- A crítica sobre perspectivas teóricas adotadas nas investigações de caráter filosófico;
- O desenvolvimento de uma postura acadêmico-científica frente às questões da realidade contemporânea;
- O exercício profissional com utilização de tecnologias contemporâneas, seguindo os desafios da sociedade contemporânea;
- A percepção sobre a relação entre conhecimentos filosóficos e o entendimento de contextos interculturais;
- O domínio dos conteúdos pedagógicos teóricos e práticos que permitam a transposição dos conhecimentos para os diferentes níveis de ensino;
- A atuação consciente e autônoma na busca de uma formação continuada e abrangente.

### **1.11. Duração do curso**

O curso de Filosofia na modalidade EAD terá a duração de oito períodos (semestres), mediante o qual o aluno, ao longo deste período, deverá cumprir 30% da carga horária em atividades presenciais e 70% a distância.

As atividades presenciais são organizadas da seguinte forma:

A carga horária presencial será de 30% do total da carga horária de cada disciplina oferecida nos polos de apoio regionais, sendo assim distribuída:

- a) aulas por videoconferência, realizadas pelos professores das disciplinas, com a participação de todos os polos simultaneamente;
- b) encontros de estudos presenciais entre professores e alunos para esclarecimentos de dúvidas e aprofundamento de questões;
- c) organização e acompanhamento de atividades de prática de ensino e estágio supervisionado;
- d) avaliações presenciais: as avaliações serão elaboradas pelos professores e aplicadas pelos tutores dos polos regionais. As atividades farão parte de um cronograma geral definido pela coordenação do curso.

### **1.12. A Organização do Polo Regional**

O polo será o local onde o aluno encontrará toda a estrutura disponível para efetuar o seu estudo. Além disso, é o local dos encontros

presenciais, e também onde se encontra com o tutor e os demais colegas de curso. A equipe do polo é composta dos seguintes profissionais:

a) Coordenador de Polo de apoio Regional: responsável pela parte administrativa e gestão acadêmica.

b) Auxiliar para Secretaria: para serviços gerais de secretaria.

c) Bibliotecário: para organizar, armazenar e divulgar o acervo, visando otimizar o uso do material bibliográfico e especial, proporcionar serviços bibliográficos e de informação.

d) Tutor Presencial: responsável pelo acompanhamento no processo ensino-aprendizagem de 25 alunos em todas as disciplinas do período.

e) Técnico em informática: responsável pela manutenção e assistência aos equipamentos de informática.

Em cada polo o aluno terá à sua disposição uma biblioteca, computadores conectados à rede internet, equipamentos para videoconferências e salas de estudo, bem como, o suporte técnico e administrativo para o desenvolvimento do curso.

### 1.13. Sobre a Estrutura Curricular

Segundo o *Guia do aluno*, o curso de Licenciatura em Filosofia está planejado a partir de dois núcleos de conhecimentos, resultando em 33 disciplinas e a carga horária de 3.414 horas: Núcleo Fundamental e o Núcleo complementar divididos em oito períodos.<sup>9</sup>

#### NÚCLEO FUNDAMENTAL

##### Primeira fase

Código	Disciplina	H/A	PCC	Total
MEN 9101	INTROD. À EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	60		60
FIL 5601	HISTÓRIA DA FILOSOFIA I	90	36	126
FIL 5600	TEORIA DO CONHECIMENTO	72		72
FIL 5611	ÉTICA I	72	36	108
FIL 5621	ONTOLOGIA I	72		72
Total		366	72	438

<sup>9</sup> <http://EAD.ufsc.br/> Guia do Aluno, acessado 11/10/2010

**Segunda fase**

Código	Disciplina	H/A	PCC	Total
FIL 5602	HISTÓRIA DA FILOSOFIA II	90	36	126
FIL 5631	LÓGICA I	72		72
FIL 5622	ONTOLOGIA II	72		72
FIL 5641	FILOSOFIA POLÍTICA I	72	36	108
	Total	306	72	378

**Terceira fase**

Código	Disciplina	H/A	PCC	Total
FIL 5603	HISTÓRIA DA FILOSOFIA III	90	36	126
FIL 5612	ÉTICA II	72	20	92
FIL 5632	LÓGICA II	72		72
FIL 5650	ESTÉTICA	72		72
	Total	306	56	362

**Quarta fase**

Código	Disciplina	H/A	PCC	Total
FIL 5604	HISTÓRIA DA FILOSOFIA IV	90	36	126
FIL 5642	FILOSOFIA POLÍTICA II	72		72
FIL 5651	FILOSOFIA DA LINGUAGEM	72	20	92
FIL 5652	FILOSOFIA DA CIÊNCIA	72		72
	Total	306	56	362

**NÚCLEO COMPLEMENTAR****Quinta fase**

Código	Disciplina	H/A	PC C	Total
PSI 5137	PSICOLOGIA EDUCACIONAL: DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM	72		72
MEN 5121	DIDÁTICA GERAL	90	36	126
FIL 5660	SEMINÁRIO DE ENSINO DA FILOSOFIA	108	54	162
FIL 5313	FILOSOFIA DO DIREITO	72		72
	Total	342	90	432

**Sexta fase**

Código	Disciplina	H/A	PCC	Total
MEN 5316	METODOLOGIA DE ENSINO DE FILOSOFIA	72		72
EED 5301	ORGANIZAÇÃO ESCOLAR I	72		72
FIL 5633	ÉTICA III	72		72
FIL 5652	FILOSOFIA DA CIÊNCIA II	72		72
	Total	288		288

**Sétima fase**

Código	Disciplina	H/A	PCC	Total
EM 5315	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENSINO DE FILOSOFIA I	216		216
FIL 5680	FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	108	54	162
FIL 5643	FILOSOFIA POLÍTICA III	72		72
FIL 5623	ONTOLOGIA III	72		72
	Total	468	54	522

**Oitava fase**

Código	Disciplina	H/A	PCC	Total
MEN 5316	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENSINO DE FILOSOFIA II	216		216
EED 5301	LIBRAS PARA LICENCIATURA EM FILOSOFIA	72		72
FIL 5633	LÓGICA III	72		72
FIL 5652	FILOSOFIA DA LINGUAGEM II	72		72
	Total	432		432

**Distribuição da Carga Horária**

Formação Geral	Formação Específica	Formação Pedagógica	Prática como Componente Curricular	Total
2.382h	200h	432h	400h	3.414h

## II CAPÍTULO

No segundo capítulo, procuramos pontuar alguns elementos da obra do Frankfurтинiano sobre educação/formação, que nos permitem visualizar um possível conceito de formação em Adorno.

### 2.1. Alguns dados biográficos de Adorno

Theodor Adorno nasceu em 11 de setembro de 1903, na cidade de Frankfurt, Alemanha. Era filho único, o pai, Oscar Wiesengrund Adorno, era judeu-alemão convertido ao protestantismo. A mãe, Maria Calvelli-Adorno della Paina, era cantora profissional e católica. Adorno foi batizado católico, e confirmado protestante; e ao longo de sua vida não se identificou com nenhuma religião. Em Frankfurt, fez seus primeiros estudos e lá obteve sua graduação em Filosofia.

Entre 1929 e 1930, Adorno escreveu *Kierkegaard – Construção do Estético*, que foi aceito como tese de habilitação em 1931, por Paul Tillich, e publicado (após ampla revisão) em 1933, na mesma época em que os nazistas assumiram o poder.<sup>10</sup>

Em Viena, estudou composição musical com Alban Berg. Em 1933, com a tomada do poder pelos nazistas, foi obrigado a refugiar-se na Inglaterra, onde passou a lecionar na Universidade Oxford, ali permanecendo até 1937. Nesse mesmo ano, transferiu-se para os Estados Unidos, onde escreveria, em colaboração com Horkheimer, a obra *Dialética do Esclarecimento* (1947). Foi também nos Estados Unidos que Adorno realizou, em colaboração com outros pesquisadores, um estudo considerado posteriormente como um modelo de sociologia empírica: *A Personalidade Autoritária*. Esta obra foi publicada em 1950, ano em que Adorno pôde regressar à terra natal e reorganizar o Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt. Entre tantas outras obras publicadas por Adorno, antes de sua morte, ocorrida em 1969, destacam-se a *Metacrítica da Teoria do Conhecimento - Estudos Sobre Husserl* e as *Antinomias Fenomenológicas* (1956), *Dissonâncias* (1956), *Ensaio de Literatura I, II e III* (1958 a 1965), *Dialética Negativa* (1966), *Teoria Estética* (1968) e *Três Estudos Sobre Hegel* (1969).

---

<sup>10</sup> ADORNO, Marcio SELIGMANN-SILVA, Publifolha, 2003, p.25.



## 2.2. Algumas Obras e Ensaios de Adorno

Na coletânea “*Palavras e Sinais: modelos críticos*” (1969), compilação de 11 ensaios, há dois que tratam da questão educacional específica, denominados: “*A educação após Auschwitz*” e “*Tabus que pairam sobre a profissão de ensinar*”. Já na coletânea intitulada “*Sociológica*” (1966), com textos de Adorno e Horkheimer, há o ensaio de capital importância para entender os fundamentos educacionais de base adorniana, denominado *Teoria da Semicultura* (1996). Em 1995, Wolfgang Leo Maar traduziu um conjunto de conferências e entrevistas de Adorno, sobre o tema educação, e publicou-as no livro denominado “*Educação e Emancipação*” (1995b). Essas conferências e entrevistas são assim nominadas: “*O que significa elaborar o passado*”, “*A filosofia e os professores*”, “*Televisão e formação*”, “*Tabus acerca do magistério*”, “*Educação após Auschwitz*”, “*Educação — para quê?*”, “*A educação contra a barbárie*”, “*Educação e Emancipação*”. Nessas conferências Adorno apresenta algumas sugestões concretas sobre a relação teoria/prática educacional, contribuindo para amenizar a imagem do crítico um tanto negativo, predominante em seus escritos, segundo a visão de alguns dos seus leitores.

Ao longo da sua vida de intelectual, Adorno se mostra um refinado crítico da sociedade, e desenvolve obras que não tem em si a pretensão de apresentar um caráter educacional, mas que indiretamente, traduzem valiosas contribuições ao tema educacional.

Assim, produz obras como *Minima Moralia*, de 1951, em que descreve formas contemplando as dimensões estético-filosóficas para abordar as questões éticas da contemporaneidade. Em *Dialética do Esclarecimento*, 1947, surge uma análise da caminhada não linear da razão moderna frente aos caminhos sedutores do conhecimento e da técnica, nas suas dimensões éticas, filosóficas, culturais, psicológicas. Em *Notas de Literatura*, de 1965, descreve a singularidade de artistas, algumas obras de arte e instituições culturais, e a partir de sua visão estética elabora ensaios que expressam a sua percepção e sensibilidade crítica. Já na obra *Dialética Negativa*, de 1966, temos um conjunto numeroso de fragmentos que instigam ou repelem o leitor a aprofundar e com perseverança avançar na difícil e sutil compreensão do texto. Em *Teoria e Estética*, lançada em 1970, Adorno expressa a tensão entre a obra de arte e a sociedade que a recebe.

Suas obras traduzem uma visão filosófica, estética e literária de mundo. Sua escrita é plasmada pela densidade e leveza permeada por

uma gama plural de ideias e diferentes caminhos que a originaram. Partindo de suas intuições, desenvolvemos nossa pesquisa a partir da teoria crítica de base adorniana e seus reflexos na educação de hoje, de modo especial, a Educação a Distância.

### 2.3. Adorno e a Formação

A preocupação com a formação e a educação são questões que estiveram presentes nos debates ao longo da história da humanidade. Segundo o que nos apontam os gregos, o conhecimento de si mesmo e do mundo que o cerca, possibilitam ao homem a sua realização. Por isso a busca pela verdade é um caminho formativo em nível pessoal e comunitário. Um dos mais veementes exemplos deste direcionamento pode ser percebido na República de Platão.<sup>11</sup> A formação nos remete a um indivíduo livre, consciente de si mesmo e de sua cultura, que atua na sociedade por meio desta consciência e em coletividade.

Em Adorno, percebemos a formação humana como incompleta, fundamentada na barbárie e impregnada por conceitos ideológicos em consequência de uma simplificação ou redução do conhecimento. O filósofo alerta os educadores em relação ao deslumbramento geral e, em particular, o relativo à educação, que ameaça o conteúdo do processo formativo em função de sua determinação social. Para Adorno, as investigações sobre os fatores sociais que interferem na formação cultural e que poderiam contribuir para a sua compreensão são insuficientes; e os primeiros momentos a serem compreendidos deveriam ser os que compõem a totalidade social da formação cultural.

Adorno se detém na formação educacional por motivação análoga que instigou Kant a se ocupar do esclarecimento da Ilustração. Assim como a Ilustração tornara-se problemática no final do século das Luzes, a formação converteu-se em problema nesta segunda ilustração que se estende desde os inícios do movimento que, centrando-se no trabalho social, leva a ciência a se converter em força produtiva social. O quadro mais avassalador dessa situação é o capitalismo tardio de nossa época, embaralhando os referenciais da razão nos termos de uma racionalidade produtivista pela qual o sentido ético dos

---

<sup>11</sup> BECHER JR., PAULO. A filosofia de Emmanuel Lévinas e aspectos da formação humana. Tese de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 77, 2010.

processos formativos e educacionais vaga à mercê das marés econômicas. A crise da formação é a expressão mais desenvolvida da crise social da sociedade moderna (ADORNO apud MAAR, 1995, p.16).

Adorno afirma que a formação cultural se converte em semiformação socializada. Aprisionada nas malhas da socialização, a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual e, por isso, exige uma teoria que não considera a ideia de cultura de forma sagrada, o que, para ele, estaria reforçando a semiformação. A formação, então, nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva. Ela visa propor condições para a autonomia e a liberdade; mas dentro das condições determinadas pela Indústria Cultural, o indivíduo é privado de uma consciência crítica gerando a impossibilidade de desenvolvimento desta autonomia.

A formação que por fim conduziria à autonomia dos homens precisa levar em conta as condições a que se encontram subordinadas a produção e a reprodução da vida humana em sociedade e na relação com a natureza. O poder das relações sociais é decisivo, sofrendo ainda os efeitos das pulsões instintivas: para os frankfurtianos, Marx e Freud desvendaram os determinantes da limitação do esclarecimento, da experiência do insucesso da humanização do mundo, da generalização da alienação e da dissolução da experiência formativa. As relações sociais não afetam somente as condições da produção econômica e material, mas também interagem no plano da "subjetividade", onde originam relações de dominação. (ADORNO apud MAAR, 1995, p. 19).

No final dos anos 50, Adorno publicava o seu ensaio intitulado *Teoria da Semiformação*, em que afirmava que a sociedade contemporânea nega de forma contundente, e cada vez mais incisivamente, ao indivíduo os pressupostos/bases para sua formação. Por formação, Adorno entende "a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva", a cultura que se constitui pelo duplo caráter de ser, ao mesmo tempo, adaptação à vida real e busca da autonomia do sujeito. "A formação tem como condições a autonomia e a liberdade",

dizia ele. “No entanto, ela remete sempre a estruturas previamente colocadas a cada indivíduo, em sentido heterônomo, e em relação às quais deve submeter-se para formar-se” (ADORNO, 2003, p.11). Ao analisar a sociedade de seu tempo, de modo específico a realidade sócio-cultural, Adorno constata que o seu espírito, na forma da *ratio*, havia se transformado em mero instrumento, em pura unidade com o social, e que a única possibilidade que restava ainda à formação era a autoreflexão crítica sobre a semiformação que se desencadeava em larga escala. Nesta sua constatação percebia-se o contraste que existia na sociedade de então. De um lado, a Alemanha se orgulhava de ser a pátria dos grandes pensadores clássicos como Goethe, Beethoven, Kant, Marx, Freud, Weber; mas esta pátria traz consigo a terrível chaga do nacional-socialismo e de Auschwitz. Ele mesmo, Adorno, tem de fugir de seu próprio país para viver quase três décadas no exílio. Ao ver estes contrastes na Alemanha e tendo vivido nos EUA, país eminentemente capitalista, sente a necessidade de uma reflexão teórica que possa tentar compreender os pressupostos que levam a semiformação a ser a “forma dominante de consciência”, em sua época e em sua pátria e nos EUA.

A sociedade de então se apresenta como aquela em que o indivíduo fora diluído na totalidade. Perdeu-se a individualidade. No início, meados do século XIX, os trabalhadores não tinham direito ao tempo livre para gozar do direito legítimo do descanso. Após muitas lutas sangrentas, conquistaram este objetivo. Mas, este tempo adquirido para as coisas do espírito, foram ironicamente preenchidos pelo que Adorno e Horkheimer irão denominar “lixo cultural”.

Hoje, a indústria cultural assumiu a herança civilizatória da democracia de pioneiros e empresários, que tampouco desenvolvera uma fineza de sentido para os desvios espirituais. Todos são livres para dançar e para se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 138).

As imagens e formas culturais que são reflexos do processo formativo foram aos poucos sendo substituídas pelas imagens impostas nos cinemas, e pelas canções de grande impacto, que vão aos poucos

padronizando o aspecto formativo de cada cidadão. “O homem de espírito” passa a ser trocado pela funcionalidade, pela precisão, pela memória das máquinas. Até a filosofia é retirada dos currículos escolares e a autoridade do mestre, do professor, é posta em xeque. Desta forma, “desaparecem os jovens ou compositores que sonham em ser grandes poetas ou compositores” (ADORNO, 2003, p. 13). Da mesma forma, as figuras do pai e da mãe, tidas como figuras de autoridade e de respeito, são postas em rota de colisão com o sistema que apresenta as figuras dos heróis da TV, do cinema, dos quadrinhos, o papel de modelo a ser imitado. Debilita-se o papel da autoridade na sociedade e uma autoridade enfraquecida, pode ser facilmente substituída.

A formação cultural, que tem na escola a grande referência para esta busca, vai aos poucos sendo posta em segundo plano. A autoridade do professor, vista outrora como a figura do mestre, mostra-se mais frágil e desacreditada. “De uma maneira inequívoca, quando comparado com outras profissões acadêmicas como advogado ou médico, pelo prisma social o magistério transmite um clima de falta de seriedade” (ADORNO apud MAAR, 1995, p. 99) A sabedoria do mestre que ensina, fruto da sua longa experiência, da relação das coisas do espírito e da tradição, torna-se descartável frente à urgência do “fazer” formativo contemporâneo. Da mesma forma, o aluno é orientado a fazer parte do sistema e por de lado, por falta de tempo e opção, as coisas do espírito; ou seja, não há tempo para as ciências especulativas. O ponto de chegada, diante de todas estas limitações será a perda da espontaneidade; a perda da capacidade de discutir e questionar resultará na perda do espírito crítico e numa cultura da indiferença. Quando da sua publicação, a obra *Teoria da Semiformação* (1959) poderíamos dizer que a humanidade ainda caminhava a passos largos para a mecanização da cultura. Após sua morte (1969) o mundo passou por algumas revoluções tecnológicas que afetaram diretamente as instituições sejam elas família, escola e Estado. Pode-se, grosso modo e rapidamente, citar a revolução eletrônica, a revolução no mundo das telecomunicações, a revolução biotecnológica e a era digital.

A lógica mercantilista que se apoderava ideologicamente da escola e da sociedade na época do lançamento do ensaio *Teoria da Semiformação*, faz Adorno afirmar “que as condições da própria produção material dificilmente toleram o tipo de experiência sobre a qual se assentavam os conteúdos formativos tradicionais” (ADORNO apud N. R. OLIVEIRA, 2003, p.18).

Hoje, todos os setores educacionais e sociais estão impregnados pelo fator tecnologia. E, ao longo deste período, a tecnologia vem substituindo a “necessidade” da força do homem, inclusive nos ambientes educacionais, como a sala de aula. A força pragmática cria hegemonia em um mundo eminentemente funcional. Ou seja, é como se não houvesse outra possibilidade senão renunciar a autonomia e adaptar-se a tecnologia que aí está; e não se pode abdicar dela de maneira alguma. Nesta lógica, de perda de autonomia, a análise de Adorno, vislumbrando seu ambiente de meados do século passado, traz para nós um grande questionamento: será que ainda existem pressupostos para a formação neste ambiente eminentemente administrado? - Não paira um ambiente de semiformação, que a todos seduz? Com a Teoria da Semiformação Adorno já previa esta situação afirmando:

A vida, modelada até suas últimas ramificações pelo princípio da equivalência, se esgota na reprodução de si mesma, na reiteração do sistema e suas exigências se descarregam sobre os indivíduos tão dura e despoticamente, que cada um deles não pode se manter firme contra elas como condutor de sua própria vida, nem incorporá-las como algo específico da condição humana (op. cit. p.14).

Ainda que a tecnologia não seja em si um mal ao ser humano, requer-se, no entanto, fazer uma profunda análise para tentar verificar até onde a autonomia do ser humano fica assegurada, diante da grande influência da rede mundial de computadores no dia a dia dos alunos e escolas. Nas salas de bate-papo, onde os adolescentes e crianças encurtam as palavras para tornarem o diálogo mais rápido e interativo, reduzem, com isso igualmente, a capacidade de pensar diferente, do não homogêneo e do próprio campo semântico. Para os docentes a adaptação às novas tecnologias é questão de sobrevivência. Ou o docente se atualiza e se adapta ao mundo virtual, ou está fadado, no mundo mercadológico, a ficar fora do mundo competitivo, baseado na lei da oferta e da demanda.

Uma opinião contrária, à citada anteriormente, nos leva a pensar que o tempo pelo qual passamos traz consigo uma verdadeira oportunidade para a escola tornar-se contemporânea de seu tempo. Ou seja, a revolução que aí está, traz consigo uma nova forma de saber, e a escola não pode ficar à mercê de velhos e ultrapassados métodos de ensino e aprendizagem. A partir do uso das redes de informação, a

escola é chamada a ser protagonista de uma nova forma de interação social, compartilhada, que promova um novo paradigma educacional, a partir das novas Tecnologias de Informação.

A nova forma de interação social, eminentemente coletiva, traz consigo um novo reencantamento com o mundo. De forma diferente dos anos 1960, marcados pela cultura de massa, vive-se nestes novos tempos a fragmentação do mundo midiático, que conduzirá o ser humano a uma maior personificação. Uma possível recuperação de sua singularidade, e identidade. “O indivíduo só se emancipa quando se liberta do imediatismo de relações que de maneira alguma são naturais, mas constituem meramente resíduos de um movimento histórico já superado, de um morto que nem ao menos sabe de si mesmo que está morto” (ADORNO apud MAAR, 1995, p. 67).

#### 2.4. A Indústria Cultural e sua influência no processo formativo

A expressão “Indústria Cultural” foi utilizada pela primeira vez no Livro *Dialética do Esclarecimento*, escrito em colaboração com Horkheimer e publicado em 1947. O termo “Indústria Cultural” substituiu o termo “Cultura de massas”, porque esta induziria ao erro de julgar que se trata de uma cultura emergindo espontaneamente das massas, o que Adorno discorda veementemente<sup>12</sup>.

Na opinião dos sociólogos, a perda do apoio que a religião objetiva oferecia, a dissolução dos últimos resíduos pré-capitalistas, a diferenciação técnica e social e a extrema especialização levaram a um caos cultural. Ora, essa opinião encontra a cada dia um novo desmentido. Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos são um conjunto (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 99).

---

<sup>12</sup> O conceito *Indústria Cultural* foi engendrado por Adorno e Horkheimer em 1947 com o interesse de caracterizar uma produção simbólica que não emana de um genuíno saber popular, mas sim dos interesses do mercado. Foi por isso que se evitou o termo cultura de massas, justamente porque poderia dar a impressão de existir uma produção simbólica que permanecesse intocada pelos laços do fetiche da mercadoria. (ZUIN, A. *Indústria Cultural e Educação: o novo canto da sereia*, 1999).

Segundo o pensador alemão, na indústria cultural tudo se transforma em negócio. Ele diz: “Enquanto negócios, seus fins comerciais são realizados por meio de uma sistemática e programada exploração de bens considerados culturais” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 134). Para ele, a indústria cultural só se interessa com as pessoas enquanto empregados ou consumidores, não apenas adaptando seus produtos ao consumo, mas ditando o próprio consumo das massas. A indústria cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente.

O fenômeno da massificação da cultura, graças à prevalência do sistema capitalista, trouxe a eminência das novas tecnologias de comunicação, e possibilitou que as categorias definidas por Adorno como indústria cultural, semiformação e formação, difundidas nos anos de 1940-1950, se tornem bem atuais e até mais expressivas de nossa realidade. Não por mero acaso o ensaio *Teoria da Semiformação*, se tornou um dos textos mais conhecidos de Adorno. Ensaio em que expressa e desenvolve, de forma primorosa, o processo semicultural, expressão primeira da onipresença da indústria cultural no mundo contemporâneo. Não são apenas fenômenos ideológicos, espirituais e educacionais, pois atingem as relações e as esferas sociais em suas diferentes dimensões. Não constituem expressão danificada, não atingem apenas as classes tidas como “inferiores” ou do campo, mas se fazem presentes também nos grandes centros e periferias das cidades, entre pessoas letradas ou não. A sua influência se dá para além da razão, atinge também a vida sensorial, a corporeidade.

Adorno busca compreender qual a lógica que governa esta razão que se instrumentalizou e porque o sujeito se converte a esta racionalidade. Por que o sujeito, podendo escolher outro caminho, escolhe a barbárie? - Porque não há liberdade de escolha, não há autonomia e a barbárie estará sempre travestida de liberdade, de desejo e de sonho. Todos estes aspectos da barbárie encontram respaldo nas promessas de satisfação da necessidade instaurada no interior da indústria cultural.

Assim, a formação, para Adorno, é influenciada pela ideia Kantiana de educação, em que esta é compreendida como âmbito de formação do sujeito autodeterminado e autoconsciente, capaz de fazer uso de seu juízo moral. Desta forma, apresenta a educação como o potencial para produzir consciências emancipadas e esclarecidas, o que consiste em se “educar para a experiência, ou seja, retornar aos



indivíduos a capacidade de realizar experiências, evitando com que estes possam reproduzir a ordem social geradora da barbárie”. (ADORNO apud MAAR, 1995, p. 160). Para ele, esclarecimento é o processo de emancipação intelectual, resultado não apenas do processo histórico de superação da ignorância e da preguiça de pensar por conta própria, mas sim da capacidade de superar a dominação de uma classe de opressores sobre a humanidade. Para Kant, autonomia e/ou emancipação é a capacidade de superar a menoridade da razão, ou seja, sua subordinação ao estabelecido e ao aparente e, como consequência, aconteceria a superação da opressão imposta por aqueles que governam o estado.

A experiência (*Erfahrung*) precisa ser apreendida fora do experimento das ciências naturais. Deve ser tomada a partir das ciências do espírito. A experiência é um processo autorreflexivo, em que a relação com o objeto faz a mediação pela qual se forma o sujeito em sua objetividade. Neste sentido a experiência é dialética, basicamente um processo de mediação, que acontece em dois momentos singulares.

Por um lado, o momento materialista da experiência como disponibilidade ao contato com o objeto, como abertura ao empirismo. Tendo sido formulado originalmente no contexto da análise da identidade entre mito e esclarecimento, esse mecanismo é transposto para o comportamento dos consumidores da indústria cultural, os seus pseudoindivíduos, na terminologia adorniana, que optam por imitar os comportamentos regressivos que se mostram menos conflitantes com a realidade que se apresenta insuperável.

Por outro lado, aparece o momento histórico: a experiência dialética no sentido de “tornar-se experiente”, isto é, aprender pela via mediada da elaboração do processo formativo, assumindo-se a relevância tanto dos resultados quanto do próprio processo. A dinâmica do processo dialético é o de recusa do existente, pela via da contradição e resistência. Ele pressupõe uma lógica da não identidade, uma inadequação – no curso da experiência pela qual a realidade se forma – entre realidade e conceito, entre a existência e sua forma social. O conteúdo da experiência formativa não se esgota na relação formal do conhecimento das ciências naturais, por exemplo; mas implica uma transformação do sujeito no curso de seu contato transformador com o objeto na realidade. Para isto se exige tempo de mediação e continuidade, em oposição ao imediatismo e fragmentação da racionalidade formal coisificada, da identidade nos termos da indústria cultural. Para Adorno, o travamento da experiência deve-se à repressão do processo em prol do resultado, falsamente independente, isolado. O que em outras palavras, denomina “Semiformação”. “A semiformação é

o espírito tomado pelo caráter de fetiche da mercadoria”, diria Adorno (2003) no ensaio *Teoria da Semiformação*.

Para Adorno, o indivíduo, na perspectiva da indústria cultural, não passa de mero instrumento para o trabalho, ou de consumo, ou seja, torna-se mero objeto. O indivíduo é tão bem manipulado e incutido de tal ideologia que até mesmo o seu lazer se torna uma extensão do trabalho. Nosso autor denuncia o processo em andamento, na sociedade capitalista, que produz o alheamento do ser humano das suas condições reais da sua vida social. A indústria cultural tem como guia a racionalidade ‘esclarecida’, quer preparar as mentes para um esquematismo que é oferecido pela indústria da cultura – que aparece para os seus usuários como um “conselho de quem entende”. O consumidor não precisa “se dar ao trabalho” de pensar, é só adquirir. É a lógica do clichê. Dizem-nos os autores:

Ultrapassando de longe o teatro das ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele sem identificar imediatamente com a realidade. Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos (...) paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva. (ADORNO e HORKHEIMER, 1997, p.119).

Na obra *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer exemplificam este fato se utilizando do episódio das sereias da epopeia Homérica. Ulisses, preocupado com o encantamento produzido pelo canto das sereias, tampa com cera os ouvidos da tripulação de seu navio. Ao mesmo tempo, o comandante Ulisses ordena que o amarrem ao mastro para que, mesmo ouvindo o canto sedutor, possa enfrentá-lo sem sucumbir à tentação das sereias. Assim, a respeito de Ulisses, dizem os autores:

O escutado não tem consequência para ele que pode apenas acenar com a cabeça para que o soltem, porém tarde demais: os companheiros, que

não podem escutar, sabem apenas do perigo do canto, não da sua beleza, e deixam-no atado ao mastro para salvar a ele e a si próprio. Eles reproduzem a vida do opressor ao mesmo tempo em que a sua própria vida e ele não pode mais fugir a seu papel social. Os vínculos pelos quais ele é irrevogavelmente acorrentado à práxis ao mesmo tempo guardam as sereias a distância da práxis: sua tentação é neutralizada em puro objeto de contemplação, em arte. O acorrentado assiste a um concerto escutando imóvel, como fará o público de um concerto, e seu grito apaixonado pela liberação perde-se num aplauso. Assim o prazer artístico e o trabalho manual se separam na despedida do antemundo. A epopeia já contém a teoria correta. Os bens culturais estão em exata correlação com o trabalho comandado e os dois se fundamentam na inelutável coação à dominação social sobre a natureza (ADORNO & HORKHEIMER, 1997,45).

A experiência formativa, caracterizada pela difícil mediação entre o condicionamento social, o momento de adaptação, e o sentido autônomo da subjetividade, rompe-se com Auschwitz, que simboliza a dominação do coletivo objetificado sobre o individual e o abstrato formal sobre o concreto empírico (ADORNO apud MAAR, 1995). Sob o império da indústria cultural, o indivíduo é levado a viver sob as novas roupagens da ideologia social, marcadamente influenciada pelo avanço das novas tecnologias da informação, e que, por isso mesmo, perdeu o sentido da solidariedade, do respeito. Enfim, perdeu a dignidade. Esta alienação, levada à plenitude, tornou possível o nazismo, o Holocausto, pois ela constrói sujeitos alienados, incapazes de uma relação subjetiva e crítica com a realidade. Desta forma, se reproduz na vida em sociedade o aparente como válido, o falso como verdadeiro.

Mesmo que a avaliação do teórico aponte a semiformação como algo estabelecido, há nos estudos epistemológicos de Adorno espaços para a superação da pseudoformação. O teórico admite e aspira uma transformação das relações sociais através do processo formativo. No texto dedicado à análise da indústria cultural e da semiformação, ele aponta a educação como estratégia de resistência contra a força da indústria cultural, na medida em que esta possa facilitar o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva capaz de permitir ao indivíduo desvendar as contradições da vida social. Este tomar

consciência de sua realidade permite ao indivíduo capacitar-se para o exercício de resistência da cultura verdadeiramente humana, banalizada pela indústria cultural. Diz Adorno que “a Educação só faria sentido quando promove as condições para uma auto-reflexão crítica” (ADORNO, 1970, p. 90).

## 2.5. A Educação como resistência à Semiformação

É possível pensar na educação como resistência à pseudoformação, se considerarmos que a educação tornaria a memória capaz de sintetizar suas experiências, e ainda conforme Adorno, permitir uma compreensão da realidade que ultrapasse o mero uso de esquemas que a subjuguem. A educação pode desenvolver experiências vivas e intensas com as pessoas e com a cultura. Não deveria ser uma educação que visasse à dureza e à repressão, e a sua relação com o tempo deveria diferenciar-se do tempo rápido do consumo e da máquina no mundo moderno, pois este impede o uso da imaginação, necessária à experiência.

Ao final dos anos 50, Adorno analisa a crise da formação cultural de seu tempo e percebe que lutar com firmeza pela formação depois que a sociedade a privou de sua base é algo fora de propósito, mas restava ainda uma ponta de esperança que possibilitaria a sobrevivência da formação, ou seja, a autorreflexão crítica sobre a semiformação.

No ensaio *A Filosofia e os Professores* (1995), Adorno nos mostra que “a formação cultural só pode ser adquirida mediante o esforço espontâneo e de interesse pessoal, não pode ser garantida simplesmente por meio de frequência a cursos”. Ela corresponde antes “à capacidade de se abrir a elementos do espírito, apropriando-os de modo produtivo na consciência, em vez de se ocupar com os mesmos unicamente para aprender” (ADORNO apud MAAR, 1995, p.64).

No referido ensaio, a categoria *Bildung* é traduzida como “formação”, que pode ser entendida como formação espiritual e interna, aperfeiçoamento, ser interior e espiritualmente bem formado. Para Adorno duas expressões são tomadas para explicar o que ele entende por *Bildung*. Para ele pessoas bem formadas são aquelas que têm “horizonte e sensibilidade espiritual”. Para tanto se exige delas “capacidade de reflexão, espírito crítico, faculdade de julgar, integração da

multiplicidade dos saberes especiais na unidade de um gosto, estilo, graça, senso de valor” (GIACÓIA JUNIOR, 2004, p. 04).

Como nos diz Wolfgang Leo Maar, “a teoria crítica de base adorniana se centra na dimensão material da consciência, na tentativa de articular ideia e experiência, o todo e o particular, sem perder a especificidade de cada dimensão, possibilitam-nos, deste modo, compreender a experiência na relação dialética entre consciência e produção material.” (ADORNO apud MAAR, 1995, p. 25).

## 2.6. A Teoria Crítica e o seu potencial educativo

Analisar a educação sob a perspectiva da Teoria Crítica é tarefa árdua e exige empenho vigoroso, pois parte-se do pressuposto que refletir a obra de alguém, mais especificamente certas dimensões desta obra, exige do pesquisador um mergulho que vai além do repetitivo, do já visto.

Sobre a possibilidade da formação, Adorno nos recorda no ensaio intitulado *Educação após Auschwitz* (1995), que a educação só teria pleno sentido como educação para a autorreflexão crítica, e de igual forma em *Teoria da Semicultura*, quando afirma: “A formação não tem nenhuma outra possibilidade de sobreviver senão pela autoreflexão crítica sobre a semiformação, em que se transformou” (ADORNO, 1996, p. 73).

Outra dimensão educacional a ser explorada na obra de Adorno, na perspectiva do potencial da teoria crítica, se apresenta na forma inegociável de um modo de se refletir que não adere às seduções de um raciocínio condicionado a fixar-se apenas na exterioridade do dado imediato. Adorno defende a busca de uma reflexão que busque perceber as singularidades do objeto a ser analisado. O objeto em vista não possui apenas uma exterioridade, mas também as relações sociais, materiais, históricas que são responsáveis tanto pelo seu exterior, mas também por aquilo que não é aparente.

Adorno, na sua obra *Minima Moralia* (1992), assim descreve: “é no olhar para o desviante, no ódio à banalidade, na busca do que ainda não está gasto, do que ainda não foi capturado pelo esquema conceitual geral que reside a derradeira chance de pensamento” (ADORNO, p. 58).

No entanto, a ideia de um potencial teórico a partir da teoria crítica será esboçada pelo autor de uma maneira mais nítida nos seus livros de caráter mais filosóficos e estéticos. No início da sua obra

*Dialética Negativa*, há uma proposição de que os objetos são mais que seus conceitos, que contradizem a norma tradicional que nos permite dizer que tal conceito se refere a tal realidade. Por isso em Adorno há uma preponderância do objeto sobre o sujeito no processo do conhecimento, para resguardar sua complexidade. Como acontece este processo na prática? Parece-nos que uma tentativa de resposta está na maneira como Adorno percebia, seja na academia ou na sociedade, certa aversão à teoria de um modo geral, bem como também a grande influência do positivismo e do pragmatismo. “O pensamento especular seria desprovido de reflexão, uma contradição não dialética; pois sem reflexão não há teoria” (ADORNO, 2009, p. 176).

No ensaio intitulado *Notas marginais sobre a teoria e práxis*, há um exame da relação teoria e práxis, tendo como pano de fundo as grandes manifestações dos estudantes de 1968, na Europa. Neste ensaio questiona o pragmatismo acentuado do movimento estudantil, que tendo atrelado teoria e prática, enfraqueceu na verdade ambas. O texto afirma: “Aquele que pensa põe resistência... Só pensa quem não se limita a aceitar passivamente o desde sempre dado” (ADORNO, 1995). Pensar é ser ativo, ir contra a corrente, contra o que já está instituído, é aventurar-se a contar a história de um objeto de uma maneira diferente do comum. Para Adorno, pensar já é resistência ao imediato. Ao se refletir sobre determinada situação (por exemplo, os protestos estudantis de 1968) a análise não se esgota na adaptação ao fato em si, mas põe em evidência outros elementos despercebidos até o momento, mas que poderão mostrar relações e possibilidades que numa primeira abordagem não fora possível à sua percepção. Para ele, esta percepção assume um caráter incalculável de relevância para a relação entre teoria e prática; pois o pensamento reflexivo não apenas apresenta possibilidades segmentadas, mas também gera anseio de mudança, e a teoria, por sua vez, se modifica em força transformadora. Adorno justifica esta força transformadora da teoria, dizendo que o pensamento sempre alcança algo importante, pois produz um impulso prático, mesmo que oculto a ele. “Todas as vezes que intervi de maneira direta, isso ocorreu unicamente através da teoria” (MAAR apud ADORNO, 1995, p. 210 e 229).

Para Leo Maar, Adorno, em sua ensaio *Educação e Emancipação*, tem como objetivo principal clarear o potencial da crítica à articulação entre a dominação (com seu princípio de identidade) e a realidade, que legítima o existente e o perpetua, revelando desta forma, a deformação que dá prosseguimento ao processo de coisificação do indivíduo. “Assim, revela as contradições da sociedade tida como

organizada, e possibilita que a crítica à racionalidade instrumental encontre em si possibilidades alternativas, que superem a função de mantenedora da estrutura de dominação e cheguem ao esclarecimento” (ADORNO apud MAAR, 1995).

## 2.7. O Esclarecimento como ferramenta à Emancipação

Adorno se serve do conceito de esclarecimento em Kant, dado a partir do breve ensaio intitulado *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?* Kant define a menoridade ou a tutela e, deste modo, também a emancipação, afirmando que este estado de menoridade é autoinculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outro. “Esclarecimento é a saída dos homens de sua autoinculpável menoridade” (ADORNO apud MAAR, 1995, 169). O esclarecimento se dá não de maneira estática, mas sim como categoria dinâmica, como um vir-a-ser e não um ser acabado, segundo Kant. A única concretização efetiva de emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência.

De certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade... A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além do *wel adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior (ADORNO apud MAAR, 1995, p. 143).

A Emancipação é o elemento central da educação.

Deve ser o seu principal objetivo, mas para ser real e efetiva, há que ser tematizada na heteronomia. A orientação normativa da educação não é imposta de fora, mas deve saltar de sua configuração histórica que, por suas contradições, exige objetivamente a partir de sua própria transformação (ADORNO apud MAAR, 2003, p. 15).

Para Adorno, a antítese mais viável à sociedade despersonalizada é a arte. Esta possibilita ao homem sonhar com a liberdade, pois ela o liberta das amarras dos sistemas estáticos e o coloca como um ser autônomo e, portanto, um ser tolerante (que respeita o diferente por ser diferente, um ser mais humano e menos mecanizado). Enquanto que para a indústria cultural o ser humano é apenas um objeto de trabalho e consumo, na arte ele busca a liberdade para pensar, agir, sentir, como sujeito de sua própria história. Nesse sentido, é preciso aplicar toda a energia para que “a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência no existente, para se contradizer e resistir como modo de ir além do plano da reconstrução cultural e da vigência da semiformação, referindo-se ao plano da vida real e efetiva” (ADORNO apud MAAR, 1995, p. 143).

O pensamento de Adorno oferece um potencial teórico para as reflexões que tem por objeto buscar uma cultura de resistência frente à semiformação e suas consequências para o sujeito e, de forma especial, a escola como formadora de consciência em meio às diversidades sociais, culturais e econômicas. O processo educacional deve promover experiências para que as diferenças não sejam apenas toleradas, mas que sejam reconhecidas como direito e com capacidade para criar as bases para a construção de uma sociedade mais justa e talvez mais humana. Isso representa, de modo concreto, que a prática pedagógica e as políticas curriculares, não devam ser pautadas em dimensões unilaterais de visão de mundo e de conhecimento. Num segundo momento, a escola deve assumir em seu papel político, uma proposta que contemple uma avaliação ética e moral na sociedade contemporânea com ações concretas frente às diferenças da vida social: um mundo globalizado e multicultural com indivíduos submetidos, mais e mais, à lógica capitalista.

Em sua última aula na universidade de Frankfurt, Adorno retornaria ao tema da semiformação.

A tarefa mais importante (...) da pesquisa social empírica atual seria investigar em que medida afinal os homens são e pensam tal como são feitos pelos mecanismos (indústria cultural). Pesquisas do Instituto indicam (...) que ocorre uma duplicidade peculiar, isto é, de um lado as pessoas são obedientes aos mecanismos de personalização da Indústria Cultural (...), mas, simultaneamente, quando se vai além da superfície (...) todos praticamente são cientes de que (...) (Em vista da



sua vida real) a princesa afinal não tem importância. Se realmente as pessoas são cativadas, mas ao mesmo tempo não são cativadas, se aqui ocorre uma consciência em si mesma, então neste ponto o esclarecimento poderia se ater ao fenômeno da personalização e poderia ter êxito em esclarecer as pessoas que este fenômeno é apenas parte de um contexto mais amplo (A formação socialmente determinada da sociedade capitalista). (MAAR, 2003, p. 16).

## 2.8. Uma perspectiva de Formação em Adorno

Na perspectiva adorniana de formação, a educação escolar, em todos os seus diferentes níveis, não contempla uma visão reducionista visando apenas a preparação do educando para que esteja adaptado às constantes mudanças dos interesses mercantis que visam preparar/formar para o mercado de trabalho.

Nesta perspectiva, percebe-se em Adorno uma defesa do resgate da dimensão emancipatória da *Bildung*, em tempos onde predominam situações que imobilizam quase que por completo suas duas faces centrais: continuidade e temporalidade.

Continuidade refere-se à importância de que os conteúdos culturais permanecem presentes no decorrer do processo ensino-aprendizagem. O não presente não pode e não deve se transformar num ausente. Contudo, é o que ocorre quando nos defrontamos com a maneira pela qual a semicultura se difunde. Ela exige a memorização de fórmulas, datas e nomes que serão rapidamente esquecidos, mediante a apresentação de um “novo” conteúdo que precisa ser absorvido imediatamente, evitando-se a execução de um raciocínio que procura adjudicar essas mesmas fórmulas com a história e os interesses da humanidade. (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2008, p. 117).

Segundo os mesmos autores, a outra característica determinante da *Bildung*, a temporalidade, relaciona-se à necessidade de que sejam considerados os vínculos temporais entre os objetos de estudo.

Procura-se evitar um tipo de procedimento que invalide a historicidade situada entre eles. Na reposição imediata dos produtos semiculturais, têm-se a impressão de que o passado não possui nenhuma ligação com um presente que parece ser interminável, que parece estar sempre se perpetuando. Ora, essa circunstância é representativa da maneira como a indústria cultural determina a relação entre ideologia contida no produto simbólico e a esperança de que enfim encontramos um produto que nos possibilita ser identificados como indivíduos de personalidades “marcantes”. A promessa de felicidade está vinculada a um eterno presente que tira suas forças justamente da mentira de que somos seres emancipados (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2008, p. 117).

A educação escolar deve estar em sintonia com o seu tempo histórico e proporcionar a formação necessária para que os alunos possam enfrentar os desafios de seu mundo. No hoje da história, a educação deve estar em sintonia com seu desenvolvimento. A grande preocupação de Adorno é que a educação não seja simplesmente reduzida ao mecanismo de habilitação dos estudantes ao mundo do mercado, sem ter a oportunidade para ampliar o seu conhecimento com a formação cultural.

Os processos educacionais não se restringem ao necessário momento da instrução, mas que certamente o transcendem. Esse tipo de raciocínio nos leva a inferir que a esfera do educativo não se delimita as instituições de ensino, ampliando a percepção a ponto de investigarmos a forma como a mercantilização dos produtos simbólicos determina novos processos educativos, inclusive nas escolas. (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2008, p. 116).

A formação tem o desafio de romper com a consciência coisificada, de relações unilaterais entre mercadoria/consumidor. A partir da sua formação o educando poderá perceber que as condições

para a aprendizagem estão em contínua tensão com as dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais que interferem no seu cotidiano formativo.

A tutela que Kant era radicalmente contra, quando sustentou a importância de que o homem abandonasse sua condição de menoridade, fazendo uso público da razão, na sociedade capitalista contemporânea adquire novas cores. Mas é justamente dentro dessa tradição Kantiana de defesa da *Aufklärung* que Adorno explicita o seu entendimento do que significa educação como emancipação: “De certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade”<sup>13</sup>

A semicultura tem uma relação muito forte com o princípio de equivalência, que podemos identificar a difusão da sua lógica dual em todas as relações sociais que envolvam um processo de socialização. Ela pode ser identificada na mentalidade das chamadas tribos urbanas ou nas torcidas de futebol que afirmam seu narcisismo coletivo ao mesmo tempo em que excluem e eliminam os “diferentes”. Esse tipo de comportamento é reforçado pela mídia, sob a forma de jornais, revistas e biografias romaneadas que fornecem dados superficiais sobre personagens, celebridades, perdendo-se a possibilidade do exercício do raciocínio crítico, que se converte em mera curiosidade. (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2008, p. 119).

A formação cultural, que visa desenvolver homens autônomos e emancipados, continua a instigar, desde os antigos gregos, os homens e mulheres do tempo presente, marcados pela agitação e pressa mercadológica, também no campo da educação.

## 2.9. Formação, Cultura e novas Tecnologias

Ao final dos anos 50 do século XX, Adorno no ensaio *Teoria da Semiformação* (2003) afirma que a sociedade contemporânea negava cada vez de modo mais intenso a possibilidade do acesso do indivíduo à

<sup>13</sup> ADORNO, T.W. Educação para quê. In: *Educação e Emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1995, p. 143.

formação. Estudando a realidade social de seu tempo, percebia que a razão (ratio) havia sido reduzida ao papel de mero instrumento. A partir de seus quase 40 anos de exílio, dos quais boa parte passara estudando nos EUA, e fazendo a comparação com o que ele encontra na sua volta à Alemanha, Adorno percebe a necessidade de uma reflexão teórica que desemboca no tema da Semiformação. Seu mundo é eminentemente mecânico, mas Adorno já intui o que haveria de vir e apresenta as bases do que este rápido desenvolvimento da tecnologia poderia trazer de desafios para este novo passo da humanidade. A partir da década de 70, com o desenvolvimento da microeletrônica, o mundo passou por grandes ondas revolucionárias em termos de tecnologia que modificaram de modo acentuado as relações entre pessoas, instituições e sociedade. Da era mecânica, nos deparamos com a velocidade do mundo digital, da era das comunicações globais, biotecnologias, enfim um mundo em conexão, em rede. Estamos, na chamada aldeia global.

A revolução tecnológica, aliada ao capitalismo global pressionou todos os setores da sociedade a darem um grande passo. É necessário adaptar-se rapidamente ao mundo das novas tecnologias para sobreviver. A informação passou a ser a medida de todas as coisas e a mercadoria mais valorizada no mercado global. Essas mudanças aceleradas ao longo da história nas últimas décadas, certamente vão muito além do que Adorno pudera observar nas décadas de 1950 e 1960, mas seus escritos são para nós hoje ainda referência para análise e crítica social. São balizares para nosso estudo acerca das novas tecnologias aliadas a formação de novos professores. As considerações de Adorno sobre o sistema capitalista, que direciona uma formação aos trabalhadores que não visa nada além da preparação destes para o mundo do trabalho, e as reformas escolares que favoreceram o enfraquecimento da autoridade do professor na relação escolar, são observações pertinentes, pois assistimos estes desafios em nossos dias também.

O atrelamento da tecnologia e a articulação do desenvolvimento tecnocientífico com o capital global aumentou de forma muito rápida a presença e influência no ambiente da sociedade em geral e no ambiente escolar deste “admirável mundo novo”. Neste ambiente o mundo das máquinas invadiu o mundo dos homens e os controla. Somos controlados nos ambientes sociais pelos mesmos objetos tecnológicos por nós mesmos construídos; as máquinas estão substituindo, cada vez mais, os seres humanos em seus afazeres, tarefas, trabalhos e estudos.

Cabe contextualizar esse tipo de experiência, que é representativa de um novo “nicho” de mercado muito promissor no capitalismo globalizado deste início de século. As mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas – no modo de produção econômica, na organização e gestão do trabalho, no acesso ao mercado de trabalho e nos processos culturais cada vez mais mundializados e mediatizados pelas técnicas – estão a exigir transformações radicais nos sistemas educacionais que para adaptar-se às novas demandas, vão assumindo novas funções e enfrentando novos desafios (BELLONI, 2002, p. 134).

No mundo escolar faz-se a mudança para um mundo do saber pragmático, de hegemonia funcional. O mundo dos sistemas e sua sedução incontestemente retiram do ser humano a capacidade de resistência gerando a impotência para pressupostos de autonomia. Tomando como base a análise de Adorno frente às novas tecnologias e suas seduições, chegaremos à dura conclusão que os pressupostos para a formação autônoma neste sistema administrado são mínimos e fadados a sumirem de vez. No ensaio *Teoria da Semiformação* ele nos diz:

“A vida, modelada até suas últimas ramificações pelo princípio da equivalência, se esgota na reprodução de si mesma, na reiteração do sistema e suas exigências se descarregam sobre os indivíduos tão dura e despoticamente, que cada um deles não pode manter firme contra elas como o condutor da própria vida, nem incorporá-las como algo específico da condição humana” (ADORNO, 2003, p.14).

No mundo da escola, esta influência se manifesta nos diversos setores da atividade escolar. Crianças e adolescentes “navegam nas ondas” da rede mundial de computadores, muitas vezes como apenas forma de entretenimento, talvez poucas vezes como real pesquisa. Os chats, salas sociais de bate-papo, encurtam as distâncias, as palavras e afastam a necessidade da presença real, para a presença virtual. Os professores e pesquisadores do campo educacional são obrigados a uma rápida adaptação e mudança no seu jeito de trabalhar com educação. As novas tecnologias são uma realidade entre nós e nossos alunos. Como a escola, professores e alunos, usarão da melhor forma possível esta

importante ferramenta para que os valores educacionais possam ser verdadeiramente respeitados em nossa sociedade?

Nas últimas décadas as transformações técnicas transformaram rapidamente as tecnologias tidas até então como avançadas. Mas com o advento das novas tecnologias de comunicação e informação o salto foi aparentemente maior e mais rápido, atingindo a partir da segunda metade do século XXI, o mundo inteiro.

Tais transformações técnicas, econômicas e culturais geram necessariamente novos modos de perceber e de compreender o mundo: o local é interpretado à luz do global, o afetivo é sublimado no espetáculo e transformaram-se os modos de aprender das novas gerações, bem como suas representações sobre as suas relações com a instituição escolar. Tudo isto coloca, para o campo da educação, desafios imensos, tanto teóricos quanto práticos (BELLONI, 2002, p.120).

As recentes mudanças tecnológicas chegaram ao mundo escolar igualmente, conforme já destacamos no primeiro capítulo. No próximo capítulo refletiremos sobre o impacto das novas tecnologias e seu uso na Educação a Distância, de modo singular queremos discutir o Conceito de Formação de Adorno e os possíveis reflexos e/ou perspectivas com a educação na modalidade a distância.

### III CAPÍTULO

Neste terceiro capítulo, nossa proposta será, num primeiro momento, pontuar alguns elementos que possam aproximar o conceito de formação de Adorno e a modalidade EAD; num segundo momento, perceber os aspectos que se distanciam das concepções, ora analisadas. Também apresentaremos alguns aspectos da pesquisa realizada junto aos professores, tutores e alunos do Polo de Filosofia a Distância da UFSC, na cidade de Videira, Estado de Santa Catarina.

#### 3.1. A Interface do Conceito de Formação de Adorno e os desafios da EAD

No texto de Adorno *A Educação Após Auschwitz* (1995), há um destaque para a função educativa da reflexão enquanto condição necessária para a luta contra a barbárie; entendida como regressão e “déficit” da consciência da cultura em relação ao alto grau do desenvolvimento técnico que a civilização atingiu no século XX. A Escola, para Adorno, tem o desafio, sobretudo na primeira infância, de estabelecer e de “encurtar” as distâncias entre o progresso técnico e o acesso à Educação.<sup>14</sup>

Se há preocupação com a criança, em Adorno, da mesma forma poderíamos dizer que por detrás desta preocupação está igualmente a preocupação com o docente, pois de uma forma direta a sua ação estará presente na vida do discente. E em se tratando da formação deste profissional, o objetivo deste capítulo está em fazer uma interface entre o conceito de formação de Adorno e a formação do aluno (professores na sua maioria) na EAD, de modo especial no Curso de Filosofia, como já especificado.

A formação *Bildung* expressa o conceito de educação num sentido amplo, enquanto cultura, formação cultural e formação da personalidade. Segundo Zuin, Pucci e Ramos de Oliveira (1999), o conceito de formação cultural tem ligação muito estreita com a própria história alemã, em que a impotência da política da classe burguesa levou a onipotência da esfera cultural. A burguesia alemã orgulhava-se da cultura e das produções culturais que idealizavam um futuro melhor, de

---

<sup>14</sup> ADORNO. *A Educação Após Auschwitz* in Educação e Emancipação, tradução Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1995.

tal modo “[...] que a formação cultural poderia ser objetivada, de tal maneira que haveria um auto-reconhecimento do espírito, numa miríade de manifestações culturais, a saber, a filosofia, a arte, a ciência, a literatura e a música, entre outros” (1999, p. 56). O conceito de *Bildung* ainda reflete traços da filosofia hegeliana, correspondendo à objetificação do espírito por meio do trabalho, que representa a mediação entre o particular e o universal. “Desta forma, na *Bildung*, o indivíduo se forma como humanidade inteira, completa” (MAAR, 1992, p. 177).

Segundo Maar, Adorno se interessa pela cultura por meio da relação “[...] com a subjetividade enquanto o todo ainda não é o verdadeiro – como na totalidade capitalista – a subjetividade permanece abstrata, reificada” (MAAR, 1992, p. 186).

Se num primeiro momento, na perspectiva de Adorno, o conceito de formação se emancipou com a burguesia, como condição para uma possível sociedade autônoma, na qual a lucidez do indivíduo era a condição para a lucidez do todo; num segundo momento, o poder da totalidade prosperou sobre os indivíduos. A unidade da consciência socializada (integradora) converteu a formação cultural em semiformação, provocando a renúncia do princípio da autodeterminação da consciência, reduzindo a cultura no momento da adaptação.<sup>15</sup>

A semiformação, entendida como *Halbbildung*, caracteriza-se pelo nivelamento e pela “fetichização” da consciência, que se absolutiza ao apreender os conteúdos objetivos como se fossem coisas, ou seja, desvinculados das relações sociais.

Segundo Adorno, na *Teoria da Semicultura* (1996), a consciência coisificada altera a própria via da experiência que é substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero.

### 3.2. A EAD e o Ensino Superior gratuito no Brasil

O projeto Nacional da EAD sustenta um sonho grandioso em termos de pretensões governamentais, pois almeja atingir 30% dos estudantes brasileiros possibilitando o seu acesso à formação superior

---

<sup>15</sup> Assim, a formação (*Bildung*) implica numa relação dialética entre emancipação e adaptação, uma vez que a aptidão para se orientar no mundo é indispensável sem adaptações. Porém, a adaptação não deve conduzir à perda da individualidade, à uniformização e ao conformismo como acontece na semiformação da sociedade administrada, que além de compreender a adaptação nessa perspectiva, reduz o caráter emancipatório da razão.



até o ano de 2011. Criado em 2005 pelo Ministério da Educação, o projeto da Universidade Aberta do Brasil (UAB) tem como principal objetivo articular e integrar “um sistema nacional de educação superior a distância, em caráter experimental, visando sistematizar as ações, programas, projetos, atividades pertencentes às políticas públicas voltadas para a ampliação e interiorização da oferta do ensino superior gratuito e de qualidade no Brasil”. (Portal MEC, sem paginação).

Como se pode perceber, trata-se de um projeto de grande envergadura e de desafios de proporções não menos instigantes. *Halbbildung* é um termo alemão formado pela justaposição das palavras *Halb* (que pode significar meio, metade ou pseudo) e *Bildung* (que significa, ao mesmo tempo, cultura, formação cultural, formação da personalidade ou educação num sentido mais amplo). No entanto, *Halbbildung* não pode ser simplesmente traduzido por meio formação ou falsa formação, pois Adorno imprime um sentido dialético ao termo no qual, simultaneamente, indica uma falsidade ou limitação do processo formativo quando este perde sua articulação entre autonomia e dominação; mas também indica uma formação real e efetiva, apenas como dominação. Por isso é semiformação, termo que vem sendo mais utilizado pelos tradutores e historiadores de Adorno, como Maar (1992), Zuin, Pucci, e Ramos de Oliveira (2008).

Para além da infraestrutura de cada polo, descritas no capítulo primeiro, nota-se um elemento comum de que os agentes educacionais, separados espacialmente, se relacionam pela conexão de aparatos técnico-eletrônicos. Assim, parece-nos que a EAD nos apresenta uma questão um tanto delicada. Se no passado os processos de ensino e aprendizagem foram, em grande parte, marcados pela presença relacional dialética mestre/discípulo, agora este modelo poderá ser substituído pela modalidade a distância de forma a não prejudicar a formação?

Antônio Zuin (2006, p. 945) propõe o seguinte questionamento referente à EAD:

Pode um processo educacional/formativo ser desenvolvido a distância? A despeito das bases epistemológicas e dos diversos métodos empregados nas situações cotidianamente experimentadas nas salas de aula, o escopo central de tal processo não é o de proporcionar condições favoráveis para a aproximação e não para o distanciamento entre os professores e os alunos?

E, talvez, o exemplo clássico que melhor retrata este sentido de aproximação entre mestre e discípulo, em se tratando de processo formativo, seja a relação estabelecida entre o preceptor Rousseau e seu aluno imaginário Emílio. A interação contínua entre ambos proporcionou a Emílio condições de “ler o livro do mundo”, pois o desenvolvimento de sua percepção dos objetos e das relações humanas lhe possibilitou o acesso gradativo as habilidades para que fossem elaborados os seus primeiros juízos morais. A consciência de que a razão perceptiva sempre foi a base da razão intelectual se pautava no raciocínio dedutivo de que “exercer os sentidos não é somente fazer uso deles, é aprender a julgar bem com eles, por assim dizer, a sentir; porque nós não sabemos nem apalpar, nem ver, nem ouvir senão da maneira que aprendemos” (Rousseau apud ZUIN, p. 130, 2006).

A promoção da liberdade bem orientada, defendida por Rousseau, se contrapunha a ideia da educação de sua época, onde se exigia das crianças a capacidade de reproduzir conceitos apreendidos sem que soubessem seus respectivos significados. A razão deveria equilibrar o exercício da vontade com as capacidades do aluno. Assim se delineava o princípio da autonomia do aluno, constituída na relação de liberdade bem orientada pelo mestre, e que decisivamente vem a influenciar também a concepção de autonomia em Kant “é o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda a natureza racional” (KANT apud ZUIN, p. 73, 2006).

A palavra autonomia ganha ao longo da história da humanidade outros contornos, e hoje aparece na Educação a distância como uma das suas principais propostas e tem como objetivo facilitar o desenvolvimento da aprendizagem autônoma. Neste tipo de aprendizagem, o professor precisa assumir-se como recurso do aluno, uma vez que tal processo é centrado no aprendiz, que é identificado como indivíduo autônomo e administrador dos conhecimentos adquiridos.

Para alguns pesquisadores da EAD, os professores de tal modalidade têm a missão de fazer os alunos perceberem a real possibilidade de sua autonomia para tornarem-se mestres de sua autoaprendizagem, ou em outras palavras, cabe ao professor ensinar os alunos a aprender a aprender. Mas será este o ambiente que está predominando nos dias atuais no ambiente da EAD? Diante dos altos índices de evasão escolar, problema não apenas da EAD, levam-nos a questionar se tais métodos conduzem realmente o aluno de EAD a uma aprendizagem autônoma ou o contrário, uma aprendizagem passiva frente a distância da relação mestre/discípulo.

De outra forma, não se pode negar que as transformações técnicas, econômicas, culturais dos últimos tempos requerem necessariamente novas maneiras de perceber e de compreender o mundo que nos apresenta. Se admitirmos que neste novo movimento de percepção do mundo, o local é interpretado à luz do global, o afetivo é transformado no espetáculo e se as novas gerações percebem a escola de outra forma, bem como podem aprender de maneira diferente, então, esta nova visão de mundo apresenta novos desafios ao campo da educação.

As novas gerações estão desenvolvendo novos modos de perceber (sintéticos e 'gestaltinos' em contraposição aos modos analíticos e sequenciais trabalhados na escola), voltados para a construção de um conhecimento mais ligado a experiência concreta (real ou virtual), em contraposição à transmissão 'bancária' de conhecimentos pontuais abstratos, frequentemente praticados na escola. Se isso é verdade, então a instituição escolar corre o risco não apenas de perder terreno para os sistemas de mídias eletrônicas, como agência de socialização, mas de perder também o contato, a capacidade de se comunicar, com as novas gerações que ela deve educar. (BELLONI, *Educação e sociedade*, ano XXIII, nº 78, p. 04, Abril/2002).

Lidar com as novas tecnologias, com as novas linguagens, e compreender a nova forma de trabalho material, sem dúvida, é um desafio que se apresenta a todos os educadores. A tecnologia é uma realidade na instituição escolar e esta se defronta com o desafio de um trabalho pedagógico voltado para as habilidades necessárias ao atendimento dessas novas demandas. Dessa forma, a tecnologia não pode ser vista como um valor em si mesmo, mas como o sentido de totalidade do homem e de uma educação sustentada na realidade:

A maioria dos cursos de formação na modalidade a distância, oferecidos no Brasil, contraria os requisitos citados acima e se apresenta como uma forma de aligeirar e baratear a formação. Por isso mesmo, tende a ser pensada mais como uma política compensatória, que visa a suprir a ausência de oferta de cursos regulares a uma determinada clientela, sendo dirigida a segmentos

populacionais historicamente já afastados da rede pública da educação superior. O abandono elevado que se observa nesses cursos e mesmo os resultados dos processos avaliativos passam a ser encarados com uma responsabilidade individual dos estudantes, ocultando a exclusão provocada pela desigualdade educacional. (FREITAS, *A Nova Política de Formação de Professores: a prioridade postergada*, Educ. Soc., Campinas, vol. 28, nº 100, ano 2007 – Especial, p. 1214).

### 3.3. A Educação a Distância ou a Distante Educação

Não são poucos os resultados de pesquisas que apontam para uma aprendizagem predominantemente passiva entre alunos de programas de EAD, os quais absorvem, ao invés de elaborar os conteúdos aprendidos, sentindo-se desestimulados a continuar os estudos. A reflexão feita a partir da “distância” da formação dos alunos da EAD, num país de dimensões culturais e sociais tão diferentes como o nosso, faz questionar como a proximidade poderá interferir nos agentes educacionais formados na modalidade da EAD. Num contexto social e educacional, em que o professor via aparelho eletrônico, transmite seus conhecimentos, e o aluno “distante” tem a missão de apreender de maneira individual os conteúdos transmitidos. Num panorama tecnicista e individualista, qual tipo de profissional que estamos formando?

Adorno assegura que, em tempos de indústria cultural, a substituição da função de consciência moral do “supereu” por autoridades externas, descompromissadas e permutáveis pode engendrar “heteronímia, uma dependência de preceitos, de normas que escapam à racionalidade do indivíduo”. (ZUIN, 2006, p. 947).

O desejo de transformar o professor numa entidade coletiva não corrobora o risco de reforçar tal autoritarismo vindo da imagem? A diluição da figura do professor, que se torna uma espécie de prestador de serviços ou mesmo um recurso para o aluno, pode ilustrar o processo de coisificação de sua figura na educação. É neste contexto que o *data show*, ou seja, o show de dados, expressa não só o modo “adequado” de como se devem transmitir os conteúdos pedagógicos, como também a nova função do professor: o animador de espetáculos audiovisuais ou de auditório. A violência que se dissemina na fragmentação da forma e do

conteúdo das imagens televisivas é expressão de uma sociedade cujas relações de produção se “esmeram” pela reprodução de relações fragmentadas, o que pode causar danos à aprendizagem. Mas, por outro lado, se bem orientada, a EAD poderá ser um ótimo instrumento para reduzir as distâncias entre os que têm e os que poderão ter acesso à educação no país. Ou, de outra forma, poderá tornar-se mais uma maneira de perpetuar esta distância a partir do momento que a formação torna-se semiformação. Ou seja, a prioridade do acesso à educação poderá ser mais uma vez postergada.

Um dos grandes desafios em relação ao ensino a distância é o de proporcionar condições reais para que professores e tutores deixem de ser apenas figuras aparentemente presentes, ou ausentes, para se efeturem como presenças reais na construção do conhecimento junto aos alunos da EAD.

Na verdade, a presentificação do professor se faz, paradoxalmente, por meio de sua “virtualização”, ou seja, pela possibilidade de se espicaçar o desenvolvimento de um número cada vez maior de representações que estimulem os alunos a questionar os conteúdos transmitidos, os quais, ao invés de serem absorvidos, podem ser elaborados criticamente [...] O risco da chamada transformação do professor numa entidade coletiva, um termo muito apreciado pelos pesquisadores de educação a distância, é o de pulverizar a autoridade de tal professor a ponto dela se rearticular na forma do autoritarismo imagético que arrefece o desenvolvimento das representações e, portanto, do raciocínio crítico. (ZUIN, 2006, p. 949).

No decorrer de nossa pesquisa, ouvindo alguns relatos de professores e alunos do curso filosofia da EAD, podemos perceber que o polo que mais se destacou até o momento no curso de Filosofia a Distância da UFSC, foi o que conseguiu aproximar mais os agentes educacionais por meio das mediações técnicas. E igualmente a constituição de grupos de estudos entre os próprios alunos. Aquele professor que, além da aula via videoconferência, procura visitar com mais frequência o polo, se colocava à disposição para tirar dúvidas além dos horários pré-agendados pelo programa com os alunos, é o que mais retorno recebeu, com um melhor aproveitamento do curso, e como resultado, o polo apresenta um número menor de evasão. Como nos

relata o professor “D”, na sua resposta ao questionário sobre a sua maior contribuição na formação dos alunos de Filosofia na modalidade EAD:

Penso que minha maior contribuição será sempre possibilitar ao aluno o acesso (o contato) com o professor. Tento ao máximo me colocar sempre ao dispor dos alunos e aproveitar cada momento que estou com eles, seja por meio da *web* ou mesmo quando ministro as aulas nos polos. Para que o aspecto virtual – aulas, videoconferências, fóruns – seja “compensada” com a ida ao polo. Para que o aluno possa perceber, e nós também, o seu rosto e vice e versa. Quero dizer com isto que na EAD não devemos nos abster da presença, optando apenas pelo contato virtual. (Questionário – Professor D).

Cabe um pequeno recorte sobre a definição de rosto, conforme o relato do professor “D” em nossa pesquisa: *A educação tem um rosto.* (Questionário – Professor “D”). Não importa se na modalidade presencial ou na EAD há um rosto a ser apresentado quando falamos de educação.

A definição de rosto nos reporta ao filósofo Emmanuel Lévinas (1906-1995), que nos apresenta o rosto como a demonstração da autenticidade do “outro”, que é concreto, absoluto, e que possui uma face. “O rosto é a demonstração do mundo subjetivo do outro na sua profundidade e veracidade. É a manifestação mais autêntica do “outro”, pois não está sediada em nenhuma iniciativa do “eu”. O estranho dá-se a conhecer através do seu rosto. A apresentação do ser no rosto não tem estatuto de valor. O que chamamos rosto é precisamente a excepcional apresentação de si por si” (LÉVINAS, 1988, p.181).

Na visão de alguns alunos, esta proximidade também é sinal de maior aprendizagem.

Penso que um destaque da atuação dos professores em nosso polo, seja a sua “proximidade” junto aos alunos no seu processo de compreensão das disciplinas ministradas. A tecnologia empregada à formação permite ainda que por meio virtual, esta proximidade aconteça. E quando temos as aulas presenciais, torna-se o grande momento para que esta aproximação se consolide ainda mais. (Questionário – aluno “C”).

Ao comentar algumas experiências positivas em EAD e seus resultados obtidos, Belloni (1999), observa que a frequência entre os estudantes, e a exigência de retorno imediato da informação explica a receptividade às mídias interativas (telefone, e-mail) do desejo de encontrar outros estudantes o que permite comparar dificuldades e discutir sobre a qualidade dos cursos da necessidade de encontrar pessoalmente os tutores. A necessidade da aula presencial desvela a privação da tecnologia que exclui a comunicação humana/presencial, mas que pode ser identificada como a força que impulsiona os indivíduos a desenvolver a tecnologia, que os capacite a se aproximar uns dos outros de modo efetivo. Se esta observação for confirmada, os tutores presenciais não podem ser identificados como recursos, mas como profissionais que tem um papel decisivo no processo educacional/formativo a distância.

Se por um lado a autoridade do mestre se faz necessária na EAD, bem como na educação presencial, as expressões “animador de auditório”, “prestador de serviços”, não coincidem com o seu devido valor e com sua dignidade de profissional da educação. No entanto, também na modalidade de EAD, a autoridade do mestre deve ser superada. Quando os alunos percebem que suas opiniões são respeitadas pelos professores, inicia-se o processo de superação da autoridade pedagógica (não a sua eliminação), pois a explicação dos docentes é modificada nas intervenções do corpo discente. Por isso, citamos o *Zarathustra*, de Nietzsche, que provoca seus discípulos dizendo: “Retribui-se mal um mestre quando se permanece sempre e somente discípulo. E por que não quereis arrancar folhas da minha coroa?” (NIETZSCHE, 2005, p. 105).

O uso da técnica no processo formativo, portanto, não deve ocasionar a substituição do encontro presencial em se tratando da proximidade mestre/discípulo. Toda tecnologia tem um produtor e possui um auditório social em que foi produzida, e o seu uso não depende exclusivamente do livre arbítrio de quem a produziu ou a controla.

Em seu texto, Zuin (2006) conclui que nos diversos polos onde são aplicados cursos de EAD nas mais diferentes regiões do nosso país, de certa maneira, se encontra uma descrição pormenorizada dos elementos que compõem a infraestrutura física de tais polos. Porém, o mesmo não acontece com uma posição que, ao menos, incite o início da discussão sobre temas como: que tipo de relação pedagógica pode ser promovida entre os agentes educacionais envolvidos num processo de Educação a Distância? Como se constitui a autoridade pedagógica num

ambiente de aprendizagem virtual? Questões como essas não podem ser evitadas, caso prevaleça o desejo de que a Educação a Distância, ao invés de apartar os agentes educacionais, contribua para uma maior aproximação entre eles. A EAD não pode deixar de lado a necessidade de comunicar as privações e alegrias humanas, que a fizeram surgir como uma nova modalidade que pode ajudar a aproximar o conhecimento daqueles que até hoje viveram e vivem afastados dos grandes centros educacionais nacionais. Por isso, esta modalidade de ensino tem a possibilidade de tentar diminuir as distâncias sociais e culturais presentes em nossas cidades por meio da oferta de cursos que possibilitem uma educação de qualidade, ainda tão distante de nossa realidade. A Educação a Distância não pode tornar-se mais uma “educação distante” das coordenadas do nosso tempo e espaço. Essa inserção, como diria Adorno (1995 apud MAAR), quando intencionada a atingir as novas gerações, deve ser realizada na teoria educacional e nos pontos pedagógicos do sistema educacional nacional.

Ao se preocupar com a formação de uma consciência verdadeira, na qual o indivíduo não apenas se adapte à sociedade do seu tempo, mas intervenha nela, Adorno, também pontua a necessidade de uma formação que conduza a uma autonomia. Nesta tensão entre indivíduo e sociedade, o equilíbrio deve prevalecer, sob a condição de que os indivíduos apenas se adaptem a uma situação de conformismo comprometendo a autonomia e sua própria formação. Do mesmo modo a educação não pode se furtar do compromisso de formar para a vivência no mundo compartilhado com os mais novos. Assim diz Adorno, “desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos furtar dela” (ADORNO, 2003, p.144). Ainda para o autor, o problema com o qual se depara a educação é enfrentar essas tensões e descobrir em que medida ela pode criar resistência à ameaça de contentar-se apenas com a semiformação, com aquilo que já foi dado, já está construído.

A educação para além de um desafio nacional, o é também individual. Para isso, formar-se a partir da modalidade presencial ou a distância, sempre imputará uma dose de responsabilidade mútua de quem ensina (mestre), mas também de quem aprende (aluno). Desta relação, por vezes tensa, poderá nascer o desejo instigante da contínua e progressiva formação.

No próximo item deste capítulo, pretendemos realizar uma apreciação crítica de um curso na modalidade a distância. Pensamos no curso de Filosofia na modalidade a distância, desenvolvido pela UFSC



no polo de Videira, SC, mediante a entrevista com professores, tutores e alunos, queremos esboçar algumas considerações sobre o curso e verificar como o conceito de formação, em Adorno, interage (ou não) com a formação efetiva desenvolvida neste Polo, no curso em específico. O resultado desta pesquisa está anexo a este capítulo.

### **3.4. Os desafios da pesquisa: objetivos e a problematização do questionário**

Entendemos que toda pesquisa é um processo. Realizar uma pesquisa requer rigor científico, métodos e técnicas que possam responder tanto quantitativamente quanto qualitativamente o objeto a ser pesquisado.

Nossa pesquisa aconteceu no Polo de Videira, cidade situada no Oeste Catarinense, com uma população de aproximadamente 50 mil habitantes. Nessa cidade há um polo de EAD da UFSC, onde entre outros cursos, também se realiza o curso de Filosofia na modalidade a distância.

Procuramos realizar com os alunos, professores e tutores, uma pesquisa qualitativo-explicativa, que têm como características básicas, o ambiente natural como fonte direta de dados, em que a preocupação com o processo é maior que com o produto, sendo o foco de atenção direcionado para o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida acadêmica.

Para Moreira, esse modo de fazer pesquisa expõe sua credibilidade em sua narrativa pela argumentação fundamentada por comentários que buscam dar suporte ao fato que se está pesquisando. Para o autor,

o interesse central da pesquisa (qualitativa) está na questão dos significados que as pessoas atribuem a eventos e objetos, em suas ações e interações dentro de um contexto social, e na sua elucidação e exposição desses significados pelo pesquisador (MOREIRA, 1990, p. 32).

Ao abordar professores, tutores e alunos do curso de Filosofia na modalidade EAD, procurou-se, em primeiro lugar, fazer um contato com este professor, tutor, aluno, que estão na EAD, conhecer esses agentes, um pouco das suas rotinas, peculiaridades, dessas pessoas que interagem no curso de Filosofia em Videira.

Os cursos de Filosofia ao longo da história são marcados pelas longas discussões sobre as questões primeiras. Quem eu sou, de onde vim, para onde vou? Quem é o ser? Ora, ao longo dos séculos essas questões foram, quase sempre, sendo debatidas de maneira presencial, aluno e seu mestre, em uma determinada sala, ou ainda ao ar livre. Agora na EAD, esta relação muda significadamente, e aparece ainda uma terceira figura, o tutor. Dessa relação, buscamos conhecer melhor como se dá o processo de formação filosófica na modalidade EAD.

Vale lembrar, que num primeiro momento, procuramos a aproximação com o pesquisado por meio de entrevista semiestruturada, que permite uma relação de interação entre pesquisador e pesquisado, visto não haver uma imposição mais rígida nas questões. Há espaço para o pesquisado construir, descrever sua resposta.

Após ter a pesquisa aprovada pela direção do curso de Filosofia a Distância da UFSC, entrevistamos alguns professores que trabalham com a EAD.

Para os professores, procedemos, primeiramente, com um contato via email para marcar uma entrevista. A maioria solicitou para enviar por email o questionário. De um total de 08 *emails* enviados, voltaram 05(cinco), sendo que 04(cinco) se propuseram a conversar pessoalmente.

Com os tutores conversamos pessoalmente em Videira e posteriormente enviamos por email o questionário. O objetivo era conhecer melhor o seu papel na EAD, seu trabalho e como percebe a formação no ambiente da EAD.

O questionário foi utilizado como roteiro norteador para as entrevistas. Todas elas, seja por questionário, e principalmente as que foram gravadas e posteriormente transcritas expressaram os momentos ricos neste processo de coleta de dados. Aconteceram também algumas críticas ao questionário, principalmente nas questões que, para alguns, não ficaram muito claras nos enunciados. Acreditamos que a dificuldade se encontrou na ideia prévia da compreensão do fenômeno por parte do pesquisador, que na verdade só compreendeu melhor este processo a partir do momento que entrou em contato direto com o objeto de estudo.

As entrevistas com os alunos aconteceram de forma um tanto diferenciada. O pesquisador teve a oportunidade de visitar o polo, justamente no dia em que haveria uma aula presencial. Com a devida autorização do professor, o pesquisador utilizou alguns minutos da aula para expor aos alunos os objetivos da pesquisa e a maneira como este processo aconteceria. Tendo sido acolhido o propósito da visita ao polo, foi encaminhado aos alunos o questionário, via email. Do total dos 17

alunos que frequentam o curso de Filosofia no sétimo semestre, quatorze (14) questionários retornaram. Os demais não justificaram, nem retornaram os emails seguintes reforçando solicitação para a participação na pesquisa.

### 3.5. Sistematização da coleta dos dados da pesquisa

Feita a coleta de dados, passamos a sistematizá-los, buscando analisá-los à luz do aprofundamento teórico feito anteriormente.

Os objetivos traçados para a pesquisa podem ser sintetizados em três eixos temáticos principais, conforme apresentamos nos ítems 1, 2 e 3.

#### **01: Objetivos da Pesquisa e Categorias de Análise**

**Objetivo Geral:** conhecer o Docente da EAD, seu trabalho e como este percebe a formação no ambiente da EAD.

#### **Objetivos Específicos:**

Descrever e interpretar o trabalho docente na EAD, sua visão de formação nesta modalidade.

Descrever sua opinião sobre a formação em Filosofia na EAD em contraste com o curso presencial.

Investigar quais são os maiores desafios apresentados na EAD no curso de Filosofia.

#### **02: Objetivos da Pesquisa e Categorias de Análise**

**Objetivo Geral:** conhecer o Tutor da EAD, seu trabalho e como este percebe a formação no ambiente da EAD.

#### **Objetivos Específicos:**

Descrever e interpretar o trabalho do tutor na EAD, sua visão de formação nesta modalidade.

Descrever sua opinião sobre a formação em Filosofia na EAD em contraste com o curso presencial.

Investigar quais são os maiores desafios apresentados na EAD no curso de Filosofia.

#### **03: Objetivos da Pesquisa e Categorias de Análise**

**Objetivo Geral:** conhecer o Aluno da EAD, seu perfil e como este percebe a sua formação neste ambiente.

**Objetivos Específicos:**

Descrever e interpretar a visão da formação nesta modalidade por parte do aluno.

Descrever sua opinião sobre a formação em Filosofia na EAD em contraste com o curso presencial, se possível.

Investigar quais são os maiores desafios apresentados na EAD no curso de Filosofia.

(Fonte: elaborado pelo Autor da pesquisa).

Acreditamos que esta divisão dos questionários possibilitou uma maior organização, aprofundamento e sintetização dos dados.

### 3.6. Apresentação da pesquisa realizada e a docência na EAD

Neste item, apresentamos alguns dados da pesquisa realizada, à luz da particularidade da docência na EAD.

Belloni (1999) faz alusão às discussões baseadas nos modelos teóricos provenientes da economia da sociedade industrial, sintetizada nos paradigmas do Fordismo e Pós-fordismo. A autora afirma que já em 1973, Peters define a EAD deste modo:

Educação a distância é um método de transmitir conhecimento, competências e atitudes que é racionalizado pela aplicação de princípios organizacionais e de divisão de trabalho, bem como pelo uso intensivo de meios técnicos, especialmente com o objetivo de reproduzir material de ensino de alta qualidade, o que torna possível instruir um maior número de estudantes, ao mesmo tempo, onde quer que eles vivam. É uma forma industrializada de ensino aprendizagem. (PETERS, 1973 apud BELLONI, 1999, p. 27).

Belloni busca explicar, a partir do contexto sócio-econômico, as particularidades da EAD em relação ao ensino convencional e ao mercado de trabalho. Afirma que a EAD pode ser entendida a partir de três princípios básicos que regem a produção industrial: produtividade, divisão do trabalho e produção de massa. Ainda destaca que a aplicação de modelos industriais à EAD, além de considerar o estudante como

alguém passivo pertencente a um grupo de massa, também implica na desqualificação e divisão do trabalho do professor.

Algumas conclusões apontam para os interesses capitalistas de exploração econômica como um dos motivos que levaram à expansão da EAD nos últimos tempos. A Educação a Distância estaria sendo vista como uma oportunidade de mercado, em que a exploração da mais-valia é perfeitamente cabível. O contexto capitalista atual estaria bastante propenso ao emprego das atividades de EAD motivado pelas transformações do padrão tecnológico de produção associadas aos princípios de reestruturação produtiva.

No entanto, acreditar apenas que a EAD seja refém de uma artimanha do capitalismo para que possa ser apenas mais uma plataforma de mercado, seria um tanto preconceituoso de nossa parte. É importante destacar que há muitas iniciativas que mostram a convergência que existe entre a EAD e as tecnologias de informação e comunicação voltadas para o campo da educação, e nesse sentido, busca-se clarear a ideia de que a EAD seja uma esfera da educação que se apropria da tecnologia em benefício do propósito educacional.

Acreditamos que o trabalho pedagógico a distância situa-se num ponto intermediário entre os pontos do trabalho pedagógico presencial e do trabalho fabril, ou seja, considera-se que o trabalho pedagógico a distância aproxima-se mais do trabalho fabril do que do trabalho pedagógico presencial, pois, além de estar claramente organizado sob a lógica capitalista, há uma especificidade gerada pela inserção de tecnologias do ensino-aprendizagem, como os módulos didáticos (impressos ou digitais) que se constituem em produtos intermediários do trabalho pedagógico a distância. Essas tecnologias promovem, por exemplo, a separação entre produção e distribuição do conhecimento e entre os tempos de ensino e de aprendizagem.

Os modelos da sociologia industrial penetram no campo da educação aberta em dois caminhos: de um lado, as mudanças na produção econômica e na organização do trabalho provocaram mudanças na demanda; de outro houve grande influência destes modelos na organização interna das instituições educacionais, com significativo impacto em suas concepções e estratégias educacionais. As demandas na formação inicial e continuada mudam substancialmente, apontando para duas grandes tendências, a reformulação radical dos currículos e métodos de educação

privilegiando a multidisciplinaridade e a aquisição de habilidades de aprendizagem e oferta de formação continuada ligada aos ambientes de trabalho, numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. (BELLONI, 1999, p. 78).

Como em todo processo educativo, a Educação a Distância também apresenta diferentes zonas de conflitos e interesses que não se resumem às discussões sobre a relação da EAD e a lógica capitalista. Trata-se, segundo nossa percepção, de discussões acerca dos paradigmas pedagógicos adotados na EAD, da autonomia versus autoformação, novas tecnologias e os processos pedagógicos vigentes. A seguir, apresentaremos alguns tópicos dessas discussões.

Existe uma distância entre o aluno autodidata e o aluno autônomo como nos afirma Santos:

Autodidatismo difere-se de autonomia. Autodidata refere-se a alguém capaz de ensinar a si mesmo. Autônomo é alguém protagonista da própria aprendizagem. Autonomia vai além de aprender sozinho. Entende-se por alguém autônomo alguém com liberdade de ir e vir. Alguém capaz de refletir sobre as consequências das próprias decisões. [...] Se o aluno não é autônomo para aprender, é obrigação do ensino organizar as situações de aprendizagem de maneira a levar o aluno a refletir e estabelecer conexões. Como pré-requisito ou como consequência, a autonomia é um dos pilares que sustenta a aprendizagem em qualquer contexto, mas principalmente na EAD. (2007, p. 5).

Percebemos ainda sobre o aluno da EAD certo preconceito no que diz respeito ao equívoco de atribuir-lhe a necessidade de aprender sem o auxílio do professor. A distância, tanto no espaço quanto no tempo, não supõe um afastamento entre professor e aluno. Na EAD, passa a existir uma nova relação entre professor e aluno, que poderíamos chamar de interação. O ambiente virtual a possibilita. Diferente da educação de massa, a EAD pode explorar as diferentes dimensões humanas, como a criatividade, curiosidade, emoção, a intelectualidade e a afetividade, tanto quanto na presencial, pois, acreditamos que uma educação “humanizadora” não se resume em presença física. Uma sala

de aula baseada numa relação autoritária pode ser considerada um local de encontro de corpos, mas não um ambiente de educação integral do ser humano.

Nossa pesquisa revelou que esta proximidade, seja virtual ou presencial, na EAD facilita bastante o contato do aluno com a disciplina que este se depara, às vezes pela primeira vez com conceitos difíceis de ser assimilados. Por isso, diminuir esta distância entre professor e aluno torna-se um grande desafio.

A interação do aluno com o tutor e o professor é muito importante para a compreensão das disciplinas oferecidas pelo curso de filosofia. E esta relação deve acontecer de maneira sincera e respeitosa para que as dúvidas em relação ao conteúdo ou mesmo para o bom desenvolvimento do curso. (Questionário – aluno “A”)

Acompanhar o aluno no processo em que vai se deparando no curso de Filosofia na modalidade EAD é indispensável, acredito eu. Isto gera comprometimento, interação com o mesmo. Tínhamos, como tutores, a oportunidade de conversar bastante com os professores sobre o conteúdo das apostilas, isto nos ajudava a criar sintonia com os professores para depois compartilharmos com os alunos. (Questionário – Tutor “B”).

Às vezes nos sentimos distantes da universidade, devido tanto a distância, mas também, para a resolução de pendências burocráticas. (Questionário – Aluno “C”)

Os diferentes pontos de vista dos estudiosos sobre a EAD revelam a complexidade das questões nesta nova modalidade de educação. Essas ideias podem ser tomadas como ponto de partida para a discussão e reflexão acerca dos papéis de todos os envolvidos no processo de aprender e ensinar na modalidade a distância.

### **3.7. A formação de professores para atuar na EAD**

A discussão sobre a formação do professor para atuar na Educação a Distância tem como base central a alfabetização tecnológica

deste professor. No entanto, a prioritária alfabetização tecnológica não se limita ao uso mecânico dos recursos tecnológicos, pois abrange o domínio crítico dessa linguagem. Isso implica conhecer bem os recursos disponíveis e saber que eles poderão ser utilizados como ferramentas de auxílio para chegar aos objetivos propostos. Esta discussão vem salientar a necessidade do professor estar devidamente preparado para o uso pedagógico das novas tecnologias de formação.

A formação dos professores para atuarem da EAD vem da necessidade de incluir digitalmente o professor nesta nova modalidade de ensino. Esta prática não deve se restringir a apreensão de habilidades técnicas, pois pensar a formação docente como uma lista de procedimentos, conteúdos, atividades ou efeitos tecnológicos é adotar uma visão tecnicista dessa formação, que se apoia na lógica racionalista de fragmentação, reducionista. Por outro lado, caberá ao professor exercer a docência também nesta modalidade. Não poderá o docente eximir-se deste processo, delegando esta responsabilidade aos especialistas em tecnologia digital.

O professor tem a missão de apontar o norte neste processo de ensino junto ao aluno. Ele irá interagir com o aluno na maioria das vezes via TICs e algumas vezes presencialmente no polo. A EAD também exige do professor uma habilidade tanto na forma de como lidar com as novas tecnologias de modo satisfatório, mas também de uma grande preparação prévia, seja na produção do próprio material a ser oferecido ao aluno, bem como pelo ambiente virtual no momento das aulas. (Questionário – professor “D”)

O domínio das novas tecnologias educativas pelos professores pode lhes garantir a segurança para, com conhecimento de causa, sobrepor-se às imposições sociopolíticas das invasões tecnológicas indiscriminadas nas salas de aula. Criticamente, os professores vão poder aceitá-las ou rejeitá-las em suas práticas docentes, tirando melhor proveito dessas ferramentas para auxiliar o ensino no momento adequado. Parece-nos claro que neste processo de educação as TICs podem ser o contexto ou o meio, mas não fim em si mesmo do processo educativo.

Um ambiente de aprendizagem é mais que um endereço no ciberespaço, onde os alunos acessam informações e enviam dados e respostas. Não



basta navegar: é preciso construir e reconstruir os mares da aprendizagem. Neste sentido, a ênfase na atividade a distância não é o foco principal, mas sim o processo de interação e aprendizagem que se dá através do suporte digital. (VALENTINI; FAGUNDES, 2001, p. 110).

As TICs representam a possibilidade de ampliar os espaços educacionais, descentralizar o acesso ao saber, modificar a lógica da comunicação, aproximar professores e alunos. Essas possibilidades devem ser aproveitadas e devidamente exploradas com fins educacionais num paradigma que tem como prioridade a participação, a inteiração dos agentes educacionais, visando à construção compartilhada do conhecimento.

A formação é eixo condutor deste trabalho, por isso nas três diferentes categorias ela aparecerá com delineadora deste processo de análise dos dados coletados. O professor ao relatar seu próprio processo formativo significa ouvi-lo não sobre uma teoria de alguém que este relata, mas o que está em jogo aqui é um pouco da sua história, das suas certezas e incertezas testificadas pela sua prática docente.

Ao nos defrontarmos com algumas pesquisas realizadas com professores da EAD, constatamos uma tensão entre competências e formação no ato da contratação de docentes. Por isso, a competência para o uso das novas tecnologias voltadas para a educação exerce certa influência no processo de escolha do trabalho na EAD. Alguns professores destacaram que o convite para atuar na EAD deu-se por já estar familiarizado com as tecnologias, seja em cursos que já atuou, ou pelo uso das TICs em sala de aula para outros cursos, que não o de Filosofia.

Outro detalhe importante que ficou bem visível nas respostas dos professores foi como este profissional se sente ao se defrontar com o ambiente virtual, como foi sua experiência. Percebemos pelas respostas obtidas que a formação do professor nos aspectos mais tecnológicos se dá no momento do ingresso deste no ambiente virtual, como nos aponta a resposta do referido professor.

Quando me deparei com o ambiente virtual, percebi que necessitava de um maior treinamento para me inteirar do uso adequado da nova ferramenta de comunicação que eu estava tendo acesso e que seria o canal principal de comunicação com meus novos alunos. Ou seja,

me senti um pouco aluno, neste processo.  
(Questionário – Prof. “C”).

As informações técnicas tem por objetivo ajudar o professor a tornar um pouco mais familiar as novas tecnologias para sua atuação na EAD.

Outro aspecto que o professor “B” ressaltou no questionário nos chama a atenção: “neste ambiente, me sinto aluno no início de um novo curso”. Esta resposta nos remete a um serviço de formação no *lôcus* do trabalho docente. Em meio ao mesmo ambiente onde os professores são os profissionais da docência, há a possibilidade, e talvez a necessidade, de experimentar as particularidades da discência, analisando suas sensações e atitudes frente ao novo ambiente que está conhecendo.

Este mesmo aspecto também apareceu nas respostas dos tutores, quando do seu primeiro contato com o ambiente virtual, como ferramenta para seu uso, trabalho e assessoria pedagógica junto aos alunos. Por isso a dimensão da formação vai muito além do que um mero cumprir tarefas. Essas situações dariam subsídios para que os professores e tutores possam aprofundar suas reflexões acerca das implicações de suas escolhas pedagógicas e de suas atitudes sobre o aprendizado do aluno.

Ao enfatizar a importância da formação por meio da prática, também para o professor e tutor, acreditamos que as interrelações no ambiente virtual ajudam a perceber a presença do outro. Ou seja, ao se perceber a dificuldade do outro com o ambiente virtual, pode-se tentar ajudá-lo, buscando outras maneiras para superar as dificuldades nesta nova modalidade, pois as dificuldades, muitas vezes são comuns, tanto para professores, tutores e alunos.

Outra contribuição importante que o questionário trouxe em relação aos alunos, bem como no testemunho dos tutores, foi na importância do estudo em grupo. Diz a aluna “D” do curso de filosofia:

“O estudo em grupo nos ajudou a despertar para a necessidade de estudar. Como já fazia certo tempo da conclusão do meu curso presencial, tive certa dificuldade em retomar o ritmo do estudo. E o estudo em grupo nos finais de semanas ou em encontros pré-agendados com outros alunos aqui de Videira, nos ajudaram bastante para a superação das dificuldades”. (Questionário - Aluno “D”).

A afirmação do aluno traz a tona um importante questionamento para a compreensão da formação em ambiente da EAD. Aquela ideia de que na EAD os cursos são totalmente individualizados, em detrimento da participação do grupo, fica inconsistente. Não obstante haja a necessidade de haver os momentos para o aluno desenvolver o seu estudo individual. Mas o que se quer dar destaque aqui é a presença do grupo de estudo como fator preponderante para a formação do aluno.

No aspecto da avaliação do desenvolvimento do curso, os professores A, B, C, D, avaliam positivamente a experiência da universidade no desenvolvimento do curso de filosofia na modalidade EAD.

Tem sido eficiente, sob minha ótica de avaliação.  
(Prof. A – Questionário)

É interessante porque você se depara com outras realidades e com profissionais de outras áreas que resolvem migrar para o campo da filosofia.  
(Prof. B – Questionário)

Necessário para a universidade chegar aos lugares mais afastados do Estado.  
(Prof. C – Questionário).

Para mim, ajudou a perceber outro conceito de formação, também uma maneira diferente de construir conhecimento junto aos alunos de filosofia através do ambiente virtual. Uma nova maneira de fazer e refletir filosofia.  
(Prof. D – Questionário).

Ao afirmar que a formação é eficiente, os professores querem destacar o caráter pragmático do curso oferecido, ou seja, parecem analisar a formação sob o aspecto prático. Mesmo assim, é um tanto difícil afirmar quais seriam esses aspectos, pois suas respostas não permitiriam aprofundar tal questão. Os professores C e D reforçam a ideia de levar a universidade para além do seu nicho cultural e social, saindo do seu ambiente geográfico devidamente situado, para adentrar em outra realidade geográfica, cultural, social, econômica. Cremos que a dimensão da extensão traduz bem esta missão da universidade, além de oportunizar um novo meio de se fazer filosofia. O ambiente virtual rompe a barreira física presencial para ser presença por meio do ambiente virtual.

Percebemos que esta última afirmação se adéqua ao que Lévy diz sobre a passagem da escrita linear para uma nova etapa, em que a principal tecnologia da inteligência será a escrita hipertextual ou a utilização da multimídia no processo educacional.

O aumento do potencial de inteligência coletiva se processa alicerçado aos atributos das tecnologias da inteligência (banco de dados, por exemplo). Frente ao avanço da internet e sua vasta aplicabilidade, as instituições de ensino estão se adequando a esta nova realidade, através do florescimento da Educação a Distância. Segundo Lévy esta nova modalidade de formação trouxe maior autonomia na aprendizagem e na formação do aluno.

Mas o essencial se encontra em um novo estilo de pedagogia, que favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede. Neste contexto, o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos (...) sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos valores dos saberes, a meditação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem. (1999 p. 158/171).

O dinamismo proporcionado pelos sistemas tecnológicos de informática, em seu dinâmico fluxo de informações em rede, conecta o educando a uma aprendizagem diferente da convencional, pois da atividade independente com as informações da rede o processo de aprendizagem vai se delineando. No entanto, é importante salientar que não será a rede mundial de computadores que irá substituir a formação básica do educando. Mas ao contrário, a utilização do ciberespaço será uma ferramenta importante a ser agregada ao processo de formação do educando.

As aprendizagens permanentes e personalizadas através da navegação, orientação dos estudantes em um espaço do saber flutuante e destotalizado, aprendizagens cooperativas, inteligência coletiva no centro de comunidades virtuais, desregulamentação parcial dos modos de reconhecimento dos saberes, gerenciamento dinâmico das competências em tempo real... Esses

processos sociais atualizam a nova relação com o saber (LÉVY, 1999 p. 177).

Na EAD, as tecnologias configuram-se como o contexto e o meio onde se dá a ação educativa, portanto, a formação precisa habilitar esse professor para o uso das tecnologias de maneira que compreenda suas possibilidades dentro do propósito educacional. Nesta perspectiva, os alunos e professores da EAD tornam-se não apenas reprodutores do conhecimento, mas coparticipantes do processo de ensino-aprendizagem.

### **3.8. As novas tecnologias, a autoridade do professor e sua práxis**

A atual práxis docente, que se renova por meio do contato com as tecnologias digitais, também designa transformações decisivas em relação à autoridade pedagógica. As novas tecnologias digitais impõem mudanças na configuração da autoridade do professor em relação aos alunos, principalmente quanto à diminuição da distância entre tais agentes educacionais.

Adorno (1995), no texto *Tabus acerca do Magistério*, aponta para a necessidade de que o professor possa ocupar sua posição, equilibrando a necessidade de disciplina e autoridade exigida pela própria atividade de promover a emancipação, as quais são contrárias à opressão e autoritarismo. A melhor forma de promover isto seria segundo Adorno (1995), promover o esclarecimento sobre os elementos de dominação que estão presentes na escola e nas relações entre alunos e professores, para que, quando eles se mostrarem inevitáveis, que pelo menos se tenha consciência de que são momentos de um processo orientado para outra finalidade: a formação dos sujeitos emancipados. A exigência da reflexão sobre a prática docente, assim como a tentativa de buscar o esclarecimento sobre os tabus relacionados à imagem do professor são preocupações recorrentes nas considerações teóricas de Adorno, mesmo em sua própria atividade de docente. É neste sentido que Adorno faz menção a Max Scheler:

Max Scheler disse certa feita que só atuou pedagogicamente porque nunca tratou seus estudantes de maneira pedagógica. Se me permitem a observação pessoal, a minha própria experiência confirma inteiramente este ponto de

vista. Ao que tudo indica, o êxito como docente acadêmico deve-se à ausência de qualquer estratégia para influenciar, à recusa em convencer. (ADORNO apud MAAR, 1995, p. 104).

A superação da autoridade não significa sua eliminação, pois a disciplina internalizada não obstaculiza, mas sim contribui para a formação das consciências críticas, desde que o aluno se sinta respeitado como partícipe do processo de ensino-aprendizagem. O fato que se impõe hoje sobre várias outras é que os alunos, de uma forma ou de outra, intervirão em tal processo por meio do uso das tecnologias digitais (Orkut, youtube, skipe).

As novas tecnologias estão reconfigurando as relações de poder entre alunos e professores. As revoluções das forças produtivas, notadamente as de ordem tecnológica, determinam o modo como se abreviam os intervalos observados entre os professores e os alunos. Talvez nunca a intervenção do professor fosse tão primordial e necessária. E hoje, por meio da EAD, surge a figura do tutor, que além do professor, tem sua singular importância para o desenvolvimento do processo educacional da EAD, pois são profissionais que têm um papel decisivo no processo educacional/formativo a distância.

O tutor não pode simplesmente absorver os conhecimentos transmitidos pelos professores, quer seja nos encontros presenciais esporádicos entre ambos, quer seja no sortilégio que as imagens de tais mestres “virtuais” possam exercer. Ele deve permitir, cada vez mais, ousar saber, o que implica não a aceitação passiva dos conhecimentos obtidos, mas sim o questionamento destes mesmos conhecimentos. ZUIN, 2006, p. 949.

### **3.9. O desafio dos Tutores e Professores da EAD**

A reflexão do retorno dos alunos sobre a importância dos tutores a distância e presencial é fundamental para o processo de aprendizagem nesta modalidade. As respostas dos alunos revelaram que o *feedback* das atividades realizadas pelos tutores é ferramenta importante para o desenvolvimento de suas atividades ao longo do

curso. “A participação dos tutores facilita nossa aprendizagem, pois com seus feedbacks sabemos se estamos indo pelo caminho certo das atividades”. (Questionário/Tutores). A possibilidade de refazer as atividades, segundo os alunos, revela a oportunidade para rever conceitos, posturas e construções, portanto, proporcionam maior qualidade às atividades propostas e, como consequência, a aprendizagem se torna mais compartilhada. Alguns alunos revelaram em suas respostas que o tutor era muito exigente, mas ao contrário de ser algo negativo, isto possibilitou, ao longo da caminhada, que a turma se empenhasse mais nas atividades e até a refazer, quando necessário, as atividades propostas. Portanto, a interação de informações, mediante os meios de comunicação, possibilitou uma relação mais frutuosa, no sentido de construção de conhecimento por meio da “relação de troca de informações”, via meio eletrônico.

Na EAD, o professor não perde a sua importância no processo de ensino/ aprendizagem, mas com certeza sofre algumas alterações em seu papel. Sua postura *online* deverá ser de mediador, pesquisador e um facilitador/colaborador no processo de ensino aprendizagem com os alunos. Mas como conciliar tudo isso no contexto da vida do professor e no contexto da EAD?

Esses diferentes pontos de vista revelam a complexidade das questões em torno da EAD e a não unanimidade entre os teóricos da educação sobre esta modalidade de ensino. No entanto, para além de obstruir qualquer reflexão, as posições contrárias a essa modalidade servem antes de estímulo para se debruçar ainda mais com afinco sobre o tema controverso chamado EAD.

Uma primeira constatação, em se tratando do trabalho empregado na EAD, é o seu caráter coletivo. Na modalidade de ensino a distância, o trabalho coletivo constitui uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da formação, pois desde a preparação da aula, passando pela sua veiculação junto aos alunos, até a conclusão do módulo, todos os docentes mantêm constante contato com os outros diferentes integrantes da equipe. As atividades são distribuídas entre os membros, cada qual com saberes diferentes e específicos, e deste modo, elimina-se qualquer possibilidade de uma concepção de totalidade do processo de oferta do curso virtual por qualquer um dos profissionais envolvidos neste.

Não por acaso, os programas de educação a distância que obtiveram resultados positivos foram aqueles que tiveram êxito de aproximar presencialmente, os agentes educacionais por

meio das mediações técnicas. Ao comentar algumas experiências em EAD e seus resultados obtidos, Belloni (199, p. 47) observa a frequência, entre os estudantes, da exigência de retorno imediato da informação, o que explica a receptividade a mídias interativas (telefone, *e-mail*); do desejo de encontrar outros estudantes, o que permite comparar dificuldades e discutir sobre a qualidade dos cursos; da necessidade de encontrar pessoalmente os tutores. (ZUIN, 2006, p. 950).

Sob este mesmo critério, podemos ainda avançar a reflexão no sentido de aprofundar esta posição a ser definida na prática do professor. Mesmo na EAD, em que a utilização das TICs torna-se imprescindível, a figura do mestre deve ser fazer sempre presente. Para Adorno (1996) a presença da autoridade se faz necessária nos processos sociabilizadores, inclusive naqueles que ocorrem dentro das instituições escolares. Apoiado nos escritos freudianos, Adorno declara que a autoridade é um conceito psicossocial que ocupa papel central na consolidação de egos consistentes e, conseqüentemente, na formação de pessoas emancipadas.

Embora se tenha claro que o vínculo entre o professor e aluno na EAD e na modalidade presencial sejam diferentes, o professor da EAD precisa planejar as atividades intersubjetivas para que os alunos possam conhecer o docente, ao mesmo tempo em que o professor toma conhecimento de quem sejam seus alunos. Para tanto, a linguagem a ser adotada deverá ser simples, concisa, de modo que a comunicação seja facilitada para a compreensão de ambas as partes.

### **3.10. Discutindo os resultados da pesquisa**

Nas respostas aos nossos questionários, os professores pesquisados apontaram alguns aspectos importantes deste processo de conhecimento, aluno/professor, por meio do ambiente virtual.

A ausência do rosto do aluno, durante a maior parte do tempo, exige a utilização das TICs para uma maior aproximação, para conhecê-lo mais profundamente.

A ausência deste contato presente, do dia a dia de sala de aula, para mim, não é a mesma coisa que o contato via computador, por exemplo, num diálogo pelo *chat*. Outra falta que sinto é que na



presencial através das expressões do rosto muitas vezes já sabemos que o aluno está entendendo a matéria ou não, se tem dúvidas. Na EAD esta expressão facial do aluno não acontece desta forma. Em alguns polos há uma organização para grupos de estudos, isto sem dúvida é muito importante, justamente para quebrar esta dificuldade de “presença física” entre professor e aluno. (Entrevista - Prof. “C”).

Para o professor com larga experiência na modalidade presencial, ou aquele que está iniciando a arte da docência na EAD, há um período natural de adaptação, pois também a mediação das TICs nas relações pedagógicas acontece mediante a prática. As interações virtuais colocam em evidência a relação com o outro que, num primeiro momento, é um desconhecido. Para que a relação pedagógica possa acontecer há necessidade do professor também desenvolver as habilidades de ler/ouvir o aluno para conhecê-lo e aprender a escrever/falar com ele; uma relação pedagógica em que se estabeleçam vínculos significativos, que possibilitem condições para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Por isso, ao longo deste processo de familiarização do professor e do aluno na modalidade EAD, tanto o professor, bem como o aluno, vão descobrindo novas formas de interagir com os alunos/tutores/professores, de estabelecer diálogos, por meio das TICs.

Quando a comunicação acontece com mais qualidade, via TICs, a interação passa a ser um fator muito importante para a qualidade das produções dos alunos. Segundo um relato de um professor, a comunicação na EAD tornou-se uma importante ferramenta no processo do desenvolvimento do conhecimento via TICs.

A comunicação via TICs na EAD é fantástica. Pois nos permite dialogar com o aluno a qualquer hora e não apenas dentro do limite de algumas horas de aula. Permite ao professor até ter um contato mais interpessoal com o aluno para sanar suas dúvidas ao mesmo incentivá-lo a se dedicar mais aos estudos. (Entrevista - Prof. “B”).

As diferentes visões sobre as modalidades EAD e presencial não são unânimes, nem nas visões dos docentes, nem nas dos discentes. No que demonstrou nossa pesquisa no polo, ouvindo professores, tutores e alunos, existem situações diferenciadas no processo de ensino e aprendizagem inegáveis e bem visíveis em se tratando de modalidade EAD e presencial. No entanto, existem situações em que um contato face a face seria mais adequado neste processo de transmissão de conhecimentos. Em outras situações cuja distância físico-geográfica, social, temporal (por motivo empregatício), impede o aluno de frequentar o curso presencial, a relação virtual tona-se a opção mais expressiva, senão a única, para que o estudante possa frequentar um curso. A relação via ambiente virtual, seja ela particular ou com todo o grupo de estudantes da sala, torna também possível a criação de vínculos.

Os dados coletados em nossa pesquisa deixam muito claro que o conceito de ensinar e aprender na EAD fundamenta-se igualmente na qualidade da interação entre professor e aluno. Por isso, no dizer dos professores e tutores, essa concepção foi assim expressa diante de nosso questionário sobre a qualidade da relação professor/tutor junto aos alunos na EAD de Filosofia – Polo de Videira.

A interação constante e de qualidade entre professor e aluno no curso de filosofia, torna a aprendizagem possível, tanto quanto na modalidade presencial (Questionário - Tutor "B").

Penso se houver em contrapartida uma organização e dedicação por parte do aluno e também uma boa atuação do professor/tutor no processo de ensino/aprendizagem. Também outro aspecto importante é a boa utilização dos recursos tecnológicos disponíveis, ou seja, os Objetos Educacionais (OE), que são sistemas, módulos de ensino (softwares) que possibilitam a interação entre professor/tutor e aluno e com isto a aprendizagem do aluno pode acontecer de uma maneira jamais vista (textos com *hiperlinks*, por exemplo). (Questionário - Tutor "C").

Tanto o professor, bem como o aluno, deverão perceber que será a interação entre ambos que tornará o curso mais viável. Não basta apenas o estudo do material recebido. A comunicação entre

professor e aluno é muito importante para o desenvolvimento do curso. (Questionário - Prof. "A").

Na EAD o aluno precisa criar autonomia para ler, aprender e produzir, sem a presença do professor. (Questionário - Aluno "A").

Depende muito do empenho e das necessidades do aluno, sua dedicação em ambas as situações. (Questionário - Aluno "B").

Há ganhos, porque quem trabalha 40 horas semanais não teria a oportunidade de frequentar outra modalidade de curso, senão a EAD. (Questionário - Aluno "C").

Há mais ganhos, porque o aluno se torna mais responsável pelo seu processo de aprendizagem. (Questionário - Aluno "D").

Perde-se em quantidade de aulas, mas se ganha em autonomia, disciplina e planejamento pessoal para os estudos. (Questionário - Aluno "E").

O maior ganho é a organização para o estudo individual, há uma autonomia para isto. (Questionário - Aluno "F").

A perda poderá ser a não organização do aluno e com isto a possibilidade de fracassar no curso mediante o acúmulo de tarefas, o que não acontecerá se houver organização por parte deste. (Questionário - Aluno "G").

Já fiz curso presencial também. Percebo, no entanto, que na EAD as possibilidades são grandes também de se fazer um bom curso. Mas como em qualquer outro, há aspectos que podem ser melhorados. (Questionário - Aluno "H").

Diante do que foi exposto acima, percebemos que não existe uma visão que possa abarcar respostas últimas ou únicas em se tratando de processos educacionais. Por isso, não é nosso intuito fazer opção por

uma ou outra modalidade de educação, pois entendemos que a “presença” outrora entendida como presença física unicamente pode ter outros significados em nossos dias. Em se tratando de EAD, um *e-mail*, fórum, *hiperlinks* ou *chat* pode ter mais “presença” que em muitas salas de aula presenciais. Os dados coletados em nossa pesquisa mostram que tanto docentes, tutores e alunos, compreendem a educação como ato dialógico, seja ela presencial, ou na modalidade EAD.

Para a EAD o tempo para a aprendizagem adquire uma nova característica, para além daqueles momentos presenciais numa escola regular. Na EAD, o tempo para aprendizagem adquire uma nova dimensão. É a capacidade de estar conectado às mais diferentes redes ao mesmo tempo, quase *full time*, ou seja, todo tempo para aprender, interagir. Esses novos arranjos de tempo precisam ser mais estudados nas perspectivas da relação alunos e professores. A interrelação entre docentes e discentes é extremamente dialógica e sofre uma série de influências do meio e do contexto onde está inserida.

Lidar com as novas linguagens e compreender as novas formas de trabalho material é um desafio que está posto para todos os educadores. A tecnologia é uma realidade que impregna nossas vidas e a escola se defronta com o desafio de um trabalho pedagógico voltado para as habilidades necessárias ao entendimento dessas novas relações. A tecnologia não pode ser vista, entretanto, como um valor em si mesmo, mas como o sentido de totalidade do homem e de uma educação sustentada na realidade. (FREITAS, 2007, p. 1213).

Como nos lembra Freitas (2007), a tecnologia deverá ser instrumento para a superação da necessidade do deslocamento, a superação da distância geográfica, que pode ser provisória ou permanente. A mudança radical se dá no fato de que agora o aluno pode permanecer exatamente onde sempre esteve física e geograficamente. Ele não precisará se deslocar para ir ao encontro da realidade pedagógica. Tão pouco o professor precisará fazê-lo. Esta parece ser o grande diferencial deste aspecto físico/espacial da EAD, pois esta modalidade irá abolir o deslocamento geográfico do processo educacional, antes indispensável para a realização da relação pedagógica. No entanto, a noção de distância deverá permanecer. Distância, entendida aqui como afastamento, pois este representa a

relação que se dá entre o sujeito e seu projeto de autoformação, que na relação pedagógica, testemunha aquilo que o sujeito quer atingir - o professor ou o autor que lhe faz referência.

Na modalidade EAD existe certa “solidão”. O aluno vai necessariamente passar por muitos momentos apenas consigo mesmo, nas suas leituras, inquietações, dúvidas e talvez angústias. Mas para além deste primeiro momento, pode-se também perceber a “solidão” como um aspecto importante para a formação filosófica na EAD. A solidão vista como um elemento catalisador para a reflexão filosófica, para a organização dos pensamentos e também para a produção intelectual. (Questionário - Prof. “D”).

O distanciamento é o que separa o sujeito dos fins que eleger para si; mas é também o pré-requisito ético do professor que entende que não há formação sem a autoformação e que então, compreende a necessidade de construir, em sua relação com os alunos, um espaço suficiente para que esta relação de fins possa acontecer.

Distância e distanciamento são sempre necessários, inclusive no presencial. Pois o saber nunca se impõe por si só, pela força de sua evidência. Uma distância a ser buscada por parte do aluno em relação ao seu mestre, e também do mestre em relação ao aluno, para que este possa ser respeitado em sua autonomia. Existe, então, uma distância formadora.

Por isso pode-se concluir que no processo educacional, também na EAD, é preciso ganhar certa distância daquilo que sou, do que me constitui, da minha caminhada já percorrida, para aproximar outras figuras possíveis de mim, que antes eu não conhecia. O distanciamento permite encontrar um espaço para desenvolver a reflexão e a crítica, pois é necessário não resistir ao novo e nem mesmo reduzi-lo simplesmente ao já conhecido.

A distância requisitada pela educação não se torna uma aquisição definitiva, mas antes se apresenta como um processo contínuo e complexo de novas aproximações e distanciamentos. A sua provisoriade se deve ao fato de que é pouco provável que se consiga romper com as raízes que um dia nos constituíram como sujeitos, e não um outro, com história, identidade e filiação diferentes. Pode-se voltar ao que já se foi, mas jamais se volta tal qual se partiu.

Quando se reduz o conceito de educação a distância ao mero significado geográfico, se está afirmando que o distanciamento acontece meramente em sentido espacial, que facilmente pode ser reduzido a unidade de valor, como por exemplo: menor, maior. Na verdade, a noção de distanciamento toma como eixo o sujeito e sua autoformação. Nesse sentido, “distância” está associada à dimensão pedagógica, não a designação de uma localização espacial que opõe à proximidade, mas a evidência de um movimento muito particular, de uma tensão permanente que configura o próprio conceito de formação. Ou seja, para a educação, a distância toma forma de tempo, que não se mede em unidades de espaço, mas por transformações qualitativas e sempre singulares que o processo formativo provoca no sujeito. Longe de ser uma simbiose com o aparato tecnológico, inanimado, o aluno da educação a distância é o ser humano em transformação, que decidiu não permanecer onde estava, isto é, tal como era.

Por isso, certos lugares tão caros à prática educacional devidamente constituídos, revelam-se extremamente carentes de significação, pois se tornou comum imaginar que a mera presença física seria capaz de motivar, atrair os alunos para a dedicação aos estudos. Ainda que seja questionável dar a alguém motivos que não são seus, fica o questionamento como isto seria possível diante do desconhecimento tão estrutural da complexidade daquele que se tem diante de si?

A presença que se requer para o estabelecimento de uma relação de formação é sem dúvida bastante complexa, muito difícil de ser determinada. Diante dessa complexidade humana, há de se evocar outras dimensões humanas que auxiliam no entendimento do processo formativo, como a autorreflexão, a imaginação, a sensibilidade. Essas características, tão peculiares ao ser humano, funcionarão como apoio para a criação dos sentidos da existência humana que não se esgota na presença imediata, mas se faz também como potência de presentificação em diferentes campos.

Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos de sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”; comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na

mutação em curso, trata-se de uma nova onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização. (LÉVY, 1996, p. 11).

Diante disso, poderíamos afirmar que não há educação sem a constante criação e recriação de modos de presença e das condições de distância, que constituem os sujeitos para si mesmos e para os outros. É na permanente interrogação sobre as figuras do tempo e do espaço que as categorias revelam o sentido que assumem na autoformação do sujeito, na construção da sua autonomia. Educação presencial ou a distância, indicam o longo caminho aberto para a reflexão da prática educacional, muito mais em tempos das tecnologias de informação e comunicação, em que a educação necessita, mais do que nunca, estar aberta a estas novas possibilidades.

### **3.11. EAD: uma nova dimensão de interação**

Em se tratando de EAD, houve um rompimento dos espaços fronteiriços entre global e local. O espaço físico/local na modalidade presencial é bem definido, já na modalidade EAD acontece de maneira diferente. O aluno da EAD é ao mesmo tempo local e global, por isso, a interação se constitui numa marca dos novos tempos. A EAD, em geral, é altamente interativa. E por isso há cada vez mais a necessidade de a escola ligar, mesmo o seu curso presencial, às novas dimensões de integração por meio das TICs. Rompeu-se esta barreira, agora a sociedade dos serviços e da informação com o advento da tecnologia digital, os recursos são desmaterializados. Por isso, para o mundo educacional, essa mudança provocou o progressivo uso de atividades a distância em detrimento dos espaços antes determinados por edifícios ou estabelecimentos educacionais, hoje denominados ambientes virtuais de aprendizagem.

A ascensão da EAD vem acompanhada de um afrouxamento dos limites geográficos. A dispersão dos alunos torna imprevisível sua abrangência espacial. Neste sentido, a EAD torna-se uma modalidade “sem território” de educação. Outrora, o aluno e o professor tinham um tempo específico, determinado para ensinar e aprender. Hoje, tanto o professor, como o aluno, podem comunicar-se ao longo do dia em diferentes horários, independente dos horários pré-estabelecidos por alguma instituição.

A possibilidade de acesso ao professor. Tento ao máximo me colocar sempre ao dispor dos alunos e aproveitar cada momento que estou com eles sejam por meio da *web* ou mesmo quando ministro as aulas nos polos. Para que o que anteriormente era apenas virtual – aulas, videoconferências, fóruns, com a ida ao polo, isto possa se tornar corpo, ou seja, não devemos nos abster da presença, em optando apenas pelo virtual. (Questionário - Prof. “D”).

Nesse aspecto relatado anteriormente, a EAD não apenas muda a configuração das práticas docentes e discentes, mas o próprio conceito institucional. É nesse sentido que as entrevistas trouxeram importantes contribuições para o curso de Filosofia na modalidade EAD.

De um modo geral, as respostas aos questionários apresentados pelos tutores, alunos e professores, vieram corroborar que Educação não se faz isoladamente. O grupo, a instituição, são elementos importantes para que esse processo aconteça da melhor forma possível. E esse processo sofre alterações, dúvidas, sacrifícios, aos quais tanto o aluno, bem como o corpo docente, precisam enfrentar, honesta e corajosamente.

Este mesmo processo de contato com o ensino na modalidade EAD revela a necessidade de uma organização pessoal. É preciso criar o hábito de estudar, seja na EAD, seja no curso presencial. Não há educação sem sacrifícios, sem metodologia de estudo. A organização de alguns alunos no polo de Videira veio demonstrar isto: o grupo se dirige ao polo para estudar juntos temas considerados mais difíceis e que se fossem enfrentados isoladamente, por cada aluno, seriam difíceis de serem compreendidos. Por isso, a organização para o estudo em grupo facilita a aprendizagem.

Não obstante, a afirmação do parágrafo acima, há de levar-se em conta também a importante contribuição de um professor entrevistado que nos relata a necessidade do filósofo se retirar, isolar-se, para construir, para na abstração fazer filosofia. “A solidão vista como um elemento catalisador para a reflexão filosófica, para uma maior organização dos pensamentos e até para a produção” (Questionário – Prof. “D”). Podemos entender esse momento como autoformação, mas esse momento será compartilhado posteriormente com o grupo, o professor e ou tutor. Enfim, na EAD ou no curso presencial, a filosofia acontece na solidão e na partilha do que foi apreendido pelos sentidos.



Talvez seja isto que Adorno (1995) nos aponta quando diz que a formação cultural é aquela justamente para a qual não existem à disposição hábitos adequados, ou meramente sistematizados, mas para que esta possa acontecer, há de se ter interesse e esforço espontâneo.

A formação cultural é justamente aquilo para o que não existem à disposição hábitos adequados; ela só pode ser adquirida mediante esforço espontâneo e interesse, não pode ser garantida simplesmente por meio da frequência de cursos, e de qualquer modo estes seriam do tipo “cultura geral”. Na verdade, ela nem ao menos corresponde ao esforço, mas sim à disposição aberta, à capacidade de se abrir a elementos do espírito, apropriando-os de modo produtivo na consciência, em vez de se ocupar com os mesmos unicamente para aprender, conforme prescreve um clichê insuportável. Se não fosse pelo meu temor em ser interpretado equivocadamente como sentimental, eu diria que para haver formação cultural se requer amor; e o defeito certamente se refere à capacidade de amar (ADORNO apud MAAR, 1995, p. 64).

O conceito de formação desenvolvido por Adorno ao longo de sua obra pode ser entendido à luz da definição da *Bildung* iluminista, tendo o respaldo da concepção Kantiana sobre a formação do homem e o papel da educação em relação à formação do caráter do indivíduo. Ainda que Adorno não concorde com a intensidade de confiança depositada por Kant no esclarecimento como potencial para a emancipação para o homem, percebe a dialética bem presente em tal conceito, por isso continua apostando na formação cultural como meio para a criação de uma verdadeira consciência dos sujeitos frente à reificação e às formas de dominação subjacentes na sociedade. A formação cultural estava então, relacionada à apropriação que o indivíduo realiza da cultura, realizando um movimento que se direciona para o alargamento de seus conhecimentos, bem como para a incorporação dos mesmos na própria vida, graças ao trabalho da memória, das obras estético-artísticas, e também pelo exercício da mediação conceitual.

A formação do indivíduo não acontece através do plano superficial, nem estaria voltada para o desenvolvimento que o

conduzisse meramente à cultura, mas o destaque está em possibilitar a experiência formativa que possa levar este indivíduo à superação das formas de pensamento limitadoras, buscando desenvolver sua liberdade e autonomia. Apesar das contradições sociais presente na sociedade, Adorno parece depositar a confiança na *Bildung* e no esclarecimento como importantes elementos para se buscar a autonomia do indivíduo.

No entanto, nesta busca por formação, o indivíduo se depara, segundo Adorno, com a semiformação. A formação cultural, triunfo da burguesia na sua fase de ascensão, acabou se dissolvendo e dando espaço ao surgimento de um processo superficial que não visa a busca da autonomia do indivíduo. Esta nova tendência, expressa na verdade, a coisificação da própria cultura, transformando esta em mercadoria e, ao ser disponibilizada de forma ampla, aparenta ser incorporada à experiência individual através do consumismo imediato dos bens culturais.

Desta forma a semiformação, profundamente relacionada ao conceito da Indústria Cultural, age no sentido da desfragmentação do indivíduo, posicionando-se totalmente contrária ao ideal de emancipação presente justamente no conceito de formação cultural de base iluminista. Para fazer frente à eminência da semiformação, Adorno apostará suas fichas na educação como forma de promover a formação, principalmente para fazer frente à barbarização, uma vez que a experiência de Auschwitz revelou o quão presente os potenciais repressivos que geram a violência e a dominação, seja sobre a natureza, ou a própria humanidade, se fazem perceber na sociedade. Para fazer frente à dominação cultural e social, é que Adorno propõe a formação como meio urgente para que manifestações desta natureza danificada possam tonar-se fatos comuns do cotidiano da sociedade, mascarando a semiformação iminente.

Observando os depoimentos sobre a efetividade da EAD para a formação dos professores ficou registrado em muitas falas dos entrevistados que ainda há certo preconceito em relação à EAD, também no curso de filosofia nesta modalidade, o que gera inseguranças e desconfianças para desenvolverem plenamente seu desempenho no curso. O preconceito parece ser ainda resquício de experiências mal sucedidas, em âmbito nacional, no passado, justamente por ter faltado maior planejamento e melhor execução no desenvolvimento dos projetos educacionais. Também, certamente, contribui para este preconceito a falta de investimento na educação ao longo da nossa história. Na realidade a educação sempre é uma prioridade, mas postergada para as futuras gerações e não para a geração presente.

No que se refere à coordenação do curso, pode-se analisar, por meio dos questionários, que no polo de Videira a percepção dos alunos se dá de modo positivo sobre este aspecto:

a) Há uma equipe multidisciplinar que “pensa” a EAD, busca e proporciona formação tanto para os docentes, mas também aos discentes; b) boa divulgação das ações dos núcleos que integram a coordenação; formação dos docentes, tutores e estudantes para a EAD, a produção dos materiais.

De outro modo, mas com igual necessidade, percebemos pelas respostas ao questionário, os maiores desafios a serem superados: a) a falta de tempo dos docentes para a participação em formações; b) melhoria da formação técnica e pedagógica dos tutores para o uso do ambiente virtual de aprendizagem, principalmente na adequação da linguagem filosófica com a linguagem técnica do ambiente; c) fragilidade dos tutores em relação aos conteúdos específicos; d) necessidade de criar estratégias condizentes com as características comunicacionais da videoconferência e a própria linguagem filosófica.

Quando ouvimos os tutores, podemos perceber que diante da pergunta “como acontece a relação ensino/aprendizagem no contexto da EAD?”, se existe ganhos, ou se há perdas na formação nas referidas modalidades de ensino, as respostas vindas dos questionários, são de uma valorização da EAD, mas também apontam para algumas perdas. Os tutores responderam assim:

Em relação ao ensino/aprendizagem acredito que há alguns ganhos, mas também existem perdas. A falta de interação entre os próprios alunos faz com que alguns se acomodem, porque não são provocados pelos colegas. Também alguns são tímidos em manifestar suas ideias, dúvidas, durante os chats e fóruns, prejudicando, desta forma, a sua compreensão dos temas propostos durante as aulas. (Entrevista - Tutor “D”).

Sobre o debate das ideias. O virtual parece que inibe o embate, as discordâncias, impossibilitando as argumentações mais aguçadas. Parece que os alunos se sentem menos provocados do que na modalidade presencial. (Entrevista - Tutor “C”).

Diante da pergunta: “a formação dos alunos fica prejudicada pela impossibilidade do professor estar no dia a dia da sala de aula?” - As respostas nos indicam uma possibilidade maior de organização por parte do aluno, para ter um curso de maior qualidade, mas também a distância parece apontar para um autodidatismo, para que o aluno possa atingir um índice de maior aproveitamento do curso. E o comprometimento, tanto dos professores como dos alunos e tutores, será a grande alavanca para que esta qualidade possa acontecer.

Creio que não. Trata-se de um novo modo de fazer filosofia que requer maior organização e empenho do aluno de modo individual para a organização do seu tempo, já que todos os nossos alunos têm outras atividades, além do curso de Filosofia. (Entrevista - Tutor “A”).

Não penso assim. Passado o momento inicial, os alunos se acostumam com o processo, se organizam e tem grandes possibilidades de realizarem um bom curso. (Entrevista - Tutor “B”).

Penso que não, se houver em contrapartida uma organização e dedicação por parte do aluno e também uma boa atuação do tutor no processo de ensino/aprendizagem. Também outro aspecto importante é a boa utilização dos recursos tecnológicos disponíveis, ou seja, os Objetos Educacionais (OE), que são sistemas, módulos de ensino (softwares) que possibilitam a aprendizagem do aluno de uma maneira jamais vista (textos com hiperlinks, por exemplo). (Entrevista - Tutor “C”).

Sim, penso que sim. O aluno tem de ser mais autodidata, e isto às vezes tonar-se um peso, e alguns até desistem do curso, porque não conseguem organizar-se para se dedicar ao estudo, como é exigido na EAD. (Entrevista - Tutor “D”).

### **Questionário aplicado aos Professores**

Perguntamos: Quais as maiores dificuldades da modalidade EAD no contexto do curso de filosofia?

Penso que se não for superada esta distância entre professor e aluno, envolvendo o campo digital, ficará prejudicada. O que hoje em dia já mudou muito. Muitos alunos se adaptam muito bem via online e fazem o curso sem maiores dificuldades. Outros têm maiores dificuldades em se adaptar nesta nova situação. (Entrevista – Prof. “B”).

Na EAD, o aluno passa em um primeiro momento pela situação do “ter que se virar sozinho” com a nova modalidade de ensino, novas tecnologias e um novo curso, o de filosofia. Este momento gera sim inquietação, angústia, mas aos poucos, isto vai possibilitando a ele a passagem para outra etapa, ou seja, a superação deste momento delicado, e o ajudará a seguir adiante o curso. É o momento da autoformação. (Entrevista – Prof. “D”).

As respostas acima apontam algumas dificuldades na modalidade EAD, e não poderia ser diferente. Mas os professores “E” e “F” também apontam outras maneiras de superar estas dificuldades:

A possibilidade de acesso ao professor. Tento ao máximo me colocar sempre ao dispor dos alunos e aproveitar cada momento que estou com eles sejam por meio da *web* ou mesmo quando ministro as aulas nos polos. Para que o que anteriormente era apenas virtual – aulas, videoconferências, fóruns, com a ida ao polo, isto possa se tornar corpo, ou seja, não devemos nos abster da presença, em optando apenas pelo virtual. (Entrevista – Prof. “E”).

Acreditar no processo formativo na modalidade EAD. Uma vez que passo segurança no processo, através das aulas, das apostilas e das discussões dos temas das aulas com os alunos, também percebo nos alunos uma maior segurança para enfrentar as dificuldades. Também para o professor este processo é ainda novo e tanto para ele, quanto para o aluno, a adaptação, a organização do seu tempo, é imprescindível para um bom desempenho no curso. A produção

acadêmica ajuda neste processo igualmente. O professor elabora o material da sua disciplina, depois ele mesmo visita o polo para a aula presencial. Então há uma socialização do conhecimento através dos escritos dos professores, através das aulas virtuais, mas também há o contato presencial. Estas etapas bem aproveitadas tornam o processo de ensino/aprendizagem mais rico, mais sólido. (Entrevista – Prof. “F”).

Nos questionários acima, percebemos a importância da participação do corpo docente e procuramos transcrever algumas das suas impressões sobre a formação na modalidade EAD. No entanto se ficássemos apenas com o parecer dos docentes, estaríamos limitando a formação sob uma ótica, por isso agora queremos transcrever algumas das importantes contribuições que vieram dos alunos do Polo de Videira, do curso de filosofia.

Uma primeira pergunta: “como você percebe a relação ensino/aprendizagem no contexto da EAD?”:

Ressalta a qualidade dos professores e sua “proximidade” junto aos alunos na facilitação do ambiente virtual. (Entrevista – Aluno “C”).

Exige o comprometimento do aluno para a continuação no curso. (Entrevista – Aluno “D”).  
2x

Diferente, mas eficiente quando se está disposto a aprender e aceitar novos desafios, principalmente no que diz respeito em se adaptar ao ambiente online. (Entrevista – Aluno “E”).

Maior facilidade para a organização e planejamento por parte do aluno para o seu horário disponível para os estudos. (Entrevista – Aluno “F”).

Dependendo do empenho do aluno, colhem-se excelentes frutos. O aluno tem que assumir a responsabilidade por si mesmo na sua dedicação ao estudo. (Entrevista – Aluno “G”).

Para mim é a melhor forma, devido ao meu tempo disponível, de se realizar um curso com boa qualidade. Claro que exige uma boa organização por parte do aluno, mas passados os momentos iniciais de adaptação, conseguimos ter um bom aproveitamento do curso. (Entrevista - Aluno "H")

Sobre as dificuldades encontradas no curso. Perguntamos: "Há dificuldades, frustrações no curso? Como você lida com isto?"

Sim. As dificuldades são superadas pela força do conjunto aluno, professor e tutor. Algo que também ajudou foi a organização aos fins de semana de um grupo de estudo por iniciativa dos próprios alunos, onde houve partilha e contribuições mútuas, o que facilitou a superação de dificuldades inerentes ao processo de aprendizagem. (Entrevista - Aluno "C").

Sim. Na EAD há por parte do aluno, a necessidade de assumir a responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem. Há mais comprometimento com o curso. (Entrevista - Aluno "D").

Sim. A distância da universidade em relação ao polo. Perde-se o elo, é necessário sempre retomar e esforçar-se para não perder esta sintonia entre universidade e o polo. (Entrevista - Aluno "E").

Sim. Mas ao início do curso, quando ainda não se tem uma maior organização para a execução dos estudos e trabalhos. O longo do curso esta dificuldade é superada. (Entrevista - Aluno "F").

Sim. Mas as dificuldades permitem uma organização do horário de estudo segundo a condição e disponibilidade de tempo de cada aluno. (Entrevista - Aluno "G").

Sim, como em qualquer curso. Mas não nos sentimos abandonados, temos a quem recorrer, sanar nossas dúvidas. (Entrevista - Aluno "H").

Outro aspecto que procuramos apurar ao longo dos questionários foi a questão das possíveis perdas e os possíveis ganhos da

EAD em relação ao mesmo curso na modalidade presencial. Trata-se de um ponto bastante delicado, mas ao mesmo tempo enriquecedor para perceber a sensibilidade dos alunos sobre esta questão: “qual a relação entre perdas e ganhos entre a modalidade presencial e a EAD?”

Na EAD o aluno precisa criar autonomia para ler, aprender e produzir, sem a presença do professor. (Entrevista - Aluno “A”). 2x

Depende muito do empenho e das necessidades do aluno, sua dedicação em ambas as situações. (Entrevista - Aluno “B”).

Há ganhos porque quem trabalha 40 horas semanais não teria a oportunidade de frequentar outra modalidade de curso, senão a EAD. (Entrevista - Aluno “C”).

Há mais ganhos, porque o aluno se torna mais responsável pelo seu processo de aprendizagem. (Entrevista - Aluno “D”).

Perde-se em quantidade de aulas, mas se ganha em autonomia, disciplina e planejamento pessoal para os estudos. (Entrevista - Aluno “E”). 2x

O maior ganho é a organização para o estudo individual, há uma autonomia para isto. (Entrevista - Aluno “F”).

A perda poderá ser a não organização do aluno e com isto a possibilidade de fracassar no curso mediante o acúmulo de tarefas, o que não acontecerá se houver organização por parte deste. (Entrevista - Aluno “G”). 2x

Já fiz curso presencial também. Percebo, no entanto, que na EAD as possibilidades são grandes também de se fazer um bom curso. Mas como em qualquer outro, há aspectos que podem ser melhorados. (Entrevista - Aluno “H”).

Um detalhe que chamou atenção durante a realização da pesquisa se deu na questão da produção dos materiais, que acontece por



meio da interação em contemplar o consenso entre a equipe docente e a equipe de produção, procurando atender ao mesmo tempo as particularidades da área e os recursos da comunicação – observando a especificidade pedagógica de cada curso. Na fala dos docentes, é apontada como positiva a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento dos materiais pedagógicos, a partir do que o professor pensa ser o melhor para sua disciplina.

A EAD também exige do professor uma habilidade tanto para lidar com as novas tecnologias de modo satisfatório, mas também de uma grande preparação, seja na produção do próprio material a ser oferecido ao aluno, bem como pelo ambiente virtual no momento das aulas. (Entrevista - Prof. "A").

Ele será o grande responsável pela produção do material para a disciplina que leciona. No entanto, esta adequação da linguagem filosófica, pelo material impresso, materializa-se na dificuldade de desenvolver e utilizar materiais para um meio pouco conhecido, ou seja, o ambiente virtual de ensino e aprendizagem do curso de filosofia. A dificuldade de adequação da linguagem do discurso filosófico por meio eletrônico virtual. Por isso ao produzir material impresso para o curso de EAD de filosofia, alguns professores desenvolveram um livro com as características de um texto para o curso presencial, isto provoca uma incompatibilidade de uso integrado do material impresso e o digital. Por isso a tentação é usar, na prática da docência, a combinação entre os materiais impressos e online, utilizando o ambiente como facilitador para ensinar tanto no curso presencial, como na modalidade EAD.

Segundo os dados apurados em nossa pesquisa, algo que fica um tanto claro é a questão do trabalho em equipe e na colaboração entre seus participantes, tanto alunos, tutores e professores, pois este movimento para o trabalho em equipe revela o processo de fazer e pensar junto, sem dúvida um dos objetivos de um sistema de educação EAD que busca se realizado através de muitas mãos que executam, refletem, se juntam na produção e desenvolvimento do saber. E o curso de filosofia no polo de Videira, destaca esta colaboração por parte dos alunos com muita evidência. Ao relatar que aos finais de semana, ou durante a semana mesmo, os alunos se reúnem para estudar, partilhar os temas para que a apreensão de seus conteúdos possa ser compartilhada. Sem dúvida, isto nos chama atenção, sem deixar de se considerar a

importância da produção solitária, algo típico da produção intelectual, igualmente da produção filosófica. Mas o que se quer dar destaque é o momento do encontro, do estudo, da partilha, para a produção de conhecimento. A Educação na modalidade EAD, não exclui o momento do encontro, da importante presença do outro, como fator para a partilha e a produção de conhecimento. Para que isto aconteça, também entre os professores e tutores, há de se buscar, cada vez mais, uma gestão compartilhada, corresponsável e comprometida com a modalidade EAD.

Na visão dos alunos, alguns aspectos específicos do polo poderiam ser melhorados, ao expor aqui, queremos também apresentar aspectos que necessitam maior atenção por parte daqueles que são os primeiros responsáveis pela realização do curso.

Mais horários disponíveis para o acesso à biblioteca. (Entrevista - Aluno "A").

Aproximação maior da instituição junto ao aluno. (Entrevista - Aluno "B"). 2x

Às vezes há muito burocracia para resolver pequenas dificuldades de comunicação, por exemplo. (Entrevista - Aluno "D"). 2x

Existe uma lentidão em resolver pequenos problemas como certificados de participação em congressos promovidos pela própria universidade, ou mesmo o recebimento das carteirinhas de estudante. (Entrevista - Aluno "E").

Poderíamos ter mais aulas presenciais ou ainda gravadas sobre assuntos determinados referentes ao curso. (Entrevista - Aluno "F"). 2x

Às vezes os ambientes virtuais/ (o sistema) não funcionam a contento, estando lentos ou fora do ar, o que prejudica a organização do aluno. (Entrevista - Aluno "G").

Uma maior aproximação do polo com a universidade. "Nos sentimos" distantes do dia a dia da universidade, não apenas distancia geográfica, mas dos processos, dos debates, dos acontecimentos do dia a dia. (Entrevista - Aluno "H"). 2x

Após o término do levantamento das respostas vindas dos questionários aplicados, não obstante às tensões e desencontros vivenciados ao longo da pesquisa e produção da dissertação, o trabalho de integração do conceito de formação em Adorno e suas interfaces com a EAD, possibilitou uma visão mais orgânica em relação à EAD, quebrando os paradigmas, às vezes até preconceituosos, devido ao não conhecimento do curso, nesta modalidade. O que não exclui os questionamentos e contradições encontradas também nesta modalidade de ensino. Outro registro que fazemos, e até uma sugestão, será a possibilidade de os centros responsáveis pelos diversos cursos apropriarem-se do processo do saber “fazer” educação a distância, participando, de todas as etapas da elaboração dos materiais, visita aos polos, contato com os alunos e tutores, para uma maior integração entre todos os agentes do processo educacional na modalidade EAD.

Algo que nos parece mais claro após a realização da pesquisa, é que a EAD não deve ser encarada como uma modalidade substitutiva do modelo presencial. A EAD tem sua própria especificidade, e com uma importante contribuição a ser apresentada aos mais diferentes recônditos do país, mas também com seus limites e contradições, como bem apontaram as respostas dos questionários.

### **Considerações Finais**

O objetivo central do presente trabalho foi procurar apresentar, a partir do conceito de formação em Adorno, uma interface com a EAD. Neste “confronto” procurou-se aferir algumas contribuições de Adorno, por meio de seus conceitos de formação, semiformação, autoformação, sempre na tentativa de confrontar sua percepção com esta modalidade de ensino que se apresenta em nosso meio com todo vigor, seja no campo acadêmico, mas também com seus reflexos em outros ambientes, como no campo administrativo e social das nossas cidades e universidades.

A EAD é uma realidade, fato inegável, conforme desenvolvemos no primeiro capítulo. E o que ela nos apresenta, o que ela nos interpela, quais os desafios que ela nos propõe como modalidade de ensino? Para além dessas grandes questões, procuramos aprofundar mais esta reflexão aceitando o desafio de realizarmos uma pesquisa de campo, no curso de Filosofia na modalidade EAD, da Universidade Federal de Santa Catarina, que está sendo desenvolvido no Polo de Videira. Nessa pesquisa procuramos trabalhar com três frentes diferentes por meio da elaboração de um questionário para os professores e tutores que trabalham no curso de EAD de Filosofia, juntamente com os alunos do respectivo curso deste Polo.

Nossa preocupação foi não apenas sobrepor o conceito de formação adorniano e a EAD simplesmente e colher alguns resultados, mas a tentativa justamente se deu na busca de uma reflexão junto aos alunos, professores e tutores. Após algum tempo de preparação com estudos específicos, entrevistas com os responsáveis pelo curso de filosofia na UFSC, fomos conhecer o Polo e também aplicar os questionários abordando os tutores, professores e alunos, sobre a sua percepção de condução de sua própria formação. Quando lá chegamos, deparamo-nos com uma turma de alunos que estava no sexto semestre do curso de filosofia, ou seja, já possuía uma boa caminhada na modalidade EAD. Na sua maioria, já possuíam algum curso superior na modalidade presencial. Não conseguimos, infelizmente, expor todas as contribuições ao longo do texto, mas ficarão registradas para posterior consulta, se houver tal necessidade. O que conseguimos extrair, procuramos relatar no terceiro capítulo do presente trabalho.

Ao refletirmos, no segundo capítulo, sobre o conceito de formação em Adorno, buscamos fundamentar nosso trabalho sob a perspectiva filosófica deste pensador, principalmente na medida em que entendemos que a sua contribuição para a autonomia do indivíduo torna-o capaz de refletir e atuar sobre a realidade social na qual está inserido.

Outro aspecto discutido, o ideal de formação cultural, está relacionado com a possibilidade de criação de uma consciência verdadeira nos sujeitos. Neste sentido, a partir do conceito de emancipação, sua contribuição será em pensar a sociedade de modo dialético e crítico. A dialética, principalmente na medida em que esta não rejeita a negatividade, estabelece uma nova percepção sobre as coisas e os próprios conceitos que a ela se referem, modificando a relação sujeito/objeto. Entendemos, então, que em se tratando de filosofia, há no seu próprio objeto de estudo uma característica de desconstrução de conceitos, na tentativa que eles possam ser novamente reelaborados a partir de sua própria realidade.

E o que isso tem a ver com a EAD? Como poderíamos pautar uma possível contribuição dos estudos de Adorno a partir do seu contexto histórico, sua análise social, sua linguagem, com as novidades tecnológicas, principalmente em se tratando do ensino a distância? Certamente compreender a linguagem, o momento histórico de épocas diferentes não é tarefa nada fácil, como realmente percebemos ao longo do trabalho. Nosso objetivo ao longo de todo itinerário do trabalho, talvez mais do que encontrar respostas definitivas, foi lançar mão de perguntas, dúvidas, sobre este novo cenário histórico e controvérsias da EAD.

Para Adorno, a atividade filosófica, por se opor à dominação conceitual, escondida por trás de uma lógica de identidade na qual a filosofia tradicionalmente se ocupou, aparece como resistência à coisificação/reificação, expressa principalmente no desprezo que o pensamento manifesta em relação ao objeto quando elimina dele aspectos que lhe são essenciais e que somente uma reflexão dialética e negativa pode resgatar.

Em sua trajetória no magistério, Adorno recusou-se a reduzir a filosofia meramente a uma disciplina, mostrando como ela está próxima do conceito de formação cultural, a qual é essencial ao exercício reflexivo que se opõe ferrenhamente à reificação. Ele nos mostra que “aprender” filosofia não é apenas dominar algumas informações sobre determinado conteúdo específico de algum tema em questão, mas como falar sobre uma questão filosófica, como pensá-la, abordá-la, aceitá-la ou negá-la.

Por isso, aventuramo-nos neste processo, como lançadores de dúvidas, como pesquisadores de educação, tendo presente também, quando falamos em educação, o dia a dia do autor deste trabalho, sendo educador numa escola de educação básica na cidade de Brusque, SC. A pesquisa pretende estar inserida neste contexto, a passagem do término

da educação básica frente à novidade do ensino superior. E neste seguimento de ensino superior, refletir criticamente sobre a questão da distância entre o não acesso à educação e a qualidade da educação oferecida neste país. O que se torna mais distante? O aluno que não tem acesso à educação, ou o aluno que vai para o ensino na modalidade a distância, permanecendo distante neste processo, visto que agora o processo educacional pode ser mediado por uma máquina? Percebe-se igualmente uma pressa em formar o indivíduo, diplomá-lo, dada a tamanha quantidade e diversidade dos cursos na modalidade EAD ofertados em nosso país. Será que pressa e qualidade, estão profundamente interligados quando falamos em educação? Será que a EAD não poderá se transformar em mera estatística para alavancar os números dos investimentos governamentais em educação no Brasil? A EAD reflete a distância real a que muitos alunos estão do acesso à educação?<sup>16</sup>

Entendemos que não podemos reduzir a categoria “distância” ao mero significado espacial, geográfico do termo. Pois quando se reduz o conceito de educação a distância ao mero significado geográfico, se está afirmando que o distanciamento acontece meramente em sentido espacial, que facilmente pode ser reduzido a unidade de valor, como: menor, maior. Na verdade, a noção de distanciamento toma como eixo o sujeito e sua autoformação. Nesse sentido, “distância” está associada à dimensão pedagógica, não a designação de uma localização espacial que opõe à proximidade, mas a evidência de um movimento muito particular, de uma tensão permanente que configura o próprio conceito de formação. Ou seja, para a educação, a distância toma forma de tempo, que não se mede em unidades de espaço, mas por transformações qualitativas, e sempre singulares, que o processo formativo provoca no sujeito. Longe de ser uma simbiose com o aparato tecnológico, inanimado, o aluno da educação a distância é o ser humano em transformação, que decidiu não permanecer onde estava, isto é, tal como era. E por isso, esse aluno busca na EAD um caminho possível para sua formação.

Quais são os lugares para a Educação? Ao longo da história da educação, sempre existiram lugares específicos para a educação. Podemos citar como exemplos típicos destes lugares para o

---

<sup>16</sup> A partir do ano de 2007, o Ministério da Educação criou convênios com aproximadamente 291 polos educacionais, possibilitando a abertura de 46 mil vagas no ensino superior a distância e esperava-se que no ano de 2010 cerca de 1000 (um mil) polos estariam funcionando podendo alcançar um total de 300 mil novas vagas no ensino superior. (cf. <http://uab.capes.gov.br/>).

desenvolvimento da educação do indivíduo, a família e a escola. Com o desenvolvimento social e econômico, ao longo do tempo, a escola e a família também passaram por transformações. A família diminuiu de tamanho e a escola pode, através das novas tecnologias, ser acessada de um computador qualquer. A educação que era apenas de modo presencial, hoje pode ser e está sendo realizada também a distância. Com o passar do tempo, certos lugares tão caros às práticas educacionais, devidamente constituídos pela sociedade ao longo da história, revelam-se carentes de significação, pois se tornou comum imaginar que a mera presença física não seria mais capaz de motivar e atrair os alunos para a dedicação aos estudos, e de outro modo, a mera presença física nunca garantiu o êxito de um processo pedagógico. Ainda que seja questionável dar a alguém motivos que não são seus, fica o questionamento: como isto seria possível diante do desconhecimento tão estrutural da complexidade daquele que se tem diante de si?

A presença que se requer para o estabelecimento de uma relação de formação é sem dúvida bastante complexa, muito difícil de ser determinada. Diante dessa complexidade humana, há de se evocar outras dimensões que auxiliam no entendimento do processo formativo, como a autoreflexão, a imaginação, a sensibilidade. Essas características, tão peculiares ao ser humano, funcionarão como apoio para a criação dos sentidos da existência humana que não se esgota na presença imediata, mas se faz também como potência de presentificação em diferentes campos.

Diante disso, poderíamos afirmar que não há educação sem a constante criação e recriação de modos de presença e das condições de distância, que constituem os sujeitos para si mesmos e para os outros. É na permanente interrogação sobre as figuras do tempo e do espaço que as categorias revelam o sentido que assumem na autoformação do sujeito, na construção da sua autonomia. Educação presencial ou a distância indicam o longo caminho aberto para a reflexão da prática educacional, muito mais em tempos das tecnologias de informação e comunicação, onde a educação necessita, mais do que nunca, estar aberta a essas novas possibilidades.

E como, no mundo da filosofia, diante de uma pergunta sempre se é possível obter muitas respostas, não é novidade que pairam algumas dúvidas sobre a EAD, principalmente no que diz respeito ao questionamento ainda não explicitado: realmente as TICs representam um imenso potencial para a educação, ou na verdade camuflam uma armadilha à formação? As TICs “esfriam” a formação do indivíduo isolando-o atrás de uma tela, tornando-o distante deste processo, tendo

como elemento norteador determinante, ao longo da história, para o seu desenvolvimento, a categoria da presença?

O acesso da população às novas tecnologias, em todos os âmbitos da sociedade, também no ambiente escolar, vem produzindo mudanças drásticas em nossa maneira de agir, pensar, perceber a educação e seus efeitos práticos se fazem perceber em todos os ambientes sociais. A informação passou a ser a medida de todas as coisas e a mercadoria, por excelência, do capital globalizado. Nas últimas décadas, a tecnologia ocupa uma posição de bastante destaque em nossa sociedade, e o que até então era um meio, agora passou a ser um fim em si mesmo. A sua articulação, no mundo globalizado, lhe concedeu tal poder e autonomia, que agora os indivíduos, na atual sociedade, é que deverão adaptar-se a ela para sobreviver. É comum ouvirmos comentários sobre a necessidade de inclusão digital para os analfabetos em tecnologia. Concordamos com Adorno quando ele, no seu texto *Educação após Auschwitz*, nos diz que as pessoas tendem a considerar a tecnologia como um fim em si mesmo, como uma força com vida própria, esquecendo-se, porém, que se trata do braço prolongado do homem. Por isso, na relação atual do indivíduo com a técnica, existe algo de exagerado, irracional, patogênico, vinculado ao véu tecnológico, ou seja, a consideração da técnica como se ela fosse algo em si mesma. A fetichização da técnica torna as pessoas mais “distantes” em relação às outras pessoas, pois a técnica passa a ser o vínculo por excelência e não o outro indivíduo. O que no passado era denominado, por Adorno, como véu tecnológico, talvez hoje possa ser representado como realidade virtual. Pode-se pensar um mundo alternativo através da relação homem-máquina.

O advento das novas tecnologias atingiu também os ambientes escolares e através do fácil acesso, via internet, aos ambientes virtuais, o aluno da educação formal passa a ser o centro e o principal sujeito de sua aprendizagem, através da valorização da pesquisa individual, da exigência das aulas superdinâmicas mediadas pelos aparelhos tecnológicos, tão fascinantes e facilitadores do processo de ensino e aprendizagem. Hoje parece haver mais destaque à aprendizagem (individual, a autoformação) do que propriamente ao ensino. Por um lado, vemos a desvalorização da figura do professor, e a valorização do aluno aliado à tecnologia como protagonista do processo educacional. O aluno deverá ter pleno domínio da arte do “aprender a aprender” e o professor deverá intervir cada vez menos nesse processo para facilitar o processo de aprendizagem do aluno. Neste novo processo, aparece a figura do tutor, como o facilitador do processo de aprendizagem. Caberá



a ele a tarefa de atender o aluno em suas necessidades, dúvidas, questionamentos. Mas a tarefa da formação em si recairá sobre a responsabilidade do aluno, que com organização e competência, utilizando as TICs, irá proporcionar a sua autoformação. Diante dessa possibilidade cabe um indigesto questionamento, ou seja, a mera competência na utilização das TICs assegura por si só, uma formação de qualidade?

Esse processo também atinge o ensino superior, na qual a massificação e a “tecnologização” da educação são realidades cada vez mais presentes nas universidades em todo o país. Se, por um lado, as novas tecnologias adentram rapidamente às salas de aula, parece cada vez mais desaparecer desses espaços a figura do professor como autoridade dignamente constituída, bem como a reflexão crítica, a argumentação bem fundamentada, as análises históricas e sociais da sociedade vigente. Este processo foi lentamente sendo desencadeado ao longo da história e, a educação foi aos poucos perdendo seu caráter “emancipatório”, para estar ligada a economia de mercado. A educação, atrelada ao mundo do mercado, passa a ter a necessidade de adaptação às estratégias competitivas para conquistar novos espaços que possam atender satisfatoriamente à demanda educacional. A escola torna-se prestadora de serviço e o ensino torna-se mercadoria, que uma vez atrelada ao mercado, torna-se refém da lógica capitalista da oferta e procura.

As políticas públicas da educação passam, então, a atender os apelos do Banco Mundial, cuja visão de sistema de educação está vinculada à profissionalização do indivíduo, buscando-o formar conforme as exigências do livre mercado globalizado. E como, no Brasil, temos um déficit educacional histórico, a melhor forma de atingir melhores índices educacionais é acelerar tal processo, mediante os princípios de adaptação das necessidades do mercado, ou seja, competitividade, produtividade, rentabilidade. Seria isto suficiente para alcançar uma educação de melhor qualidade?

Adorno, na obra *Teoria da Semiformação* (2003), nos diz que existe uma *ratio* instrumental que dominava ideologicamente a sociedade e a escola, de modo que seria muito difícil sustentar os parâmetros formativos da escola e da sociedade de sua época. A *ratio* da tecnologia também se apresenta como a grande facilitadora para superar os déficits educacionais que trazemos ao longo da nossa história. O poder das novas tecnologias parece ser muito maior do que qualquer tentativa de resistência, ou mesmo de autonomia perante as mesmas.

Nesse sentido, a análise adorniana se mostra atual, no sentido de chamar a atenção para a educação que queremos, e a educação que estamos reproduzindo em nossos ambientes escolares. Será que em vez de formação, na verdade não estamos mergulhando na semiformação, ou seja, não numa pseudoformação, mas assistimos a não formação ganhar força justamente no ambiente destinado por excelência à formação, no interior da própria escola? Trata-se da ausência assistida da formação. Queremos formar, mas na verdade não formamos, pois as máquinas se tornaram capazes de promover relações afetivas e efetivas, transformando-se em veículos de interação social e mediadores educacionais por excelência. A escola vem se tornando uma instituição ausente na vida real do estudante, e tornado-se presente através do meio virtual. O virtual torna-a presente.

A escola, preocupada com as estatísticas dos índices educacionais, está substituindo a categoria da presença, mediante a qual havia a possibilidade do desenvolvimento do espírito crítico, da espontaneidade, do acompanhamento, do calor humano do mestre pela presença fria da máquina. E será que a EAD não traz para nossa sociedade a grande constatação que a máquina também pode substituir o professor, o mestre? Se para o mundo industrial, uma máquina, ao longo do desenvolvimento tecnológico, foi aos poucos substituindo a força de muitas mãos de trabalhadores, será que, nesse parecido processo de aperfeiçoamento da TICs, a máquina não substituirá o profissional da educação, nesta mesma perspectiva de reflexão?

Cabe aqui certamente a posição crítica tão acentuada por Adorno na sua obra *Minima Moralia*(1992). Segundo ele, cabe a exigência do pensador, nada mais e nada menos, que esteja presente, a toda instante, nas coisas e fora das coisas. Ou seja, é necessário sair, afastar-se, para numa posição crítica, fazer-se presente no processo. O educador não pode ser apenas um assistente de auditório que assiste ao espetáculo e no término vai embora sem compromisso algum com o evento, mas certamente deverá ser um ativo e crítico ator do universo educacional, junto do aluno e de tantos outros importantes agentes reais do itinerário educacional.

Diante do grande desafio de refletir sobre duas dimensões tão importantes da educação, tentamos através da posição crítica de Adorno, a partir do conceito de formação, fazer uma interface com a EAD, este “admirável mundo novo” que se apresenta com todo vigor no cenário educacional brasileiro; perceber através da atitude crítica de todo educador que não será a técnica, usada como fim e não como meio, que irá fazer a educação nacional, às pressas, atingir os altos índices dos

países que, ao longo da sua história, investiram pesadamente na educação/formação do seu povo. Se a EAD for tomada unilateralmente como modelo que irá resgatar a dignidade educacional nacional referendando os baixos índices educacionais da educação básica do país, que refletem na educação superior, certamente perderemos, como nação, uma boa oportunidade para oferecer educação/formação aos lugares mais distantes do país e a educação, como prioridade, ficará postergada, mais uma vez em nossa história.

Mas uma característica importante se apresenta no redimensionamento da categoria *distância*. A educação a distância caracteriza-se pela comunicação dos professores, alunos e tutores em tempos e espaços diferentes. Distância deste modo, não quer significar distanciamento na relação professor x aluno x tutor, mas apesar da distância geográfica ser um fato, a aproximação desses sujeitos irá acontecer através do ambiente virtual de ensino aprendizagem. Distância aqui não significa ausência, ou abandono do aluno ao longo do seu processo formativo, mas significa um novo modo de se fazer presença através das novas tecnologias, sem interromper ou prejudicar a formação do aluno. O que de fato muda é a maneira de comunicação, agora com o auxílio da tecnologia, fato este tão presente em nossos dias e dos quais nossas salas de aula, mais e mais, estão interagindo com o mundo por meio das TICs.

Por isso, a formação continuada sempre se fará necessária para todos os agentes educacionais, tanto da modalidade EAD, bem como do modelo presencial, tendo em vista a grande aceleração da expansão na área das TICs dos últimos anos. Afirmamos, então, que somente o mero uso das TICs não garante a qualidade da formação dos professores/tutores/alunos. Se assim fosse, estaríamos fadados ao fracasso educacional e cairíamos naquele velho pacto da mediocridade, onde alguns fingem que ensinam e outros fingem que aprendem. Ou em outros termos, basta haver o acesso a informação que naturalmente acontecerá a formação. O domínio da técnica não garantirá a qualidade da formação. Acreditamos que a educação para a vida, a educação como projeto de vida, vai muito além desta constatação, de que o acesso à tecnologia por si só garantirá a formação ao indivíduo na EAD, ou mesmo na modalidade presencial. Ainda que os jovens na atualidade têm o grande mérito de lidar muito bem com as novas tecnologias, não poderíamos por este motivo simplesmente afirmar que o domínio da arte de *aprender a aprender* por si só, já seja garantia de educação com qualidade. A contribuição de Adorno, através do conceito *Indústria Cultural*, tem muito a acrescentar nesta constatação: não será o correto

uso da técnica que garantirá a excelência na formação do indivíduo como tal, seja na modalidade presencial ou na modalidade EAD.

Adorno, com seu niilismo visceral, ou seja, um modo de pensar a realidade que conduz o ser humano ao desespero e à impotência, frente à reincidência cada vez maior da barbárie, traça um perfil um tanto negativo em relação ao futuro da educação. Como nos lembrou o professor ZUIN (1999),<sup>17</sup> se existe, em Adorno, um olhar negativista enquanto teórico, existe igualmente um olhar de esperança enquanto prática docente.

No Brasil, tratando-se de educação, percebemos muitas vezes não um olhar de esperança, mas justamente o contrário. No entanto, o pessimista e crítico contundente da sociedade, nos lança o desafio de não obstante nossa crítica ao sistema educacional limitado que temos, podemos também traduzir um olhar de esperança através de nossa prática docente e discente. Talvez a maior contribuição, para com a formação do aluno, seja a oportunidade de levá-lo a refletir criticamente sobre os assuntos que norteiam a vida humana. O aluno que está num processo de formação, seja presencial ou na EAD, deverá ser alguém na sociedade que buscará ser cidadão consciente e crítico, buscando melhorias para o mundo e para a sua própria história.

Para terminar, seria relevante destacar que, os primórdios e o desenvolvimento da filosofia ao longo de sua história, e porque não dizer da história da educação, procurou defender o princípio da dúvida, do questionamento, mesmo diante das mais terríveis intempéries, mesmo frente aos obstáculos que estimularam o desejo da atitude conformista que evitou qualquer sensação de angústia ou de incômodo, pois sempre foi amiga da racionalidade. Em certo sentido, emancipação é o mesmo que conscientização, racionalidade. A racionalidade, porém, sempre envolve um momento de adaptação. A educação seria impotente e ideológica se ignorasse esta finalidade de adaptação, e se não preparasse os homens a operarem na realidade. Mas ela seria igualmente questionável se permanecesse nesse nível, produzindo nada mais do que pessoas bem ajustadas, através do que se imporiam os piores conteúdos da situação existente. Nessa medida, no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade existe uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la. Mas certamente não devemos evitá-la.

Por isso, diante das novas perspectivas no campo educacional, aliados às novas tecnologias para o tempo presente, onde a avaliação de uma universidade se dá pelos parâmetros da produtividade, regida por

---

<sup>17</sup> HORKHEIMER, 1976: p. 70 in ZUIN, 1999, p. 152.

contratos de gestão, e atrelado ao mercado em busca da sua sobrevivência, uma marca trazida, conquistada e impregnada ao longo de toda a história educacional/formativa, não há de se perder, ou seja, por se tratar da marca essencial da docência: a formação.<sup>18</sup>

Não queremos finalizar a discussão sobre as questões por ora apresentadas, pois acreditamos que este seja um momento apenas inicial de um longo caminho a ser percorrido, sobre as possibilidades e implicações que surgem a partir da interface do conceito de formação adoniano e a Educação a Distância. Nossa missão, talvez esteja mais orientada para despertar futuras pesquisas mais abrangentes sobre o tema que por ora, com humildade, foi apenas iniciada.

Entendemos, pela pesquisa realizada, que a priorização de um novo modelo educacional fundado na sofisticação tecnológica, que determine um novo perfil ocupacional e os requisitos da qualificação do docente com a lógica da competência, ou meritocrática, não pode obstruir a característica do mestre em nossos dias, pois independente das novas tecnologias ou não, do mundo virtual “presente” no ambiente educacional, acreditamos firmemente que nada substitui um bom professor.

---

<sup>18</sup> CHAUÍ, M. “A universidade pública sob nova perspectiva”. In Revista Brasileira da Educação, p. 07.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética. Arte e Comunicação*. Edições 70: Lisboa\Portugal, 1970.

\_\_\_\_\_. HORKHEIMER, Max. *Filosofia e Teoria Crítica*. In coleção Os Pensadores: Textos escolhidos. 1ª ed. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975.

\_\_\_\_\_. HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento, fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_. *Teoria Estética. Arte e Comunicação*. Edições 70: Lisboa\Portugal, 1970.

\_\_\_\_\_. *Minima Moralia. Reflexões a partir da vida danificada*. Trad. Luiz Eduardo Bicca. Revisão técnica Guido de Almeida. São Paulo: Ática S.A., 1992.

\_\_\_\_\_. “*Teoria da Semicultura*”. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. Moura Abreu. In *Educação e Sociedade: revista quadrimestral de ciência da educação*. Ano XVII, nº 56, Campinas: Editora Papirus, dez/96:388-411.

\_\_\_\_\_. *Teoria da Semiformação*. Trad. De Newton Ramos de Oliveira. São Carlos (publicação interna), 2003.

ADORNO/ Marcio SELIGMANN-SILVA, São Paulo: Publifolha, 2003.

\_\_\_\_\_. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Revisão técnica Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

ANFOPE – Associação Nacional pela formação dos profissionais da educação. *IX Encontro Nacional – Documento final*. Campinas, 1998.

ANTISERI, D. *História da Filosofia. Do romantismo até nossos dias*. In coleção: Filosofia. São Paulo: Paulinas, 1991.

ALMEIDA. *Gestão de tecnologias, mídias e recursos na escola: compartilhar de significados*. Em Aberto, Brasília, 2008.

ARELARO, L. “*O apagão anunciado de professores na rede pública*”. Jornal O Estado de São Paulo, Seção Aliás J3, acessado: 08/07/2007.

BARRETO, R. G. *Tecnologia e educação: trabalho e formação docente*. Educação e Sociedade. Campinas, v. 25, n. 89, set./dez. 2004.

BECHER JR., P. *A filosofia de Emmanuel Lévinas e aspectos da formação humana*. Tese de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

BELLONI, M. L. *Educação à distância*. Campinas: Autores Associados, 1999.

BRASIL. *Lei Federal n. 9.394/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Decreto Federal n. 2.494/98. Regulamenta o artigo 80 da LDB 9.394/96. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 fev. 1998.

\_\_\_\_\_. *Lei Federal n. 10.172, de 09 de Janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, ano 139, n. 07, 10 jan. 2001 a. Seção 1, p. 1-20.

\_\_\_\_\_. M. L. *Ensaio sobre a educação a distância no Brasil*. Educação & Sociedade, ano XXIII, n° 78, Abril, 2002.

\_\_\_\_\_. *Decreto Federal n. 5.622/05. Regulamenta o artigo 80 da Lei 9.394/96*. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 20 dez. 2005 a.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de educação a distância. 2008b.

Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=content&task=view&id=153&Itemid=290>>. Acesso em: 27 outubro 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Portal da Universidade Aberta do Brasil. 2008c. Disponível em: < <http://uab.capes.gov.br/index.php>>. Acesso em: 11 dezembro 2010.

CHAUI, M. *A universidade pública sob nova perspectiva*. Revista Brasileira de Educação, n. 24, p. 5-15, set./dez.2003.

CERNY, R. Z. *Gestão Pedagógica na Educação a Distância*. Acessado no [http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=8698](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8698). Data: 13/10/2010.

DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre a Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 1998.

DOZOL, M. S. *Da figura do mestre*. Campinas: autores associados; São Paulo: Ed. USP, 2003.

DUARTE, Rodrigo. *Teoria Crítica e Indústria Cultural*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

DURÃO, F. A.; ZUIN, A.; VAZ, A.F (Orgs.). *A Indústria Cultural Hoje*. São Paulo: Boitempo, 2008.

FERREIRA, N. S. C. (Org.). *Formação continuada e gestão da Educação*. São Paulo: Cortez, 2003.

FREITAS, H. C. L. de. *A Nova política de formação de professores: a prioridade postergada*. Educação e sociedade, Campinas, V. 28, n. 100, p. 1203-1230, out. 2007.

GIACÓIA JUNIOR, O. *A Educação em Nietzsche e Adorno*. In Colóquio Internacional Teoria Crítica e Educação. Piracicaba: UNIMEP, 2004.

GIUSTA, Agnela da Silva. *Educação a Distância: contexto histórico e situação atual*. In: GIUSTA, Agnela da Silva; FRANCO, Iara Melo (Org.). Educação à distância: uma articulação entre teoria e prática. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. p. 22-27.



GOUVEIA, G. e OLIVEIRA, C. I. *Educação à distância na formação dos professores: viabilidades, potencialidades e limites*. 2006, p. 34-42; 103-120.

HORKHEIMER, Max. ADORNO, Theodor. *Temas Básicos de Sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: o que o iluminismo?* In: a paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa: Edições 70, 2009.

KENSKI, V. M. *Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância*. Campinas: Papirus, 2004.

LÉVY, PIERRE. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *O que é o Virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MAAR, W. L. *A Guisa de Introdução: Theodor Adorno e a experiência formativa*. In ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. *Adorno, Semiformação e Educação*. In *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 24, n. 83, p. 459-476, agosto 2003 - Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> e [WWW.scielo.br/pdf/](http://WWW.scielo.br/pdf/) p. 01-17, 2003.

\_\_\_\_\_. *Lukács, Adorno e o problema da formação*. **Lua Nova:** Revista de Cultura e Política. Nº 27, São Paulo, Editora Marco Zero, 1992. (p. 171-200).

LIPMAN, M. *O pensar na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MAGNAVITA, G.R.A. *Educação à distância: novas perspectivas para a formação de professores*. Revista FAEBRA – Educação e contemporaneidade. Salvador, v. 12, p. 333-341, jul/dez. 2003.

MATOS, O.C. F. *A Escola de Frankfurt*. Luzes e sombras do Iluminismo. São Paulo: Moderna, 1995.

MOREIRA, M. A. Pesquisa em ensino: o vê epistemológico de Gowin. São Paulo: EPU, 1990.

MINISTÉRIO da Educação/Universidade Aberta do Brasil. Disponível em: [www.uab.mec.gov.br](http://www.uab.mec.gov.br). Acesso em 28/10/2010.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2005.

PUCCI, B. e RAMOS-de-OLIVEIRA, N. *O enfraquecimento da experiência na sala de aula*, Pro. Proposições. Campinas, vol. 18, p. 41-49, 2007.

\_\_\_\_\_, B. *A escola e a semiformação mediada pelas novas tecnologias*. Piracicaba: PPGE/UNIMEP, 2004. In <http://www.unimep.br/phpg>. Acesso: 28/10/2010.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia. De Nietzsche à Escola de Frankfurt*. São Paulo: Paulus, Volume 6, 2006.

ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou da educação*. Tradução Sérgio Milliet. 2 ed. São Paulo: difusão europeia do livro, 1973.

SANTOS, Rosemeire M. R; CARVALHO, Adriana dos Santos; LOPES, Maria Cristina Lima. Educação a distância e suas diferentes formas de aprender – Novas Aprendizizes? Disponível em: [www.abed.org.br/congresso2007](http://www.abed.org.br/congresso2007). Acesso: 22/11/2010.

SOARES, Jorge Coelho. *A “Imaginação Dialética” de Rolf Wiggershaus*. Uma Introdução à obra A Escola de Frankfurt. In: WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt*. São Paulo: Difel, 2002 (Apresentação à edição brasileira).

UNESCO-BRASIL. *A UNESCO e a Educação na América Latina e Caribe*, 1987-1997. In [HTTP://www.unesco.org.br/](http://www.unesco.org.br/). Acesso: 28/10/2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Consórcio Redisul*. Documento de Referência. Florianópolis, 2004.

\_\_\_\_\_. [HTTP://www.ead.ufsc.br/filosofia/](http://www.ead.ufsc.br/filosofia/) – Acessado em 10/10/2010.

\_\_\_\_\_. [HTTP://www.ead.ufsc.br/Guia do Aluno/](http://www.ead.ufsc.br/Guia do Aluno/) – Acessado em 10/10/2010.

VALENTINI, Carla; FAGUNDES, Léa. Ambiente virtuais de aprendizagem: sistema, organização e interação. *Informática da Educação: teoria & prática*. Porto Alegre, v. 4, n.2, p. 109-117, dez. 2001.

ZUIN, Antonio A. S. *Indústria Cultural e Educação: O novo canto da Sereia*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

\_\_\_\_\_. *Educação à distância ou educação distante? O programa Universidade Aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual*. *Educação e sociedade*, Campinas, v. 27, n. 96 – Especial, p. 935-954, out. 2006.

ZUIN, A.; PUCCI, B.; OLIVEIRA, N. R.; *Adorno. O poder educativo do Pensamento Crítico*. Petrópolis, Vozes, 2008.

**ANEXOS / ENTREVISTAS****Curso de Filosofia – EAD – Polo de Videira - SC****Entrevista aplicada aos professores**

Objetivo: conhecer o docente da EAD. Conhecer um pouco do seu trabalho e como percebe a formação no ambiente da EAD.

1. Sexo:

2. Disciplina que administra na EAD:

3. Há quanto tempo trabalha como professor?

Como professor no geral:

Como professor na instituição:

Como professor na EAD:

4. Como você chegou ao contexto da EAD?

5. Qual sua jornada de trabalho presencial e na EAD?

6. Qual a sua concepção de ensinar/aprender na EAD?

7. Qual sua concepção de formação na EAD, especialmente para o curso de Filosofia?

8. A formação do aluno do curso de Filosofia na modalidade a distância fica prejudicada devido a não presença do professor em tempo integral, como no presencial?

9. O curso presencial possibilita uma maior integração Professor/aluno?

10. Considera a sua visita ao polo do curso como um momento muito oportuno para a formação dos alunos?

11. Quanto ao seu material/apostila: é de sua elaboração?

12. Recorreu a algo pronto?

13. Qual a maior dificuldade na preparação do material?

14. Você recebeu alguma preparação ou formação para o início da atividade docente virtual?

15. Existem programas de formação continuada para os docentes virtuais?

16. Você autoriza publicar sua entrevista?

17. Você gostaria de receber a transcrição desta entrevista por e-mail?

( ) Sim, quero receber a transcrição, lê-la e dar um retorno quanto à sua integridade

( ) sim, quero receber a transcrição para arquivo

( ) não há necessidade do envio desta transcrição

E-mail:

**Entrevista aplicada a um Tutor da EAD do curso de Filosofia**

Objetivo: conhecer o papel do Tutor da EAD. Conhecer um pouco do seu trabalho e como percebe a formação no ambiente da EAD.

1. Sexo:
  2. Atribuição do cargo/tempo, período
  3. Há quanto tempo atua como tutor e em qual polo?
  4. Como percebe a formação no curso de Filosofia da EAD?
  5. Quais as maiores dificuldade desta modalidade para o curso de Filosofia?
  6. A formação dos alunos fica prejudicada pela impossibilidade de o professor estar presente no dia a dia da sala de aula?
  7. Como acontece a relação ensino/aprendizagem no contexto da EAD (perdas e ganhos)
  8. Os alunos conseguem tirar suas dúvidas/conflitos nesta modalidade? O Tutor tem participação efetiva para a resolução das mesmas?
  9. Como avalia a sua participação na formação dos alunos de Filosofia da EAD?
  10. Você autoriza publicar sua entrevista?
  11. Você gostaria de receber a transcrição desta entrevista por e-mail?  
( ) Sim, quero receber a transcrição, lê-la e dar um retorno quanto à sua integridade  
( ) sim, quero receber a transcrição para arquivo  
( ) não há necessidade do envio desta transcrição
- E-mail:

**Entrevista aplicada aos Alunos**

Objetivo: conhecer o Aluno da EAD. Conhecer um pouco do seu dia a dia de aluno e como percebe a formação no ambiente da EAD.

1. Sexo
2. Polo a que pertence, semestre que cursa?
3. O que o fez optar pela modalidade de EAD?
4. Como percebe o ensino/aprendizagem neste contexto?
5. Consegue resolver suas dúvidas, inquietações e produzir os seus trabalhos sem a presença do professor?
5. O Tutor tem papel decisivo para a compreensão do material para as aulas?
6. Acha que a sua formação está sendo bem conduzida neste na modalidade EAD?
7. Já fez algum curso na modalidade presencial? Qual? Quando concluiu?
8. Se sim. Na relação perdas e ganhos entre presencial e EAD, qual sua avaliação?
9. O que poderia melhorar para seu curso ser mais aproveitado?
10. Considera o seu curso como de boa qualidade? Comente.
11. Você autoriza publicar sua entrevista?
12. Você gostaria de receber a transcrição desta entrevista por e-mail?  
( ) Sim, quero receber a transcrição, lê-la e dar um retorno quanto à sua integridade  
( ) sim, quero receber a transcrição para arquivo  
( ) não há necessidade do envio desta transcrição

Email:

